

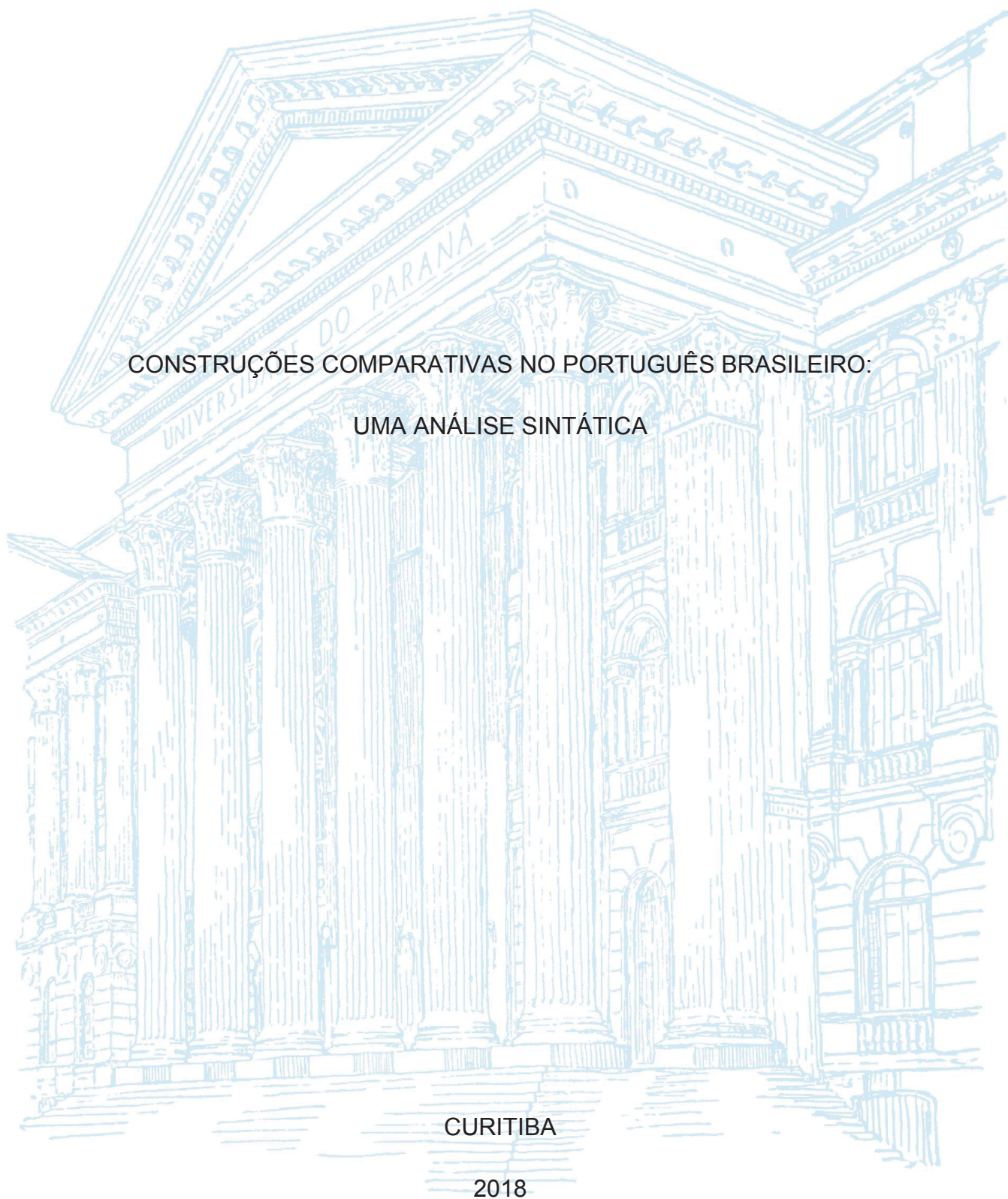
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VITOR RODRIGO DINIZ

CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
UMA ANÁLISE SINTÁTICA

CURITIBA

2018



VITOR RODRIGO DINIZ

CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
UMA ANÁLISE SINTÁTICA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Rodrigues

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE
BIBLIOTECAS/UFPR-BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS
COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR
Bibliotecária: Rita de Cássia Alves de Souza – CRB9/816

Diniz, Vitor Rodrigo.

Construções comparativas no português brasileiro: uma análise
sintática / Vitor Rodrigo Diniz. – Curitiba, 2018.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Rodrigues.

1. Língua portuguesa - Sintaxe. 2. Língua portuguesa – português
falado – Brasil. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.

CDD 469.798

ATA Nº873

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS

No dia vinte e seis de julho de dois mil e dezoito às 14:00 horas, na sala 1013, Rua General Carneiro 460- Ed. D. Pedro I, foram instalados os trabalhos de arguição do mestrando **VITOR RODRIGO DINIZ** para a Defesa Pública de sua Dissertação intitulada **Construções comparativas no português brasileiro: uma análise sintática**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: PATRÍCIA DE ARAUJO RODRIGUES (UFPR), LUISANDRO MENDES DE SOUZA (UFRGS), MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN (UFPR). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra ao discente, para que o mesmo expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. O aluno respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, reuniu-se e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela aprovação do aluno. O mestrando foi convidado a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, PATRÍCIA DE ARAUJO RODRIGUES, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Curitiba, 26 de Julho de 2018.



PATRÍCIA DE ARAUJO RODRIGUES
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)



LUISANDRO MENDES DE SOUZA
Avaliador Externo (UFRGS)



MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN
Avaliador Interno (UFPR)

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **VITOR RODRIGO DINIZ** intitulada: **Construções comparativas no português brasileiro: uma análise sintática**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 26 de Julho de 2018.



PATRÍCIA DE ARAUJO RODRIGUES
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)



LUISANDRO MENDES DE SOUZA
Avaliador Externo (UFRGS)



MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN
Avaliador Interno (UFPR)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha professora e orientadora Patrícia Rodrigues por ter tido paciência comigo e por ter compartilhado o gosto pela investigação em Sintaxe ainda durante a graduação. Agradeço muito pelas leituras cuidadosas, pelos comentários sempre valiosos e pelas conversas reconfortantes. Muito obrigado pela confiança depositada em mim!

Quero agradecer à professora ‘da casa’ Maria José Foltran e ao professor ‘de fora da casa’ Luisandro Mendes de Souza por terem gentilmente aceito o convite para participar da banca de qualificação bem como da banca de defesa. Agradeço pelo tempo que disponibilizaram, pelas viagens que fizeram e, sobretudo, pela contribuição em inúmeras questões, com sugestões e comentários muito pertinentes e enriquecedores.

Agradeço aos demais docentes do Departamento de Linguística da UFPR pelo papel que tiveram na minha formação acadêmica. MUITÍSSIMO OBRIGADO!

À UCAP da UFPR, por ter me concedido uma licença de três meses de dispensa de trabalho na reta final de escrita da dissertação. Foram indispensáveis para que eu pudesse terminá-la.

Aos meus pais, pelo incentivo e apoio que sempre me deram, por respeitarem minha autonomia e minhas decisões, pelo amor e carinho.

Aos meus irmãos, por terem crescido na ausência do irmão mais velho que saiu da casa dos pais para ir estudar fora. Espero que me entendam.

Quero também deixar o meu agradecimento a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para a concretização deste trabalho:

Àqueles que me ajudaram com juízos de outras línguas, meus amigos italianos Enrico Tesi e Davide Cigna, meus amigos e professores de espanhol Leandro Rodrigues dos Santos e Josilene Cardoso.

Aos demais amigos que tiveram paciência (ou não), que me ouviram falar tantas vezes do meu trabalho (mesmo sem entender nada), que ouviram muitas vezes de mim: “não posso”, “tenho que fazer o meu trabalho”, “só depois que eu acabar”.

Uma dissertação é sempre um trabalho relativamente solitário. Por mais que se discutam os assuntos com outras pessoas, o processo de escrita cabe só a uma, que, neste caso, sou eu. Assim, termino este trabalho com a sensação de

que haveria muito mais a se dizer e de que tenho mais perguntas do que respostas.

“Io sono giunto a credere che
il mondo intero è un enigma,
un enigma innocuo che è reso terribile
dalla nostra pessima idea di interpretarlo
come se avesse una verità fondamentale.”

UMBERTO ECO

“Eu fui levado a acreditar que
o mundo inteiro é um enigma,
um enigma inofensivo que se tornou terrível
pela nossa péssima ideia de interpretá-lo
como se ele tivesse uma verdade fundamental.”

Tradução minha

RESUMO

Esta dissertação discute aspectos sintáticos das construções comparativas no Português Brasileiro (PB). Além de tentar reunir uma literatura sobre o assunto com orientação formal e descritiva, de uma maneira bastante geral, o principal objetivo é tentar discutir critérios sintáticos que ajudem a identificar (com mais facilidade, talvez, com mais precisão) uma estrutura de natureza comparativa. Entre os autores, discute-se principalmente se as construções comparativas são estruturas subordinadas adverbiais (cf. Said Ali, 1931; Cunha & Cintra, 1984; Bechara, 1999; entre outros), subordinadas complementos ou adjuntos da categoria funcional Deg (cf. Bresnan, 1973; Chomsky, 1977; von Stechow, 1984; Abney, 1987; Larson, 1988; Kennedy, 1997; Lechner, 1999; entre outros), subordinadas relativas (cf. Donati, 1997; Marques, 2003; entre outros) ou estruturas coordenadas (cf. Napoli, 1983; Moltmann, 1992; Hendriks, 1995; Matos & Brito, 2002; entre outros). Baseando-se em estudos da área, põe-se a questão de saber se se justifica a identificação das construções comparativas a um conjunto de estruturas a que a tradição gramatical chama de subordinadas adverbiais, ou se as comparativas possuem características e comportamentos que as aproximam de outros tipos de subordinadas ou de estruturas coordenadas. A especificidade das comparativas justifica uma análise diferente, pois trata-se de orações que se distinguem sob vários aspectos das estruturas adverbiais típicas. Dessa maneira, entre outras questões, há o interesse particular em descrever qual o estatuto sintático das construções comparativas e qual papel desempenham os seus conectores, para, talvez, num segundo momento, se pensar em propostas mais adequadas de classificação para as mesmas.

Palavras-chave: construções comparativas; comparação; subordinação; coordenação; sintaxe.

ABSTRACT

This dissertation discusses syntactic aspects of comparative constructions in Brazilian Portuguese (BP). In addition to trying to gather a literature about the subject with a formal and descriptive orientation, in a rather general way, the main objective is to try to discuss syntactic criteria that allow to identify (more easily, perhaps more accurately) a structure of comparative nature. Among the authors, it is mainly discussed whether comparative constructions are adverbial subordinate structures (see Said Ali, 1931; Cunha & Cintra, 1984; Bechara, 1999; among others), complements or attachments of Deg (see Bresnan, 1973; Chomsky, 1977; von Stechow, 1984; Abney, 1987; Larson, 1988; Kennedy, 1997; Lechner, 1999; among others), relative structures (see Donati, 1997; Marques, 2003; among others) or coordinate structures (see Napoli, 1983; Moltmann, 1992; Hendriks, 1995; Matos & Brito, 2002; among others). Based on studies of the area, the question arises as to whether the comparative constructions can be identified to a set of structures to which the grammatical tradition calls adverbial subordinates, or if the comparatives have characteristics and behaviors that approximate them other subordinate types or coordinate structures. The specificity of the comparatives justifies a different analysis, since these are constructions that are distinguished under several aspects of the typical adverbial structures. In this way, among other issues, there is a particular interest in describing the syntactic status of the comparative constructions, namely what structural positions they may occupy, and what role their connectors play, in order to think of more appropriate proposals for classification for them in the future.

Keywords: comparative constructions; comparison; subordination; coordination; syntax.

TABELAS

TABELA 1 - RESULTADOS DOS TESTES DAS SEÇÕES 4.1 E 4.2 _____ 112

ABREVIATURAS E/OU SIGLAS

ADJ	Adjetivo
ADV	Advérbio
AP	Adjective Phrase ou Sintagma Adjetival
ATB	Movimento Across-The-Board
CO	Comparativa Oracional
CoP	Coordination Phrase ou Sintagma Coordenativo/de Coordenação
CP	Complementizer Phrase ou Sintagma Complementizador
CS	Comparativa Sintagmática
DA	Direct Analysis
Deg	Categoria Funcional Degree (Grau)
DegP	Degree Phrase ou Sintagma de Grau
DP	Determiner Phrase ou Sintagma Determinante
IP	Inflection Phrase ou Sintagma Flexional/de Flexão
N	Nome
NP	Noun Phrase ou Sintagma Nominal
NUM	Número
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PP	Prepositional Phrase ou Sintagma Preposicional
QP	Quantifier Phrase ou Sintagma Quantificacional/de Quantificação
Quant	Quantidade/Quantificador
RA	Reduction Analysis
REC	Restrição da Estrutura Coordenada
RNR	Right Node Raising
SA	Sintagma Adjetival
SN	Sintagma Nominal
SV	Sintagma Verbal
TP	Tense Phrase ou Sintagma de Tempo
V	Verbo
VP	Verb Phrase ou Sintagma Verbal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Objetivos do trabalho	15
1.2	Breve apresentação do quadro teórico	19
1.3	Estrutura da dissertação	21
2	PANORAMA GERAL DA COMPARAÇÃO	24
2.1	Definindo o conceito de “construções comparativas”	24
2.1.1	<i>Elementos constitutivos das construções comparativas</i>	24
2.1.2	<i>Hipótese da unidade semântico-sintática entre os elementos constitutivos das construções comparativas</i>	28
2.1.3	<i>Classes de palavras que podem se associar ao primeiro elemento constitutivo da comparação e natureza categorial dos termos comparados</i>	30
2.1.4	<i>Comparativas oracionais (COs) e comparativas sintagmáticas (CSs)</i>	33
2.2	Outros tipos de comparações e construções aparentadas	35
2.3	Síntese do capítulo	43
3	FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS QUE TAMBÉM OCORREM EM OUTRAS CONSTRUÇÕES	45
3.1	Grau/intensidade/quantidade	45
3.2	Elipses	53
3.2.1	<i>Recuperação do material omitido</i>	55
3.2.2	<i>Estrutura dos constituintes omitidos</i>	56
3.2.3	<i>Domínios sintáticos de ocorrência das elipses</i>	57
3.2.4	<i>Tipologia das elipses</i>	58
3.3	Movimentos sintáticos	62
3.4	Elipses e movimentos em construções comparativas	65
3.5	Síntese do capítulo	71
4	PRINCIPAIS ANÁLISES DISPONÍVEIS NA LITERATURA PARA AS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS	73
4.1	Estruturas subordinadas	73
4.1.1	<i>Tradição gramatical: subordinadas adverbiais</i>	73
4.1.2	<i>Subordinadas complementos ou adjuntos de Deg</i>	77
4.1.3	<i>Subordinadas relativas ou adjetivas</i>	80

4.2	Estruturas coordenadas	86
4.3	Síntese do capítulo	93
5	ANÁLISE DOS ASPECTOS SINTÁTICOS DAS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS NO PB	96
5.1	Subordinação vs. coordenação	96
5.2	Construções comparativas	105
5.3	Análises das construções comparativas	112
5.3.1	<i>Comparativas como subordinadas adverbiais</i>	112
5.3.2	<i>Comparativas como subordinadas complementos ou adjuntos de Deg</i>	115
5.3.3	<i>Comparativas como subordinadas relativas</i>	118
5.3.4	<i>Comparativas como estruturas coordenadas</i>	123
5.4	Síntese do capítulo	131
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
	REFERÊNCIAS	140

1 INTRODUÇÃO

1.1 Objetivos do trabalho

Este trabalho incide fundamentalmente sobre o português falado no Brasil (português brasileiro, doravante PB) e tem como objetivo contribuir para o conhecimento do comportamento sintático das construções chamadas de comparativas (cf. (1)). Tem, contudo, subjacente a preocupação de comparar o PB com outros sistemas de um domínio empírico mais vasto. Assim, também contemplará alguns dados de outras línguas, principalmente do italiano e do inglês.

- (1)
- a. O novo edifício vai ser *mais* alto *do que* o anterior.
 - b. O Pedro canta *tão* bem *quanto* o Paulo.
 - c. O preço do diesel subiu *tanto quanto* o preço da gasolina.
 - d. O Pedro ganhou *menos* presentes *do que* o Paulo.

De um ponto de vista meramente descritivo, tanto quanto me é dado saber, ainda não existe um estudo sintático sistemático sobre essas construções com incidência no português. Dessa maneira, o estudo dessas estruturas justifica-se por diferentes motivos. Numa perspectiva global, poderá contribuir para o conhecimento das estruturas complexas em geral e para as do português em particular, detectando eventuais especificidades do português quando confrontado com outras línguas. Essa descrição poderá eventualmente servir a diferentes aplicações, como por exemplo, o ensino do português como língua materna e como língua estrangeira.

No ensino do português, não cabe apenas agir no sentido de os alunos ampliarem seu domínio das atividades de fala e escrita. Junto com essa tarefa, que é a parte central do ensino, é necessário realizar sempre uma ação reflexiva sobre a própria língua, integrando as atividades verbais e o pensar sobre elas. Estudar os tipos de conjunções e orações, por exemplo, tem sentido se o fizermos explorando suas funções textuais, como parte do trabalho de controle dos processos estruturadores do texto; ou se o fizermos explorando as correlações sinonímicas de construções coordenadas e

subordinadas, como parte do estudo dos recursos expressivos à disposição dos falantes.

É inútil reduzir o estudo das estruturas complexas à distribuição das conjunções e à classificação das orações. O estudo de conteúdos gramaticais faz sentido quando feito de forma contextualizada, ou seja, relacionado às atividades que visam o domínio das práticas de fala e escrita. Além disso, sua análise deve ser feita de modo a destacar a flexibilidade estrutural da língua e a consequente riqueza expressiva à disposição dos falantes: nenhuma língua é um conjunto rígido de expressões. Sua organização estrutural se caracteriza como um vasto universo de variedades expressivas, de formas alternativas, o que implica antes escolha que submissão.

Numa perspectiva mais teórica, no âmbito da teoria de princípios e parâmetros da gramática gerativa, pouca atenção tem sido dada ao comportamento sintático das construções comparativas no PB. Num momento em que se afirmam várias propostas teóricas que tendem para uma simplificação da gramática, reduzindo os seus conceitos operatórios ao mínimo indispensável, o estudo das comparativas coloca várias questões interessantes.

Uma delas diz respeito à distinção entre comparativas oracionais (COs), quando o segundo termo da comparação possui um verbo expresso, e comparativas sintagmáticas (CSs), quando o segundo termo da comparação não possui um verbo expresso. Há autores (cf. Hankamer, 1973; Napoli, 1983; Heim, 1985) que afirmam que sentenças como as indicadas em (2) são formadas por duas orações, enquanto sentenças como as indicadas em (3) são compostas por uma única oração, sendo que à direita de *do que* ou de *quanto* ocorre um sintagma nominal.

- (2) a. A prova estava mais fácil do que o Pedro dizia.
b. O edifício era tão antigo quanto parecia ser.
- (3) a. O Paulo é mais alto do que a Ana.
b. O Paulo é tão ambicioso quanto a Ana.

Outros autores (cf. von Stechow, 1984; Marques, 2003) defendem que à direita de *do que* ou de *quanto* sempre ocorre uma oração, sendo que, em casos como os de (3), o sintagma verbal se encontra elidido, como indicado em (4). Nessa hipótese, as construções comparativas são sempre constituídas por duas orações.

- (4) a. O Paulo é mais alto do que a Ana [~~é alta~~].
b. O Paulo é tão ambicioso quanto a Ana [~~é ambiciosa~~].

Outro aspecto interessante que divide os autores diz respeito à unidade semântico-sintática dos elementos constitutivos da comparação. Segundo Matos & Brito (2003), *mais/menos... do que* e *tão/tanto... quanto* não formam constituintes sintáticos, já que, como podemos ver em (2a) e (3a), *mais* ocorre separado de *do que* e, em (2b) e (3b), *tão* ocorre separado de *quanto*, sugerindo que os constituintes sintáticos são, por um lado, as sequências *mais/menos/tão/tanto* + *adjetivo/advérbio/nome* e, por outro, as sequências *do que/quanto* + *SV/SN*.

Já Marques (2013) afirma que *mais/menos... do que* e *tão/tanto... quanto* formam constituintes sintáticos, mas de natureza descontínua. De acordo com essa hipótese, *mais/menos... do que* e *tão/tanto... quanto* formam uma unidade a nível semântico e sintático, apesar de *do que* e de *quanto* terem autonomia sintática e poderem ser separados de *mais/menos* e de *tão/tanto*, respectivamente.

Na literatura há muita controvérsia sobre o estatuto sintático das construções comparativas. Discute-se principalmente se são estruturas de subordinação ou de coordenação. A gramática tradicional classifica as orações comparativas como subordinadas adverbiais (cf. Said Ali, 1931; Cunha & Cintra, 1984; Bechara, 1999; entre outros). No quadro dos estudos gerativos, elas são tratadas como subordinadas complementos ou adjuntos da categoria funcional Deg (cf. Bresnan, 1973; Chomsky, 1977; von Stechow, 1984; Abney, 1987; Larson, 1988; Kennedy, 1997; Lechner, 1999; entre outros), subordinadas relativas (cf. Donati, 1997; Marques, 2003; entre outros) e também há estudos que defendem que as construções comparativas, na sua totalidade ou parcialmente, se identificam com as estruturas coordenadas (cf.

Napoli, 1983; Moltmann, 1992; Hendriks, 1995; Matos & Brito, 2002; entre outros).

Como observam Quirk et al. (1985), por exemplo, nem sempre é fácil a distinção entre as orações adverbiais, tradicionalmente tratadas na subordinação, e certas estruturas tradicionalmente tratadas na coordenação. A aproximação lógica de adverbiais e de coordenadas reflete-se por vezes em comportamentos sintáticos semelhantes, levando a que nem sempre seja fácil estabelecer uma linha demarcadora entre subordinação e coordenação.

Desse modo, põe-se a questão de saber se se justifica a identificação das construções comparativas a um conjunto de estruturas a que a tradição chama de subordinadas adverbiais, ou se as comparativas possuem características e comportamentos que as aproximam de outras estruturas, como as subordinadas relativas ou as estruturas coordenadas. A especificidade das construções comparativas justifica uma análise diferente das outras adverbiais, pois trata-se de construções que se distinguem sob vários aspectos das restantes estruturas adverbiais. Dessa maneira, há o interesse particular em descrever o comportamento sintático das comparativas para, talvez, se pensar em propostas mais adequadas de classificação para as mesmas.

Além disso, o estudo das comparativas torna-se um campo ainda mais nebuloso porque vários fenômenos linguísticos que ocorrem nas construções comparativas ocorrem também em outras construções da língua: grau, quantidade e intensidade; elipse do SV, anáfora do complemento nulo, elipse lacunar, extração de elemento QU-, movimento-ATB e outros tipos de elipses e movimentos.

Resumindo, o principal objetivo desse trabalho é tentar contribuir para o conhecimento sintático das construções comparativas, procurando dar um tratamento global e motivado à generalidade das estruturas comparativas do português (de superioridade, de inferioridade e de igualdade). Entre outras questões, busca-se discutir qual o estatuto sintático das construções comparativas e qual papel podem desempenhar os seus conectores.

Dentre as principais análises disponíveis na literatura, discute-se principalmente se as construções comparativas são estruturas de subordinação ou de coordenação. Baseando-se em estudos da área, este trabalho pretende analisar o comportamento sintático das construções comparativas no PB, comparando-o com os aspectos sintáticos das estruturas subordinadas adverbiais (classificação tradicional), das subordinadas relativas e das estruturas coordenadas.

Limitando-se às construções comparativas no PB, este trabalho busca discorrer sobre as generalizações que podem ser feitas acerca dessas estruturas, investigando os tipos de relações que se estabelecem entre os seus conectores e tentando apontar, na medida do possível, qual análise proposta é a mais adequada para dar conta das propriedades sintáticas dessas construções.

1.2 Breve apresentação do quadro teórico

O quadro teórico em que se inscreve este trabalho é o do modelo de princípios e parâmetros na sua versão minimalista, mais conhecido como Programa Minimalista - PM (cf. Chomsky, 1993, 1995, 2001), que tem como objetivo procurar saber até que ponto a faculdade da linguagem é concebida como um sistema baseado num princípio de economia, que só legitima as operações estritamente necessárias, e computacionalmente eficaz para um uso ótimo.

No PM, a gramática é constituída por um léxico, um componente computacional (a sintaxe, num sentido restritivo), e dois componentes interpretativos (o componente fonológico e o componente semântico), que estabelecem a ponte com o sistema articulatorio-perceptivo (ou sensório-motor), por um lado, e com o sistema conceptual-intencional, por outro.

A gramática de cada língua (e de cada indivíduo) é constituída por um conjunto de princípios de carácter universal e por parâmetros que idealmente se reduzem a propriedades do léxico e das categorias funcionais disponíveis em cada língua. Os princípios são leis válidas para todas as línguas naturais e os

parâmetros são propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pelas diferenças entre as línguas.

Chomsky propõe a divisão da língua em “língua externa” (língua-E) - no sentido em que o construto é compreendido independentemente das propriedades da mente/cérebro - e “língua interna” (língua-I) - um elemento que existe na mente da pessoa que conhece a língua, adquirido por quem aprende e usado pelo falante-ouvinte.

A língua-E é um fenômeno sociocultural porque é compartilhada pelos indivíduos que integram uma mesma sociedade, compartilhando a mesma cultura, e é um fenômeno histórico porque é construído ao longo do tempo. A língua-I é o conjunto de capacidades e habilidades mentais que fazem com que um indivíduo particular seja capaz de produzir e compreender um número potencialmente infinito de expressões linguísticas na língua de seu ambiente.

Ao ser concebido, um indivíduo humano herda da evolução de sua espécie um conjunto de instruções genéticas que orientam o desenvolvimento de seu corpo e comportamento. Uma dessas heranças biológicas é a faculdade da linguagem. Tendo essa faculdade, o ser humano é capaz, desde seu nascimento, de começar a perceber e processar a língua-E de seu ambiente para retirar informações que criarão sua língua-I, isto é, seu conhecimento linguístico.

A língua do ambiente nos fornece os fonemas, morfemas, palavras, etc., mas é a nossa língua-I que coloca tudo isso em uso, criando e compreendendo frases e discursos novos a cada momento de uso da linguagem. Nossa habilidade para produzir e compreender a linguagem é inconsciente. Nossa língua-I é, portanto, algo que usamos a todo momento de maneira tácita.

Para a linguística gerativa, o interesse de estudo acerca das línguas-E concentra-se na descrição das informações que estão codificadas no léxico dessas línguas. O interesse do gerativista recai sobre o fato de a mente humana ser capaz de adquirir essas informações, sejam quais forem, para, a partir delas, produzir e compreender expressões linguísticas.

Cada pessoa passa por experiências diferentes, o que faz com que elas adquiram gramáticas diferentes uma das outras. Assim, no conceito de língua-I, duas pessoas não teriam a mesma língua. O entendimento é possível, pois adquirimos gramáticas próximas, pois os dados que ouvimos são semelhantes. No estudo da língua-I, os linguistas estão interessados em descobrir como é a natureza psicológica e neurológica da linguagem na espécie humana. A abordagem da língua como língua-I é, portanto, característica das ciências da cognição e complementa-se à noção de língua-E, típica das ciências sociais.

1.3 Estrutura da dissertação

Esse estudo, que toma como referência o quadro teórico da teoria de princípios e parâmetros, tem como principal objetivo contribuir para o conhecimento do comportamento sintático das construções comparativas do português, fornecendo descrições e análises que permitam, no vasto conjunto dessas construções, identificar uma estrutura comparativa canônica.

O trabalho está organizado em quatro partes. Inicialmente, procura-se definir o domínio de estudo, fixando os limites do que se entende por “construção comparativa” e identificando subtipos destas construções que foram individualizados na literatura.

Desse modo, num primeiro momento, apresentaremos os aspectos gerais que envolvem as construções comparativas no PB, como seus elementos constitutivos, a correlação e a hipótese da unidade semântico-sintática entre os elementos constitutivos, as classes de palavras que podem se associar ao primeiro elemento constitutivo da comparação, a natureza categorial dos termos comparados e a distinção entre comparativas oracionais e comparativas sintagmáticas. Em seguida, veremos outros tipos de comparações e construções aparentadas, para podermos situar melhor as diferenças entre construções comparativas canônicas e outros tipos de comparações.

Na segunda parte, descreveremos alguns fenômenos linguísticos que tangem tanto as construções comparativas quanto outras estruturas. Discutiremos propriamente os conceitos de grau/quantidade/quantificação, os

vários fenômenos de elipse que envolvem as comparativas e outras estruturas da língua, as extrações e os movimentos.

No capítulo 3, apresentaremos as principais análises disponíveis na literatura para as construções comparativas. A descrição sintática das construções comparativas é o objetivo central do trabalho, pelo que são substanciais as diferenças entre as análises das construções comparativas propostas na literatura, como considerar-se que, sintaticamente, são estruturas de subordinação ou estruturas de coordenação.

Na tradição gramatical, as construções comparativas são estruturas de subordinação adverbial. E, no quadro dos estudos gerativos, são tratadas como subordinadas complementos ou adjuntos de Deg, como subordinadas relativas e ainda como estruturas de coordenação.

No último capítulo, primeiramente buscaremos distinguir as estruturas subordinadas e as coordenadas, através da aplicação de diferentes critérios sintáticos. Em seguida, analisaremos os aspectos sintáticos das construções comparativas, suas estruturas sintáticas e o papel desempenhado pelos seus conectores. Depois buscaremos confrontar as propriedades sintáticas das construções comparativas com as propriedades sintáticas das estruturas sintáticas mais evidentes (subordinação adverbial, subordinação relativa e coordenação).

Constataremos que as construções comparativas comportam-se de uma maneira muito semelhante com as estruturas de coordenação, das quais se aproximam em muitos aspectos e compartilham muitas propriedades: impossibilidade de clivagem, impossibilidade de anteposição, impossibilidade de haver extração de constituintes, possibilidade de o conector ligar constituintes não oracionais, possibilidade de o conector introduzir uma oração infinitiva e possibilidade de ocorrência de elipse lacunar.

Em relação aos vários fenômenos de elipse, as construções comparativas se comportam de um modo muito semelhante ao das coordenadas, apresentando paralelismo em relação à elipse do SV, à anáfora

do complemento nulo e à elipse lacunar, que é um tipo de elipse característico da coordenação e excluído do domínio da subordinação.

Também constataremos que as comparativas oracionais bem como as estruturas coordenadas são ilhas à extração por movimento de apenas um elemento QU-, apresentando os efeitos da REC, porém, essa extração é permitida desde que seja realizada simultaneamente (movimento-ATB), afetando os dois termos comparados ou coordenados.

2 PANORAMA GERAL DA COMPARAÇÃO

As sentenças comparativas geralmente estão divididas em dois grandes grupos: as construções comparativas canônicas; e outros tipos de comparações e construções aparentadas. A principal distinção entre esses grupos é que, diferente das construções comparativas canônicas, outros tipos de comparações e construções aparentadas não possuem uma sintaxe específica envolvendo a presença dos elementos constitutivos da comparação, nem o foco da comparação incide sobre o grau de intensidade de uma propriedade ou estado de coisas ou sobre a quantidade das entidades referidas. (MATOS & BRITO, 2003, p. 732).

Neste primeiro capítulo, apresentaremos inicialmente as características que definem as construções comparativas canônicas: seus elementos constitutivos, a correlação e a hipótese da unidade semântico-sintática entre os elementos constitutivos, as classes de palavras que podem se associar ao primeiro elemento constitutivo da comparação, a natureza categorial dos termos comparados e a distinção entre comparativas oracionais e comparativas sintagmáticas. Em seguida, veremos outros tipos de comparações e construções aparentadas, para podermos situar melhor as diferenças entre construções comparativas canônicas e outros tipos de comparações.

2.1 Definindo o conceito de “construções comparativas”

2.1.1 Elementos constitutivos das construções comparativas

Segundo Matos & Brito (2003), a característica central de uma construção comparativa é o estabelecimento de uma comparação entre duas expressões linguísticas - através do elemento constitutivo *do que* ou *quanto/como*¹ - tendo em vista o grau de intensidade das propriedades ou

¹ Em português europeu (doravante PE), Matos & Brito (2003) e Marques (2013) afirmam que *como* é equivalente a *quanto* nas comparativas de igualdade. Em PB, parece que *como* e *quanto* não têm a mesma correspondência, pois falantes do PB parecem não aceitar com tanta facilidade construções comparativas com *como*.

estados de coisas por elas denotados ou as quantidades das entidades nelas referidas.

De acordo com Marques (2013), as construções comparativas envolvem a ordenação de graus ou quantidades entre os dois termos comparados, que é veiculada pelos elementos constitutivos *mais*, *menos* ou *tão/tanto*.

Essas construções podem indicar que um grau (ou uma quantidade) é superior, inferior ou igual a outro. Em PB, usam-se *mais... do que* para a comparativa de superioridade, *menos... do que* para a comparativa de inferioridade e *tão/tanto(a,os,as)... quanto* para a comparativa de igualdade, sendo que a forma *tão... quanto* ocorre diante de adjetivos e advérbios, *tanto... quanto* diante de verbos e *tanto(a,os,as)... quanto* diante de nomes.

Nas sentenças abaixo, (5a) indica que o grau da altura do novo edifício vai ser superior ao grau da altura do edifício anterior, (5b) indica que o grau em que o Pedro canta bem é igual ao grau em que o Paulo canta, (5c) indica que o grau da subida do preço do diesel foi igual ao grau da subida do preço da gasolina e (5d) indica que a quantidade de presentes que o Pedro ganhou é inferior à quantidade de presentes que o Paulo ganhou.

- (5) a. O novo edifício vai ser *mais* alto *do que* o anterior.
- b. O Pedro canta *tão* bem *quanto* o Paulo.
- c. O preço do diesel subiu *tanto quanto* o preço da gasolina.
- d. O Pedro ganhou *menos* presentes *do que* o Paulo.

Apesar de sabermos que ainda é possível a realização da forma *tanto(a,os,as)... quanto(a,os,as)* diante de nomes (cf. (6)), parece que essa forma não é a mais produtiva em PB e pode ser substituída por *tanto(a,os,as)... quanto* (cf. (7)).

- (6) a. O Pedro ganhou tantos presentes quantos o Paulo ganhou.
- b. O Paulo gastou tanta água quanta a Ana gastou.
- c. A associação acolheu tantas crianças quantas podia acolher.
- (7) a. O Pedro ganhou tantos presentes quanto o Paulo.
- b. O Paulo gastou tanta água quanto a Ana.

c. A associação acolheu tantas crianças quanto podia acolher.

Para Quirk et al. (1985), de um modo geral, um traço essencial da construção comparativa é a existência de um elemento comum aos dois membros comparados. Em uma formulação bem simples, pode-se dizer que, nas construções comparativas, duas sentenças são comparadas a respeito de algo que têm em comum.

Neves, Braga & Dall’Aglio-Hattner (2008) analisam construções comparativas que também se fixam no que é diferente, e não no que é comum. Neste caso, a estrutura semântica da construção comparativa apresenta “eventos paralelos”, como podemos ver em (8):

(8) Hoje em dia se vê *mais* televisão *do que* antigamente se ouvia rádio.

Nesta sentença, podemos dizer que existe um evento relacionado à expressão *hoje em dia se vê televisão* e outro evento identificado pela expressão *antigamente se ouvia rádio*. E o grau em que hoje em dia se vê televisão é superior ao grau em que antigamente se ouvia rádio.

De cunho funcionalista, o trabalho de Neves, Braga & Dall’Aglio-Hattner (2008) considera como critério de análise das construções comparativas o tipo de relação lógico-semântica que expressam e a correlação ou a relação de interdependência com a oração nuclear a que se vinculam.

Segundo essas autoras, a relação de interdependência está estreitamente vinculada pelas expressões conectivas, que é a marca principal das estruturas correlativas: *não só... mas também* (correlativa aditiva), *seja... seja* (correlativa alternativa), *tanto... que* (correlativa consecutiva) e *mais... do que* (correlativa comparativa).

Como podemos observar, o primeiro elemento constitutivo de uma construção comparativa (*mais/menos* e *tão/tanto*) deve ser obrigatoriamente expresso, pois a sua omissão provoca inaceitabilidade, uma vez que não é recuperável:

(9) a. *A associação acolheu crianças quanto podia acolher.

- b. *O Pedro escreveu livros quanto o Paulo.
- c. *O Pedro tem livros do que a Ana.
- d. *O Pedro é estudioso do que o irmão.

Uma das características fundamentais das construções comparativas é a correlação entre os elementos constitutivos da comparação, isto é, *mais/menos* é correlativo a *do que* e *tão/tanto* é correlativo a *quanto*.

Se a correlação for interrompida, mantendo-se a entoação declarativa e fora de um contexto situacional ou linguístico específico, as sentenças passam a ser sentidas como incompletas, como demonstra (10):

- (10) a. ?A associação acolheu tantas crianças.
- b. *Quanto podia acolher.
- c. ?O Pedro tem menos livros.
- d. *Do que a Ana.

Se a correlação for trocada, as sentenças passam a ser agramaticais, como demonstra (11):

- (11) a. *A associação acolheu tantas crianças do que podia acolher.
- b. *O Pedro escreveu menos livros quanto o Paulo.
- c. *O Pedro tem tantos livros do que a Ana.
- d. *O Pedro é mais estudioso quanto o irmão.

Autores como Matos & Brito (2003) e Marques (2013) afirmam que, em PE, *como* é equivalente a *quanto* nas comparativas de igualdade, ou seja, as duas palavras possuem o mesmo estatuto gramatical, estabelecendo as mesmas relações e funcionando da mesma maneira, conforme (12) e (13):

- (12) a. O Paulo é tão alto como a Ana.
- b. O Paulo come tanto como a Ana.
- (13) a. O Paulo é tão alto quanto a Ana.
- b. O Paulo come tanto quanto a Ana.

Matos & Brito também afirmam que, apesar de poder ser omitido, *tão/tanto* se encontra implicitamente presente nessas construções. Contudo,

como demonstram os exemplos abaixo, quando utilizamos *como*, o elemento constitutivo *tão/tanto* pode ser omitido (cf. (14)), mas, quando utilizamos *quanto*, o mesmo fenômeno não acontece (cf. (15)).

- (14) a. O Paulo é (~~tão~~) alto como a Ana.
 b. O Paulo come (~~tanto~~) como a Ana.
- (15) a. *O Paulo é (~~tão~~) alto quanto a Ana.
 b. *O Paulo come (~~tanto~~) quanto a Ana.

Esses fatos nos levam a acreditar que as relações de interdependência de *tão/tanto... como* e de *tão/tanto... quanto* não são exatamente as mesmas, pois, como podemos observar, a correlação entre os elementos constitutivos *tão/tanto* e *como* é frouxa, mas a de *tão/tanto* e *quanto* não é.

Além disso, *como* parece ter uma leitura de modo que *quanto* não tem, causando estranhamento aos falantes do PB a aceitabilidade de comparativas de igualdade com *como*. Desse modo, neste trabalho, utilizaremos apenas *tão/tanto... quanto* para as comparativas de igualdade, porque, como vimos, a correlação entre os elementos constitutivos da comparação é uma característica fundamental das construções comparativas.

Resumindo, as construções comparativas canônicas sempre envolvem a comparação de graus ou quantidades entre os dois termos comparados e sempre apresentam dois elementos constitutivos da comparação (*mais/menos* e *do que* para as comparativas de desigualdade e *tão/tanto* e *quanto* para as comparativas de igualdade) que são correlativos, ou seja, *mais/menos* é correlativo a *do que* e *tão/tanto* é correlativo a *quanto*. Por isso, elas também podem ser chamadas de correlativas comparativas.

2.1.2 Hipótese da unidade semântico-sintática entre os elementos constitutivos das construções comparativas

Tanto Marques (2013) como Matos & Brito (2003) concordam que *mais/menos... do que* e *tão/tanto... quanto* são correlativos e que *mais/menos* seleciona *do que* e *tão/tanto* seleciona *quanto*. No entanto, os autores

discordam em relação à hipótese da unidade semântico-sintática entre os elementos constitutivos da comparação.

Matos & Brito apontam que a correlação entre os elementos constitutivos da comparação leva muitos autores a considerarem, de maneira equivocada, que eles formam uma unidade a nível semântico e sintático, ainda que ocorram em descontinuidade.

Já Marques defende que *mais/menos... do que* e *tão/tanto... quanto* formam constituintes sintáticos, mas de natureza descontínua. De acordo com essa hipótese, *mais/menos* seleciona *do que* e *tão/tanto* seleciona *quanto*, formando uma unidade a nível semântico e sintático, apesar de *do que* e de *quanto* terem autonomia sintática e poderem ser separados de *mais/menos* e de *tão/tanto*, respectivamente. Segundo o autor, essa hipótese é favorecida quando observamos sentenças em que os elementos constitutivos aparecem adjacentes (cf. (16)).

- (16) a. A casa da Ana é grande, tanto quanto a da Maria.
- b. As negociações foram duras, tanto quanto esperávamos.
- c. O Departamento adquiriu um livro caro, mais do que útil.
- d. O Paulo recitou emotivamente, mais do que racionalmente.

No entanto, como Matos & Brito observam, sentenças como as indicadas em (16) não são construções comparativas canônicas, pois *tanto quanto a da Maria*, *tanto quanto esperávamos*, *mais do que útil* e *mais do que racionalmente* funcionam como adjunto ou modificador do predicado, sendo facilmente deslocáveis (cf. (17)). Diferente do que acontece com o constituinte introduzido pela palavra de grau/quantidade nas comparativas canônicas (cf. (18)).

- (17) a. Tanto quanto a da Maria, a casa da Ana é grande.
- b. Tanto quanto esperávamos, as negociações foram duras.
- c. Mais do que útil, o Departamento adquiriu um livro caro.
- d. Mais do que racionalmente, o Paulo recitou emotivamente.
- (18) a. *Tão grande quanto a da Maria, a casa da Ana é.
- b. *Tão duras quanto esperávamos, as negociações foram.

- c. *Mais caro do que útil, o Departamento adquiriu um livro.
- d. *Mais emotivamente do que racionalmente, o Paulo recitou.

Com relação à hipótese da unidade semântico-sintática entre os elementos constitutivos da comparação, Matos & Brito propõem que *mais/menos... do que* e *tão/tanto... quanto* não formam constituintes sintáticos, e que os constituintes sintáticos são, por um lado, as sequências *mais/menos/tão/tanto + adjetivo/advérbio/nome* e, por outro, as sequências *do que/quanto + SV/SN*.

Neste trabalho, assumiremos, assim como Matos & Brito, que os elementos constitutivos da comparação são correlativos, mas não formam constituintes sintáticos, pois, quando *mais/menos... do que* e *tão/tanto... quanto* aparecem adjacentes, eles são facilmente deslocáveis (cf. (17)), contrariando o que acontece com o constituinte introduzido pela palavra de grau/quantidade nas comparativas canônicas (cf. (18)). Como veremos na seção 1.2, sentenças como as indicadas em (16) não são construções comparativas canônicas, mas construções comparativas metalinguísticas².

Veremos no terceiro capítulo que a hipótese da unidade semântico-sintática dos elementos constitutivos da comparação está intimamente ligada à estrutura sintática das construções comparativas, a qual alguns autores (cf. Marques, 2003) defendem que são estruturas de subordinação e outros (cf. Matos & Brito, 2002) defendem que são estruturas de coordenação.

2.1.3 *Classes de palavras que podem se associar ao primeiro elemento constitutivo da comparação e natureza categorial dos termos comparados*

Constatamos que o primeiro elemento constitutivo das construções comparativas podem se associar a palavras graduáveis como adjetivos, em

² Falaremos propriamente de construções comparativas metalinguísticas na seção 1.2. Por ora, limitamo-nos a dizer que na leitura metalinguística há prevalência exclusiva de apenas um termo comparado.

posição predicativa (cf. (19)) ou atributiva (cf. (20)), advérbios (cf. (21)), verbos (cf. (22)), e a sintagmas nominais que indicam quantidade (cf. (23)).

- (19) a. A Ana é tão *simpática* quanto *inteligente*.
b. A Ana é menos *simpática* do que *inteligente*.
- (20) a. O Departamento adquiriu um livro tão *caro* quanto *útil*.
b. O Departamento adquiriu um livro mais *caro* do que *útil*.
- (21) a. O Paulo recitou tão *emotivamente* quanto *racionalmente*.
b. O Paulo recitou menos *racionalmente* do que *emocionalmente*.
- (22) a. O Pedro *trabalhou* tanto quanto *descansou*.
b. O Pedro *trabalhou* mais do que *descansou*.
- (23) a. A Maria escreveu tantos *livros* quanto *artigos*.
b. A Maria escreveu menos *livros* do que *artigos*.

Nas sentenças de (19) a (23), a natureza categorial do primeiro termo comparado é igual a do segundo termo. No entanto, os termos comparados das construções comparativas não precisam necessariamente pertencer à mesma classe categorial. Como podemos ver nos exemplos de (24) a (28), o primeiro termo comparado tem uma natureza categorial diferente do segundo termo.

- (24) a. A Ana é tão *simpática* quanto *a Maria*.
b. A Ana é menos *simpática* do que *imagina*.
- (25) a. O Departamento adquiriu um livro tão *caro* quanto *uma moto*.
b. O Departamento adquiriu um livro mais *caro* do que *esperávamos*.
- (26) a. O Paulo recitou tão *emotivamente* quanto *o Pedro*.
b. O Paulo recitou menos *emotivamente* do que *dançou*.
- (27) a. O Pedro *trabalhou* tanto quanto *o Paulo*.
b. O Pedro *trabalhou* mais do que *ontem*.
- (28) a. A Maria escreveu tantos *livros* quanto *teve vontade*.

b. A Maria escreveu menos *livros* do que *gostaria*.

Matos & Brito (2003) observam que, além de adjetivos, advérbios, verbos e sintagmas nominais, as construções comparativas também podem relacionar sintagmas preposicionais (cf. (29)).

(29) a. A Luísa falou tanto *do Paulo* quanto *do Pedro*.

b. A Luísa falou menos *do Paulo* do que *a Maria*.

c. A Luísa falou mais *do Paulo* do que *deveria*.

Em (29a), podemos dizer que o grau em que a Luísa falou do Paulo é igual ao grau em que falou do Pedro; em (29b), o grau em que a Luísa falou do Paulo é inferior ao grau em que a Maria falou; em (29c), o grau em que a Luísa falou do Paulo é superior ao grau em que deveria ter falado.

Diferentemente dos trabalhos que se concentram no estudo das construções comparativas com predicados adjetivais, Souza (2006, 2010) busca investigar as construções comparativas com predicados verbais, questionando se a análise se daria da mesma maneira.

O autor mostra que as comparativas com predicados verbais são indeterminadas (cf. (30a)), devido ao fato de que a comparação incide diretamente sobre o verbo ou sobre os objetos ou algum outro elemento implícito quando não há complemento verbal. Essa indeterminação é gerada por uma certa imprecisão sobre o que está sendo comparado: pode-se estar comparando a quantidade de eventos denotados pelo verbo (cf. (30b)) ou a quantidade de coisas dada por algum complemento apagado (cf. (30c)).

(30) a. O João comeu mais do que o Pedro.

b. O João comeu mais (~~vezes~~) do que o Pedro (~~comeu x vezes~~).

c. O João comeu mais (~~comida~~) do que o Pedro (~~comeu x comida~~).

A interpretação em (30b) é a de quantidade de eventos, para a qual podemos imaginar um cenário em que o Pedro tenha feito apenas uma refeição num determinado intervalo de tempo considerado e o João, por outro lado, tenha feito três. Já a interpretação (30c) é a de quantidade de comida,

para a qual podemos imaginar o cenário em que, independentemente do número de vezes que o João e o Pedro tenham comido, a quantidade de comida que o João ingeriu foi maior.

Segundo Souza, uma diferença entre a comparação adjetival e a verbal é o fato de as comparativas adjetivais possuírem apenas uma leitura (trata-se sempre de comparar o grau da propriedade expressa pelo adjetivo), enquanto as comparativas verbais possuem mais de uma leitura.

As discussões do autor apontam evidências de que, além da comparação de grau que se estabelece no domínio adjetival e da comparação de quantidade de coisas ou de eventos, com certos verbos, a noção de grau se aproxima da de intensidade. Na seção 2.1, falaremos especificamente sobre grau, quantidade e intensidade.

2.1.4 Comparativas oracionais (COs) e comparativas sintagmáticas (CSs)

Como já foi apresentada inicialmente, uma questão bastante debatida na literatura diz respeito à distinção entre COs e CSs que, em inglês, são chamadas de *Clausal Comparatives* e *Phrasal Comparatives*, respectivamente. Sentenças como as indicadas em (31) são COs, pois há um verbo explícito no segundo termo da comparação, enquanto sentenças como as indicadas em (32) são CSs, pelo que ocorre um sintagma nominal.

- (31) a. A prova estava mais fácil do que o Pedro dizia.
b. O edifício era tão antigo quanto parecia ser.

- (32) a. O Paulo é mais alto do que a Ana.
b. O Paulo é tão ambicioso quanto a Ana.

A questão que se coloca é se as CSs derivam ou não das COs. Segundo alguns autores (cf. von Stechow, 1984; Marques, 2003), as CSs têm a mesma base de derivação das COs, ou seja, as CSs são construções elípticas derivadas das COs, sendo apenas distintas superficialmente. Dessa maneira, as sentenças indicadas em (32) seriam analisadas como construções elípticas derivadas das COs (cf. (33)). Na literatura, esta análise recebe o nome de *Reduction Analysis* (RA).

- (33) a. O Paulo é mais alto do que a Ana [~~é alta~~].
 b. O Paulo é tão ambicioso quanto a Ana [~~é ambiciosa~~].

Outros autores (cf. Hankamer, 1973; Napoli, 1983; Heim, 1985) defendem a visão de que as CSs não derivam das COs, mas são geradas na base, tendo uma base de derivação diferente das COs. Esta análise recebe o nome de *Direct Analysis* (DA). E ainda há autores (cf. Hendriks, 1995; Kennedy, 1997) que consideram que algumas CSs devem ser analisadas por RA e outras CSs devem ser analisadas por DA.

Em Matos & Brito (2003), sentenças como *A Maria escreveu menos livros do que artigos* e *A Luísa falou tanto do Paulo quanto do Pedro* são consideradas estruturalmente ambíguas, pois admitem as duas análises: comparação de constituintes sintagmáticos de nível inferior (cf. (34)) e comparação de orações, em que a segunda oração está elíptica (cf. (35)).

- (34) a. A Maria escreveu [menos [livros] do que [artigos]].
 b. A Luísa falou [tanto [do Paulo] quanto [do Pedro]].

- (35) a. [A Maria escreveu menos livros] do que [[~~a Maria~~]³ [escreveu] [artigos]].
 b. [A Luísa falou tanto do Paulo] quanto [[~~a Luísa~~] [falou] [do Pedro]].

A análise RA seria preferível, uma vez que permitiria um tratamento unificado às CSs e às COs e manteria uma identidade de significado entre elas. No PE, Marques considera que sempre pode haver um sintagma verbal elidido à direita de *do que* ou de *quanto* (cf. (36)).

- (36) a. O Paulo é mais alto do que a Ana [~~é alta~~].
 b. O Paulo é tão ambicioso quanto a Ana [~~é ambiciosa~~].

³ Em línguas de sujeito nulo como o português, o espanhol e o italiano, a categoria do sujeito sem realização lexical pode ser interpretada como um pronome nulo [Ø], em vez de uma cópia do sujeito do primeiro termo comparado, neste caso, *a Maria*.

No entanto, se ambos os constituintes forem orações, na sentença (36a), a segunda oração será uma estrutura em que o adjetivo *alta* está elidido, sendo interpretada como *a Ana é alta*. E, como bem nota Marques (2003, p. 71), (36a) “pode ser uma sentença verdadeira independentemente de ser verdade ou não que a Ana é alta”.

Sabemos que este fato é um exponencial problema à análise RA e ao tratamento unificado das CSs e das COs em português. Apesar disso, neste trabalho, consideraremos, assim como Marques, que as CSs têm a mesma base de derivação das COs, ou seja, as CSs são construções elípticas derivadas das COs, sendo apenas distintas superficialmente.

O fato de o fenômeno da elipse estar presente em grande parte das construções comparativas é um dos aspectos que pode justificar a necessidade de estudo desses fenômenos no PB. Na seção 2.2.5, veremos os diferentes tipos de elipses que envolvem as construções comparativas.

2.2 Outros tipos de comparações e construções aparentadas

Como vimos na seção 1.1.2, as construções comparativas canônicas sempre envolvem a comparação de graus ou quantidades entre os dois termos comparados e sempre apresentam dois elementos constitutivos da comparação correlativos, sendo *mais/menos* correlativo a *do que* e *tão/tanto* correlativo a *quanto*.

Em inglês, Hendriks (1995) mostra que a presença do segundo termo da comparação e do segundo elemento constitutivo de uma comparativa de desigualdade (*than*) não é estritamente requerida (cf. (37)). Em PB, parece que o mesmo fenômeno pode ocorrer, ou seja, o segundo termo de uma comparativa de desigualdade e o elemento constitutivo *do que* podem ser omitidos (cf. (38)).

- (37) a. You're looking much better now.
b. Paula wished she had a faster car.
- (38) a. Você está muito melhor agora.
b. Paula desejou ter um carro mais veloz.

- c. Ela comprou um carro menor.
- d. Eles já leram livros piores.

No entanto, nas sentenças em (37) e (38), a comparação realiza-se de maneira implícita, pois apenas o primeiro termo comparado e o primeiro elemento constitutivo estão expressos; o segundo termo comparado e o segundo elemento constitutivo encontram-se omitidos e são recuperados apenas discursivamente, pelo que chamaremos de “comparativas discursivas”.

Além dos elementos constitutivos prototípicos da comparação, Cunha & Cintra (1984, p. 583) destacam para o PB outros conectores que também veiculam noção de comparação: *como*, *assim como*, *bem como*, *tal como*, *tal qual*, *que nem*, *do mesmo modo que*, *da mesma maneira que*, *da mesma forma que*.⁽⁴⁾

- (39) a. És *tal qual* meu avozinho, falta-te apenas a voz.
- b. Teus olhos são negros, negros, *como* as noites sem luar...
- (40) a. Eu penso *como* um filósofo inglês.
- b. Eu penso *tal qual* um filósofo inglês.
- c. Eu penso *da mesma forma que* um filósofo inglês.

No entanto, as sentenças em (39) e (40) não são consideradas construções comparativas canônicas porque não são correlativas, isto é, não apresentam nenhuma palavra no primeiro termo da comparação marcada por quantificação ou intensificação e, por isso, não envolvem comparação de graus ou quantidades.

Da mesma maneira, sentenças como (16) repetidas em (41) não são comparativas canônicas, pois, além de serem facilmente deslocáveis, também não envolvem comparação de graus ou quantidades, já que os elementos constitutivos da comparação incidem apenas sobre o segundo termo da comparação. Como veremos no final desta seção, Matos & Brito chamam esse tipo de construção de pseudocomparativas corretivas.

⁴ As sentenças em (38) encontram-se em Cunha & Cintra (1984) e as sentenças em (39) encontram-se em Neves, Braga & Dall’Aglio-Hattner (2008).

- (41) a. A casa da Ana é grande, tanto quanto a da Maria.
 b. As negociações foram duras, tanto quanto esperávamos.
 c. O Departamento adquiriu um livro caro, mais do que útil.
 d. O Paulo recitou emotivamente, mais do que racionalmente.

As sentenças (41a) e (41b), em que *tanto* está adjacente a *quanto*, possuem leitura de modo: *como/tal qual/do mesmo modo que*, pelo que podem ser parafraseáveis por (42).

- (42) a. A casa da Ana é grande *como/tal qual/do mesmo modo que* a da Maria.
 b. As negociações foram duras *como/tal qual/do mesmo modo que* esperávamos.

Souza & Pires de Oliveira (2008) notam que sentenças como as indicadas em (41c) e (41d), em que *mais* está adjacente a *do que*, possuem preferencialmente leitura metalinguística, pelo que são chamadas de comparativas metalinguísticas. O exemplo em (43a) é analisado pelos autores como uma comparação desse tipo. Essa denominação estabelece um paralelo com a negação metalinguística, exemplificada em (43b).

- (43) a. O Soprano mais falou do que cantou, durante a execução do primeiro ato.
 b. A Maria não é bonita, é linda.

Para os autores, (43a) “não compara quantidades de eventos, mas afirma qual a melhor descrição para um evento em particular, um único objeto no mundo, e compara duas descrições possíveis para o mesmo evento” (p. 2). O paralelo com a negação metalinguística se dá porque nesse tipo de negação não contradiz o conteúdo da proposição a que se aplica a negação, mas relativiza a verdade da afirmação ou adiciona uma informação. Assim, em (43b) não se nega que Maria seja bonita, mas que “bonita” não é o melhor adjetivo para descrevê-la, pois sua beleza está um grau acima. Da mesma forma, em (43a) afirma-se que é mais apropriado descrever o evento como falar, mas não se nega que seja possível descrever o evento como um evento de canto.

Do mesmo modo, (41c) e (41d) são casos de comparação metalinguística. Em (41c), pode-se considerar uma escala de qualidades de um livro (caro/útil), em que é mais apropriado descrevê-lo como “caro”, mas não se nega que ele seja “útil”, apesar de “útil” não ser o melhor adjetivo para descrevê-lo. Analogamente, a sentença (41d) pode ter uma análise idêntica: a noção veiculada por “emotivamente” é mais apropriada para descrever a forma como o Paulo recitou, mas não se nega que seja possível descrevê-la como “racionalmente”.

Ainda no que respeita a casos de fronteira entre construções comparativas e construções aparentadas, Marques (2003) destaca sentenças como as que seguem:

- (44) a. O Paulo não fez mais do que informar a polícia, mas foi o suficiente para o ameaçarem.
 b. O Paulo não fez mais do que cumprir o seu dever.
 c. O Paulo não disse mais do que a verdade.
 d. Sobre esse assunto podemos fazer pouco mais do que especular.

Apesar de as sentenças em (44) exibirem os dois elementos constitutivos da comparação, o primeiro elemento constitutivo da comparativa de desigualdade (*mais/menos*) está associado ao segundo (*do que*) e não veicula comparação entre graus ou quantidades, pelo que se pode defender que não são construções comparativas.

Além disso, as sentenças em (44) podem ser parafraseáveis pelas sentenças indicadas em (45), que claramente não são construções comparativas. Uma vez que construções comparativas não são parafraseáveis por estruturas não comparativas, concluímos que as sentenças em (44) não são construções comparativas.

- (45) a. O Paulo só informou a polícia, mas isso foi o suficiente para o ameaçarem.
 b. O Paulo só cumpriu o seu dever.
 c. O Paulo só disse a verdade.

d. Sobre esse assunto quase só podemos especular.

Para Marques (2013, p. 2159), há construções que se assemelham às construções comparativas, mas não são do mesmo tipo, pois não envolvem comparação de graus, pelo que são consideradas construções pseudocomparativas. O autor apresenta exemplos e paráfrases das pseudocomparativas e as classifica em cinco tipos:

i) Orações de modo

- (46) a. O Paulo fala como a Ana.
b. Começaste a correr como uma louca.
- (47) a. O Paulo fala do mesmo modo que/que nem a Ana.
b. Começaste a correr do mesmo modo que/que nem uma louca.

ii) Construções conformativas

- (48) a. A reunião foi adiada, como se previa.
b. Como se esperava, o prazo para a entrega dos projetos foi adiado por um mês.
- (49) a. A reunião foi adiada, conforme se previa.
b. Conforme se esperava, o prazo para a entrega dos projetos foi adiado por um mês.

iii) Estruturas de coordenação

- (50) a. A Sara domina tanto o inglês quanto o francês.
b. Tanto o Paulo quanto a Ana mostraram interesse pela proposta.
- (51) a. A Sara domina o inglês e o francês.
b. O Paulo e a Ana mostraram interesse pela proposta.

iv) Orações aditivas

- (52) a. O Paulo conseguiu duzentas assinaturas. A Ana diz que consegue mais.
b. Não gaste mais água!

v) Comparações a nível lexical

- (53) a. A Rita comprou um vestido diferente do da Ana.
b. O Pedro tem um carro igual ao da Ana.
- (54) a. O nível de poluição ultrapassou largamente o (que é) permitido.
b. A hipótese da Ana é preferível à do Paulo.

As sentenças de (46) a (54) apresentam semelhanças com as construções comparativas, no entanto, as sentenças em (46) podem ser parafraseáveis pelas de (47), que são orações com leitura de modo. As sentenças em (48) são equivalentes às de (49), que são construções conformativas. Já as sentenças em (50) podem ser interpretadas pelas de (51), que são estruturas de coordenação e, para o autor, uma construção comparativa necessariamente deve ter uma estrutura de subordinação.

As sentenças em (52) possuem duas leituras. Em (52a) há a leitura de comparação de quantidades, que diz que a Ana diz que consegue um número de assinaturas superior ao número que o Paulo conseguiu; e também há a leitura que não veicula comparação de graus, que diz que a Ana consegue outras assinaturas, além das que o Paulo conseguiu, em que *mais* é um operador adicionante, com um significado diferente do operador comparativo *mais*. Do mesmo modo, em (52b) há a leitura de comparação de quantidades, que veicula o pedido para que o interlocutor não gaste um volume de água superior a uma quantidade não expressa, definida pelo discurso prévio, por exemplo; e há a leitura que não veicula comparação de graus, em que a sentença é interpretada como equivalente a *pare de gastar água*.

As sentenças em (53) e (54) envolvem comparações que se realizam apenas a nível lexical. Em (53) as comparações não veiculam a noção de grau, já em (54) as comparações veiculam a noção de grau, mas somente a nível lexical - faz parte do significado do verbo *ultrapassar* e do adjetivo *preferível* -, não sendo veiculada por uma construção sintática.

Matos & Brito (2003) consideram como outros tipos de comparações no PE: comparativas de superlativo, comparativas-temporais, comparativas-

condicionais e pseudocomparativas que, para elas, são aditivas, truncadas e corretivas.

i) Comparativas de superlativo absoluto e de superlativo relativo

O superlativo absoluto admite uma comparação implícita. Os enunciados em (55), por exemplo, podem significar que o grau de inteligência do teu filho ultrapassa a média daqueles a que poderia atribuir-se a propriedade de inteligente.

- (55) a. O teu filho é inteligentíssimo.
b. O teu filho é muito inteligente.

Como podemos ver em (56), o superlativo relativo estabelece uma comparação explícita, mas, diferente das construções comparativas, é formado por um sintagma nominal de núcleo vazio e por um sintagma adjetival intensificado pelos advérbios *mais* ou *menos*, que afeta o sintagma nominal cujo complemento é encabeçado pela preposição *de*. Esse complemento preposicionado apresenta um constituinte nominal que denota o universo de referência da comparação.

- (56) a. O Luís é o mais/menos inteligente dos filhos do Antônio.
b. [[[o/a/os/as \emptyset]_{NP} [mais/menos AP]_{AP}]_{NP} [de NP]_{PP}]_{SupRel}

ii) Comparativas-temporais

São construções que apresentam os advérbios de tempo *antes de* e *depois de* - como em (57) - que podem ser parafraseáveis respectivamente por *mais cedo do que* e *mais tarde do que* nas comparativas de superioridade, como em (58).

- (57) a. A Maria leu esse livro antes/depois da Ana.
b. A Maria leu o livro antes/depois do jornal.

(58) a. A Maria leu esse livro mais cedo/tarde do que a Ana.
b. A Maria leu o livro mais cedo/tarde do que o jornal.

iii) Comparativas-condicionais

São construções introduzidas por *como se*, que tem valor simultâneo de comparação e de condição, como em (59):

- (59) a. A Maria estava assustada como se algo muito terrível tivesse acontecido.
b. Ela dirige como se a rua fosse toda dela.

iv) Pseudocomparativas

Diferente de Marques, as autoras chamam de pseudocomparativas apenas as orações aditivas (cf. (60a)), as truncadas (cf. (60b)) e as corretivas (cf. (60c)), que, apesar de possuírem estrutura similar à das construções comparativas, segundo ela, não envolvem comparação de graus ou quantidades.

- (60) a. O professor tem mais alunos do que esses.
b. Ela adquiriu mais do que um bom livro.
c. Você adquiriu um amigo, mais do que um bom livro.

A sentença (60a) pode ter a mesma leitura da (61a), em que *mais alunos do que esses* é interpretado como *mais alunos, para além desses*. A sentença (60b) pode ter a mesma leitura da (61b), em que o advérbio *mais* introduz um modificador do argumento implícito do verbo (*algo*). As sentenças (60c) e (61c) mostram que *mais do que um bom livro* não ocupa a posição de qualquer argumento do verbo, mas funciona como adjunto ou modificador do verbo.

- (61) a. Apesar de o João e o Antônio fazerem intervenções brilhantes, o ritmo da aula é lento porque o professor tem mais alunos do que esses.
b. Ela adquiriu (algo) mais do que um bom livro, adquiriu um manual que lhe permitia saber como se comportar em todas as situações.
c. Você adquiriu mais do que um bom livro, adquiriu um amigo.

Diferentemente do que acontece nas construções comparativas (cf. (62)), nas pseudocomparativas corretivas o constituinte introduzido pela

palavra de grau/quantidade é facilmente deslocável (cf. (63)) e a possibilidade de comutação de *mais* por outra palavra de grau/quantidade é reduzida (cf. (64)).

- (62) a. ?Mais medalhas do que troféus, você adquiriu.
b. ?Mais esperta do que inteligente, a criança é.
- (63) a. Mais do que um bom livro, você adquiriu um amigo.
b. Mais do que inteligente, a criança é esperta.
- (64) a. *Menos do que um amigo, você adquiriu um bom livro.
b. *Tão/tanto quanto esperta, a criança é inteligente.

Em síntese, os autores mostram que há vários tipos de construções que manifestam alguma semelhança com as construções comparativas canônicas no português, mas que não são do mesmo tipo, porque ora podem ser parafraseáveis por estruturas que não são construções comparativas, ora não envolvem comparação de graus ou quantidades, ora não apresentam nenhuma palavra no primeiro termo da comparação marcada por quantificação ou intensificação, ora os elementos constitutivos da comparação incidem apenas sobre o segundo termo da comparação.

Uma diferença entre as abordagens de Marques e de Matos & Brito referente a outros tipos de comparações e construções aparentadas reside no fato de que Marques considera as estruturas de coordenação (cf. (50) e (51)) como parte do conjunto das pseudocomparativas, já que para ele as construções comparativas são necessariamente estruturas de subordinação. Diferentemente dessa análise, Matos & Brito argumentam que as construções comparativas em português são estruturas de coordenação, sendo assim, para elas, essas sentenças são categoricamente construções comparativas canônicas.

2.3 Síntese do capítulo

Na primeira parte deste capítulo, buscamos definir o conceito de “construções comparativas”, que é o objeto de estudo deste trabalho. Assim, as construções comparativas canônicas no PB podem ser definidas como aquelas

construções que sempre envolvem a comparação de graus ou quantidades entre os dois termos comparados e sempre apresentam dois elementos constitutivos da comparação que são correlativos, isto é, *mais/menos* é correlativo a *do que* e *tão/tanto* é correlativo a *quanto*. Por isso, elas também podem ser chamadas de comparativas correlativas.

Apresentamos as classes de palavras que podem se associar ao primeiro elemento constitutivo da comparação, a natureza categorial dos termos comparados e a distinção entre comparativas oracionais e comparativas sintagmáticas.

Na segunda parte deste capítulo, para podermos situar melhor as construções comparativas canônicas, vimos outros tipos de comparações e construções aparentadas, as quais não são veiculadas pelos elementos constitutivos prototípicos da comparação nem envolvem a ordenação de graus ou quantidades entre os dois termos comparados.

A principal diferença entre a abordagem de Marques e de Matos & Brito em relação a outros tipos de comparações e construções aparentadas diz respeito a sentenças como *A Sara domina tanto o inglês quanto o francês* e *Tanto o Paulo como a Ana mostraram interesse pela proposta*, que são consideradas pseudocomparativas para Marques, a quem as construções comparativas envolvem necessariamente estruturas de subordinação, e são consideradas comparativas canônicas para Matos & Brito, a quem as construções comparativas envolvem estruturas de coordenação.

Vários fenômenos linguísticos compõem o quadro descritivo das comparativas. É importante discutir esses fenômenos antes de discutir as análises disponíveis na literatura para as construções comparativas. Dessa forma, o próximo capítulo vai tratar de grau, quantidade e intensidade; elipses; extrações e movimentos.

3 FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS QUE TAMBÉM OCORREM EM OUTRAS CONSTRUÇÕES

Comparatives do not form a nicely delimited subpart of language. Instead, they display a multitude of linguistic phenomena also occurring in other constructions⁵. (HENDRIKS, 1995, p. 2).

Neste capítulo, veremos alguns fenômenos linguísticos que ocorrem nas construções comparativas, mas que também ocorrem em outras construções da língua: grau, quantidade e intensidade; elipse do SV, anáfora do complemento nulo, elipse lacunar, extração de elemento QU-, movimento *across-the-board* (ATB) e outros tipos de elipses e movimentos.

3.1 Grau/intensidade/quantidade

Como vimos no primeiro capítulo, as construções comparativas devem expressamente envolver a ordenação de graus ou de quantidades, que é veiculada por uma palavra de grau/intensidade/quantidade (*mais*, *menos* ou *tão/tanto*).

Além das construções comparativas (cf. (65)), grau, intensidade e quantidade envolvem outras construções, como as superlativas⁶ (cf. (66)), as consecutivas (cf. (67)) e as proporcionais (cf. (68)).

- (65) a. Os Himalaias são mais altos do que os Andes.
b. A Espanha tem menos habitantes hoje do que a França tinha há cinquenta anos atrás.
- (66) a. A Ana é a pessoa mais distraída que conheço.
b. O Luís é o menos inteligente dos filhos do Antônio.
- (67) a. Ele trabalhou tanto que ficou cansado.
b. A China tem tantos habitantes que teve que aplicar medidas draconianas de controle de natalidade.

⁵ “Comparativas não formam uma fatia bem delimitada da língua. Em vez disso, elas apresentam múltiplos fenômenos linguísticos que também ocorrem em outras construções.”

⁶ Ao contrário das outras construções citadas, as superlativas não são consideradas orações, porque não formam constituintes oracionais, mas estão tipicamente associadas a sintagmas nominais definidos.

- (68) a. Quanto maior for a altura, maior será o tombo.
b. À proporção que estudávamos, acertávamos mais questões.

O grau é uma variável que afeta o significado de certos grupos dentro das classes dos adjetivos, dos advérbios e dos verbos. A aplicabilidade dessa variável depende de o significado das palavras envolver ou não uma propriedade escalar ou graduável. (MARQUES, 2013, p. 2141).

Dessa maneira, podemos dizer que os adjetivos *alto* e *baixo* são graduáveis, pois o seu significado envolve a escala de altura, pelo que a comparação é bem-sucedida (cf. (69)), mas os adjetivos *municipal* e *nuclear* não são graduáveis, porque não podem ser medidos por uma escala e, por isso, a comparação não é bem-sucedida (cf. (70)).

- (69) a. O novo edifício vai ser mais alto do que o anterior.
b. O Luís é tão baixo quanto o Pedro.
- (70) a. *Essa assembleia é menos municipal do que a anterior.
b. *Essa bomba vai ser tão nuclear quanto aquela.

Além dos adjetivos, os advérbios e os verbos também devem ter uma natureza graduável para que a comparação possa se realizar. Assim, o advérbio *depressa* é graduável, porque o seu significado está associado à escala de velocidade (cf. 71)), mas *diariamente* não está associado a nenhuma escala (cf. (72)); o verbo *emagrecer* também é graduável, pois está associado à escala de peso (cf. (73)), mas *nascer* não envolve nenhuma escala (cf. (74)).

- (71) Ele estava andando mais depressa do que eu.
- (72) *Ele fala menos diariamente com a Ana do que com a Maria.
- (73) A Ana emagreceu menos do que a Lucia.
- (74) *O Paulo nasceu mais do que o Pedro.

As escalas podem ser de natureza muito diversa. Algumas têm uma dimensão física, como é o caso de escalas de altura (*alto/baixo*), de comprimento (*comprido/curto*), de velocidade (*rápido/lento*, *depressa/devagar*) ou de peso (*gordo/magro*, *engordar/emagrecer*), enquanto outras têm uma

dimensão psicológica, como é o caso de escalas de beleza (*bonito/feio*), de qualidade (*honesto/desonesto*), de interesse ou de importância, entre outras. Sendo assim, cabe perguntar se as seguintes construções também envolvem comparação entre dois valores: ⁽⁷⁾

(75) O que motivou os aplausos foi mais o ambiente que se criou do que a qualidade artística do espetáculo.

(76) A sua colaboração com a polícia deveu-se menos à vontade de ajudar do que ao medo de ser condenado por ilegalidades.

(77) Ele falou mais com o coração do que com a razão.

(78) Naquela altura, o edifício funcionava mais como um hospital do que como uma escola.

(79) Durante o serviço ele escreve mais mensagens de correio eletrônico do que atende doentes.

Em (75), pode-se considerar uma escala de importância para a motivação dos aplausos, em que a importância do ambiente criado para a existência dos aplausos foi superior à importância que a qualidade artística do espetáculo teve para o mesmo fim; em (76), podemos considerar uma escala de atitude ou de sentimento de alguém para a colaboração com a polícia, em que a vontade de ajudar foi inferior ao medo de ser condenado por ilegalidades. No que respeita à sentença (77), pode-se considerar que há uma comparação entre os graus de emotividade e de racionalidade com que alguém falou, em que o grau de emotividade foi superior ao grau de racionalidade; em (78), pode-se invocar uma escala de aparência ou de utilidade, em que, naquela altura, o funcionamento do edifício como um hospital era superior ao funcionamento do mesmo como uma escola; e, em (79), pode-se considerar que, durante o serviço, o tempo gasto por ele em escrever mensagens de correio eletrônico é superior ao dedicado em atender doentes.

⁷ Esses exemplos encontram-se em Marques (2003).

Segundo Hendriks (1995), o que unificará os diferentes casos de construção comparativa será o fato de se definir uma quantidade em função de outra quantidade, tendo em conta que o que se entende por grau é também uma quantidade, mensurável por uma escala digital ou não.

De acordo com Marques (2013), as escalas permitem identificar quantidades, sejam quantidades específicas (graus concretos das escalas), como o exemplo (80), em que se identifica uma quantidade (ou um grau) na escala de altura, sendo essa quantidade identificada pela expressão *1,90m* e o domínio de quantificação identificado pela palavra *altura*, sejam quantidades vagas, como se verifica em (81), em que a forma adjetival *alta* identifica o domínio de quantificação e *muito* identifica uma quantidade (ou um grau) na escala de altura.

(80) Precisamos de um atleta com 1,90m de altura.

(81) A Ana é muito alta.

Nos dois casos, é possível identificar uma quantidade, que corresponde a um grau numa escala, quer seja uma escala de números inteiros, quer seja uma escala não digital. Em (80), o grau/quantidade é identificado com precisão, e, em (81), o grau/quantidade é referido de uma forma vaga, isto é, a frase significa que o grau de altura de Ana se situa numa dada zona na escala de altura, mas esse grau não é identificado com precisão.

Como podemos perceber, grau e quantidade estão intrinsecamente relacionados. Em português, a quantificação dos nomes pode se dar de várias maneiras, simplesmente pela forma plural do nome (o que chamamos de *número*) ou pelos próprios *quantificadores*, pelos *pronomes quantificadores* e pelas *expressões quantitativas nominais*.

Em Matos & Brito (2003), os quantificadores são agrupados em:

i) Quantificadores que exprimem quantificação existencial (*um/uma/uns/umas, algum/alguma/alguns/algumas*), os quais ocorrem em distribuição complementar aos artigos e demonstrativos, com a diferença de

que nesses há uma categoria com o traço [-Quant] e naqueles há uma categoria com o traço [+Quant].

- (82) a. Li *um* livro.
b. Li *algum* livro.

ii) Quantificadores “discretos”⁸, que incluem os numerais (que exprimem cardinalidade ou ordem) e os quantificadores que indicam pluralidade (*inúmeros, muitos, vários, diversos, diferentes, bastantes, poucos, raros*). Esse grupo pode co-ocorrer com artigos ou com demonstrativos (cf. (83)) ou pode ter uma distribuição mais limitada (cf. (84)).

- (83) a. Este *primeiro* livro que você me recomendou é interessante.
b. Li uns *poucos/tantos/certos* livros.
c. Li os *inúmeros/diversos/muitos* livros que estão na estante.

- (84) *Li os *bastantes* livros que estão na estante.

iii) Quantificadores universais (*todos* e *ambos*), que são seguidos de artigo definido ou de demonstrativo, como demonstram os exemplos em (85):

- (85) a. *Todas* essas maçãs estão verdes.
b. *Ambas* as maçãs estão verdes.

A quantificação também pode ser realizada por pronomes quantificadores, que podem possuir o traço [+Humano] (cf. (86)) ou [-Humano] (cf. (87)).

- (86) a. *Alguém* perguntou por você.
b. *Ninguém* apareceu para almoçar.
(87) a. Traga *tudo* o que encontrar.
b. Não quero *nada*.

Em Matos & Brito (2003), ainda constatamos que a quantificação pode ser dada por formas nominais seguidas de *de* + *N*, chamadas de expressões

⁸ A designação de “quantificadores discretos” é de Lopes et al. (1972 apud Matos & Brito, 2003, p. 356).

quantitativas nominais, que podem exprimir uma quantificação vaga (cf. (88)) ou uma quantificação precisa ou determinada (cf. (89)).

- (88) a. Encontrei *uma porção* de livros.
 b. *Uma boa dose* de paciência é o que é preciso com as crianças.
- (89) a. Comprei *dez metros* de tecido.
 b. Trouxe o *litro* de leite que você me pediu.

Segundo Guimarães (2007), o termo “advérbios de quantidade” tem sido o mais usado nas gramáticas ao longo da história e os termos “advérbios de intensidade” e “advérbios de grau” aparecem apenas da segunda metade do século XX em diante. Said Ali (1971) apresenta “advérbios de grau” como sinônimo de “advérbios de intensidade”.

Como aponta Guimarães, uma distinção entre grau e quantidade que parece ser muito mais utilmente reconhecida é a que existe entre os dois tipos diferentes de predicação que *mais homem* parece estabelecer em (90) e (91):

- (90) Ora, não pensem que minha opinião sobre esses assuntos é decisiva - parecia dizer - só porque sou mais forte e [mais [homem]] do que você. [<http://biblioteca.folha.com.br/1/05/trechos.html>].
- (91) MENINAS: olha que Legal, tem [mais [homem]] do que mulher nesse blog...hehehe [http://www.clube_dos_solteiros.blogger.com.br/].

Como bem nota o autor, em (91) há uma relação entre duas quantidades de entidades e a quantificação estabelecida por *mais* se exerce sobre as entidades de um determinado conjunto. Já em (90), o que é “quantificado” é a própria inclusão dessas entidades no conjunto (ser-homem), ou a predicação da propriedade definidora desse conjunto nas entidades, em que uma das entidades está “mais incluída” ou “contém mais” a propriedade que a outra. Sendo assim, a predicação pode ser vista como uma atribuição difusa, gradativa, graduável, que pode se apresentar em graus diferentes para indivíduos diferentes.

De acordo com Guimarães, a distinção entre a quantidade de indivíduos e o grau de predicação é construída sintaticamente, ainda que o mesmo termo

(*homem*) sirva para as duas coisas. Em (91), *mais homem* está em uma posição argumental (objeto direto do verbo *ter*), *homem* funciona como núcleo de SN - [mais [homem]_N]_{SN} - e denota um conjunto de indivíduos do qual *mais* dá a quantidade de indivíduos que possuem a propriedade denotada por *homem*; em (90), *mais homem* está em uma posição atributiva, em que *homem* denota uma propriedade e funciona como um adjetivo - [mais [homem]_{ADJ}]_{ADJ} -, e *mais* expressa o grau de predicação da propriedade.

Com relação à diferença entre quantificadores que indicam grau e quantidade, o autor identifica os seguintes grupos de quantificadores:

- i) Quantificadores que expressam somente grau: são os advérbios de “intensidade” em *-mente*: *estritamente*, *imensamente*, etc.;
- ii) Quantificadores que expressam apenas quantidade: *algum*, *nenhum*, *cada*, *qualquer*, *diversos*, *vários*, *inúmeros*, *incontáveis*, etc.;
- iii) Quantificadores que podem indicar tanto grau quanto quantidade: *muito*, *pouco*, *mais*, *menos*, *demais*, *bastante*, *tanto*, *quanto*, *todo* e *tudo*.

Guimarães também identifica os seguintes contextos de aparecimento dos quantificadores comparativos: i) modificando adjetivos (cf. (92)); ii) modificando advérbios (cf. (93)); iii) modificando verbos (cf. (94)); iv) em posição de argumento em sintagmas verbais (cf. (95)); v) como núcleo de predicados nominais, ou seja, com função atributiva (cf. (96)); vi) modificando núcleos de SNs (cf. (97)); vii) modificando numerais - apenas *mais* e *menos* (cf. (98)). ⁽⁹⁾

- (92) a. A Ana é [tão [simpática]_{ADJ}]_{ADJ} quanto a Maria.
b. O Departamento adquiriu um livro [mais [caro]_{ADJ}]_{ADJ} do que esperávamos.
- (93) a. O Paulo recitou [tão [emotivamente]_{ADV}]_{ADV} quanto o Pedro.
b. O Paulo recitou [menos [emotivamente]_{ADV}]_{ADV} do que dançou.

⁹ Alguns exemplos encontram-se em Guimarães (2007).

- (94) a. O Pedro [[trabalha]_V tanto]_{SV} quanto o Paulo.
b. O Pedro [[trabalha]_V mais]_{SV} do que precisava.
- (95) a. O João [comeu [tanto]_{SN}]_{SV} quanto o Pedro.
b. O João [comeu [menos]_{SN}]_{SV} do que o Pedro.
- (96) a. O que o argentino vai ganhar líquido é [muito [mais]_N]_{SN} do que os outros jogadores do clube ganharão bruto.
b. O FBI projetou que o PIB do país este ano deve avançar 0,7%, [bem [menos]_N]_{SN} do que o 1,2% esperado para a América Latina toda.
- (97) a. A Maria escreveu [tantos [livros]_N]_{SN} quanto a Ana.
b. A Maria escreveu [menos [livros]_N]_{SN} do que gostaria.
- (98) a. O Paulo teve que levantar a casa [mais [noventa]_{NUM}]_{NUM} centímetros do que desejava.
b. O Pedro ganhou [menos [dois]_{NUM}]_{NUM} presentes do que o Paulo.

Segundo o autor, os quantificadores operam sobre graus de predicação e sobre quantidades de objetos, e o tipo de quantificação exercida bem como a natureza da predicação e dos objetos dependem da posição do quantificador como modificador ou argumento e, neste último caso, do núcleo da categoria sintática em que o quantificador figura como modificador.

Desse modo, em relação aos contextos acima, os quantificadores *mais*, *menos* e *tão/tanto* denotam respectivamente: i) quantificação sobre o grau em posição de modificadores de adjetivos; ii) quantificação sobre o grau em posição de modificadores de advérbios; iii) quantificação sobre eventos ou duração de intervalos de tempo, entre outras coisas, em posição de modificadores de verbos; iv) quantificação sobre quantidade de entidades em posição de argumento em sintagmas verbais; v) quantificação sobre quantidade de entidades como núcleo de predicados nominais em posição de

complemento do predicado¹⁰; vi) quantificação sobre quantidade de entidades em posição de modificadores de núcleos de SNs; vii) quantificação sobre quantificadores em posição de modificadores de numerais.

Resumindo, vimos que, ao longo da história, a palavra de grau ou quantidade de uma construção comparativa (*mais*, *menos* e *tão/tanto*) já foi chamada de advérbio de quantidade, advérbio de intensidade e advérbio de grau, pois ela se associa a uma palavra que envolve uma propriedade escalar/graduável ou a um SN que indica quantidade. Ao tentar abranger o conceito de grau/intensidade/quantidade, a literatura linguística tem utilizado atualmente o termo quantificador.

Vimos que os quantificadores *mais*, *menos* e *tão/tanto* operam sobre graus de predicação e sobre quantidades de objetos e que a distinção entre o grau de predicação e a quantidade de indivíduos é construída sintaticamente. Vimos também que o tipo de quantificação exercida bem como a natureza da predicação e dos objetos dependem da posição do quantificador como modificador ou argumento e, neste último caso, do núcleo da categoria sintática em que o quantificador figura como modificador.

3.2 Elipses

O fenômeno da elipse é um dos processos mais comuns do discurso cotidiano, tanto no registro oral como no escrito. Com efeito, o recurso à elipse permite ao falante ou escritor depurar os enunciados do material que considera redundante e, conseqüentemente, apresentar com mais economia a informação que pretende veicular.

Matos (2013) define as elipses como unidades linguísticas sem realização lexical, não provenientes de movimento, que o contexto linguístico ou a situação permitem recuperar, e que têm aparentemente a função de evitar a repetição redundante.

¹⁰ Aqui Guimarães (2007) adota a terminologia de Perini (1998), em que os complementos de verbo cópula são chamados de complementos do predicado (CP), diferenciando dos complementos tipo objeto direto de verbos transitivos, caracterizados como SN.

Segundo a autora, quando a recuperação do material elíptico é feita linguisticamente, ele é idêntico ao material que lhe serve de antecedente, e é essa identidade que permite a sua recuperação. O material elíptico corresponde a partes delimitáveis da oração ou do sintagma nominal, e nem sempre é um constituinte único. Nos exemplos em (99), coloca-se em itálico o material idêntico ao emitido e a elipse é representada por “[-]”. ⁽¹¹⁾

- (99) a. *As chuvas inundaram os campos* e [-] *as casas também*.
 b. O partido do governo *votou a favor do orçamento* e os deputados da oposição [-] *contra [-]*.
 c. Mesmo que queira [-], você não pode *resolver esse problema sozinho*.

Nos exemplos em (99), as expressões em itálico correspondem aos antecedentes linguísticos das elipses. Em línguas que têm a ordem canônica SVO, como o português, os antecedentes linguísticos geralmente precedem as elipses, que são referidas como elipses anafóricas (cf. (99a) e (99b)). No entanto, quando as elipses precedem o seu antecedente, elas são chamadas de elipses catafóricas (cf. (99c)).

Em Matos (2013), também há construções elípticas que permitem a recuperação do material elíptico através do contexto situacional, sem necessidade de uma expressão antecedente para esse efeito. Na expressão que sofre a elipse, permanece sempre algum material realizado, que tem como função permitir localizar linguisticamente o material elíptico, como podemos ver em (100) e (101).

- (100) a. (Alguém bate à porta e pergunta:) - Posso [-]?
 b. (A criança, depois de jogar a fruta no chão, prepara-se para fazer o mesmo com a sopa. A mãe adverte-a com firmeza:) - A sopa não [-]!.
 (101) a. O cargo pode-lhe ser atribuído desde que [-] compatível com as funções que atualmente exerce.

¹¹ A maioria dos exemplos desta seção encontra-se em Matos (2013).

- b. Quando [-] pequeno, costumava brincar com os irmãos.
- c. Embora [-] cansada, a Maria dispunha-se a acabar com o trabalho antes de ir deitar.

Para a autora, a caracterização das elipses envolve as propriedades que passaremos a expor a seguir: recuperação do material omitido (cf. 2.2.1), estrutura dos constituintes omitidos (cf. 2.2.2) e domínios sintáticos de ocorrência das elipses (cf. 2.2.3). Em 2.2.4 apresentaremos a tipologia das elipses.

3.2.1 *Recuperação do material omitido*

Segundo Matos, o material omitido é geralmente recuperado a partir de uma das seguintes estratégias: (i) por identidade com material linguístico explicitamente realizado que surge em outro lugar da oração ou num enunciado anterior (cf. (102)); (ii) a partir de aspectos salientes do contexto situacional em que as orações são produzidas (cf. (103)); (iii) por reconstrução de um item lexical gramaticalmente inferível a partir da estrutura linguística em que ocorre (cf. (104)).

(102) a. As *chuvas inundaram* os campos e [~~as chuvas inundaram~~] as casas também.

b. O partido do governo *votou* a favor do *orçamento* e os deputados da oposição [~~votaram~~] contra [~~o orçamento~~].

c. Mesmo que queira [~~resolver esse problema sozinho~~], você não pode *resolver esse problema sozinho*.

(103) a. - Posso [~~entrar~~]?

b. - A sopa não [~~se joga no chão~~]!.

(104) a. O cargo pode-lhe ser atribuído desde que [~~seja~~] compatível com as funções que atualmente exerce.

b. Quando [~~era~~] pequeno, costumava brincar com os irmãos.

c. Embora [~~estivesse~~] cansada, a Maria dispunha-se a acabar com o trabalho antes de ir deitar.

Em (104), dada a presença explícita do conector de subordinação e a presença dos constituintes adjetivais, a ausência de antecedente linguístico é estruturalmente suprida por um sujeito nulo e pelos verbos de cópula, que são estruturalmente recuperados.

3.2.2 *Estrutura dos constituintes omitidos*

Segundo a autora, o material elíptico, embora não realizado foneticamente, possui uma estrutura sintática interna, que pode corresponder a um constituinte complexo, inclusive oracional. Nos exemplos abaixo, o material elíptico corresponde a: uma oração subordinada infinitiva (cf. (105)); uma oração subordinada finita (cf. (106)); um pronome clítico ou demonstrativo (cf. (107)); um sintagma verbal (cf. (108)); uma locução verbal anafórica, formada pelo verbo *fazer* e um pronome clítico com a função de complemento direto (cf. (109)); um sintagma preposicional formado pela preposição *a* e pela oração (ou pelo pronome) que essa preposição rege (cf. (110)).

(105) Ela *sai de casa* porque quer [~~sai de casa~~].

(106) A *criança não vai à escola* porque está doente, e eu aprovo [~~que ela não vá à escola~~].

(107) A *criança não vai à escola* porque está doente, e eu aprovo[~~-e/isso~~].

(108) Os bombeiros *socorreram as vítimas do incêndio* e a população local também [~~socorreu as vítimas do incêndio~~].

(109) Os bombeiros *socorreram as vítimas do incêndio* e a população local também [~~e fez~~].

(110) Eu queria *passar férias na Europa*, mas ele recusou-se [~~a passar férias na Europa/a isso~~].

Como podemos perceber, a estrutura interna dos constituintes elípticos apresenta-se de maneira complexa, sendo uma das propriedades que permite distinguir esse tipo de omissão de outros, como, por exemplo, a omissão do sujeito.

3.2.3 Domínios sintáticos de ocorrência das elipses

Matos afirma que, desde que o contexto situacional ou discursivo permita a recuperação do material elíptico, as elipses podem afetar qualquer expressão linguística, ou seja, elas podem ocorrer tanto no domínio da oração quanto no domínio do sintagma.

O exemplo (111) trata da ocorrência de elipse no domínio oracional, sendo que a elipse, em (111a), corresponde ao complemento do verbo *dizer* e, em (111b), corresponde ao núcleo verbal da oração e seu objeto direto.

- (111) a. Atravesse a rua só quando eu disser [-].
b. O João ofereceu um livro à irmã e a Ana [-] ao pai.

Por outro lado, temos também a ocorrência de elipse no domínio sintagmático, como podemos ver em (112), em que a elipse ocorre na estrutura coordenada e tem por seu antecedente o núcleo nominal do primeiro membro coordenado.

- (112) O carro branco e o [-] vermelho saíram em disparada.

Segundo a autora, as elipses também ocorrem em todos os domínios sintáticos, isto é, em estruturas de coordenação (cf. (113)), de subordinação (cf. (114)) ou de discurso dialógico (cf. (115)), que exibem complexidade de conteúdo e condições estruturais necessárias para o surgimento do constituinte elíptico e do seu antecedente.

- (113) Os ambientalistas estão preocupados com o aquecimento global e alguns governantes também [-].

- (114) Vou embora quando você quiser [-].

- (115) Você vai ao cinema? Quando [-]?

Sendo que as estruturas de coordenação e as sequências justapostas de diálogo são os domínios preferenciais de ocorrência das elipses, já que alguns tipos de elipse só podem mesmo aparecer nesses domínios. Apesar

disso, as elipses também ocorrem em domínios de subordinação, embora com mais restrições (¹²).

Matos destaca que, apesar de as construções comparativas admitirem construções elípticas que podem surgir tanto em estruturas de coordenação quanto em estruturas de subordinação (cf. (116a)), essas construções admitem igualmente construções elípticas que caracteristicamente só figuram em domínios de coordenação (cf. (116b)).

(116) a. Nós temos feito mais trabalhos do que o Pedro tem [-].

b. Eles deram menos livros ao João do que nós [-] à Maria.

Em suma, podemos dizer que as elipses repartem-se por todos os domínios sintáticos, não havendo motivo para associá-las exclusivamente às estruturas de coordenação, como tem sido prática corrente nos estudos gramaticais. Há, contudo, domínios sintáticos mais propiciadores ao aparecimento de elipses do que outros, como é o caso das estruturas coordenadas e das construções comparativas.

3.2.4 *Tipologia das elipses*

Neste trabalho, adotaremos a nomenclatura de elipses utilizada em Matos & Brito (2003), mas também deixaremos os termos em inglês para facilitar a leitura de trabalhos nessa área de pesquisa.

De maneira bastante resumida, apresentaremos exemplos dos principais tipos de elipses, que podem aparecer no domínio oracional: Anáfora do Complemento Nulo, Objeto Nulo, Elipse do SV, Despojamento, Elipse Lacunar, Truncamento, Perguntas e Respostas Abreviadas e Réplicas Retificadoras (¹³); e no domínio sintagmático: Elipse Nominal.

i) Anáfora do Complemento Nulo ou *Null Complement Anaphora*

¹² Veremos a tipologia das elipses na próxima seção, mas, para localizar o leitor, aqui estamos falando da Elipse Lacunar, que é típica de estruturas coordenadas, mas excluída do domínio da subordinação.

¹³ Elipse Lacunar, Despojamento e Réplicas Retificadoras são designações propostas por Matos (1992) respectivamente para *Gapping*, *Stripping* e *Wrong*. Truncamento é o termo utilizado por Brucart (1987) para *Sluicing*.

A Anáfora do Complemento Nulo incide sobre o complemento oracional de um verbo pleno ou semiauxiliar numa perífrase verbal. Nas sentenças a seguir, a Anáfora do Complemento Nulo corresponde a: uma oração subordinada infinitiva (cf. (117a)); um sintagma preposicional formado pela preposição *de* e pela oração que essa preposição rege (cf. (117b)); uma oração subordinada finita (cf. (117c)).

(117) a. Ainda que deva / possa / necessite [~~resolver esse problema~~], você não vai resolver esse problema com facilidade.

b. A Maria já começou a escrever a tese, e vai acabar [~~de escrever a tese~~] em breve.

c. Eles pediram para ir ao cinema hoje mas a Maria não deixou [~~que eles fossem ao cinema hoje~~].

ii) Objeto Nulo ou *Null Object*

Já em Objeto Nulo, os antecedentes do constituinte nulo são constituintes nominais que denotam entidades específicas e não o desenrolar de acontecimentos, como podemos ver em (118).

(118) a. O Pedro comprou dois livros e ofereceu [~~os dois livros~~] à filha.

b. A Ana trouxe o computador para a Faculdade e nós instalamos [~~o computador~~] no gabinete.

c. Os seus filhos passam o fim do ano na Madeira e você festeja [~~o fim do ano~~] no Rio de Janeiro.

iii) Elipse do SV ou *VP-Ellipsis*

A Elipse do SV caracteriza-se pela omissão de todos os constituintes idênticos aos constituintes da oração antecedente, restando apenas um verbo que tem de ser obrigatoriamente idêntico a um dos verbos que figuram no predicado verbal antecedente, como ilustram as sentenças em (119).

(119) a. As cheias na Europa têm sido noticiadas em todos os telejornais mas os debates na Assembleia não têm [~~sido noticiados em todos os telejornais~~].

b. Estamos desejosos de saber os resultados dos exames e pensamos que eles também estão [~~desejosos de saber os resultados dos exames~~].

c. A Maria atribuiu a culpa do desastre ao motorista mas a Teresa não atribuiu [~~a culpa do desastre ao motorista~~].

iv) Despojamento ou *Stripping*

No Despojamento todo o predicado, incluindo o próprio núcleo verbal, encontra-se omitido, à exceção de um único sintagma e de um dos seguintes advérbios: *não, sim, também, também não*.

(120) a. A Maria está escrevendo uma carta ao Papai Noel mas a Paula acha que a Luísa não [~~está escrevendo uma carta ao Papai Noel~~].

b. A Paula não comprou um livro à Teresa mas julgo que [~~a Paula comprou um livro~~] ao Luís sim.

c. O Luís está lendo na sala mas [~~o Luís não está~~] ouvindo música [~~na sala~~] não.

v) Elipse Lacunar ou *Gapping*

A Elipse Lacunar incide obrigatoriamente sobre o verbo ou a sequência de verbos e, opcionalmente, sobre outros constituintes, tendo que deixar expressos, no mínimo, dois constituintes.

(121) a. A Ana [lê] [romances] [aos filhos] [em casa] e a Maria [lê] [poemas] [aos alunos] [nas aulas].

b. A Ana [lê] [romances] [~~aos filhos~~] [~~em casa~~] e a Maria [lê] [poemas] [~~aos alunos~~] [~~nas aulas~~].

c. A Ana [lê] [romances] [aos filhos] [~~em casa~~] e a Maria [lê] [poemas] [aos alunos] [~~nas aulas~~].

vi) Truncamento ou *Slucing*

Em Truncamento, o constituinte elíptico é introduzido por um sintagma interrogativo.

(122) a. Convidei um amigo para jantar. Adivinha quem [~~(é que) eu convidei para jantar~~]?
 b. O Luís encontrou a impressora que queria comprar, mas eu não sei onde [~~o Luís encontrou a impressora que queria comprar~~].
 c. Ela diz que vai arrumar o quarto. Mas quando [~~(é que) ela vai arrumar o quarto~~]?
 vii) Perguntas e Respostas Abreviadas e Réplicas Retificadoras

Exemplo de Pergunta Abreviada:

(123) A: A Maria comprou muitos livros no último ano.
 B: E discos?

Exemplo de Resposta Abreviada:

(124) A: A Ana comprou alguma coisa no supermercado?
 B: Só o leite.

Exemplo de Réplica Retificadora:

(125) A: Depois da praça viramos à direita?
 B: Não, à esquerda!

viii) Elipse Nominal

São incluídos nas Elipses Nominais os casos em que o núcleo do sintagma nominal (cf. (126a)) e alguns dos seus complementos (cf. (126b)) ou adjuntos (cf. (126c)) podem ser omitidos.

(126) a. Os alunos de física e os [~~alunos~~] de matemática têm uma capacidade de raciocínio abstrato muito desenvolvida.

b. As propostas de reestruturação dos cursos de licenciatura foram mais rapidamente aprovadas do que as [~~propostas de reestruturação~~] dos cursos de pós-graduação.

c. Os livros que nós lemos que nos foram úteis e os [~~livros que nós lemos~~] que nos foram inúteis devem equivaler-se em quantidade.

3.3 Movimentos sintáticos

A REC - Restrição da Estrutura Coordenada (*Coordinate Structure Constraint*) de Ross (1967) tem sido aceita e utilizada na literatura para justificar as agramaticalidades produzidas quer pelo movimento de termos coordenados, quer pelo movimento de constituintes neles encaixados para o exterior da estrutura coordenada.

Esta restrição ao movimento sintático, que afeta apenas um dos termos de uma estrutura coordenada, também pode ser estendida às construções comparativas, afetando, da mesma maneira, apenas um dos termos comparados. Sendo assim, tanto as estruturas coordenadas quanto as construções comparativas funcionam como ilhas relativamente a movimento sintático.

A ideia de que as estruturas coordenadas (cf. (127)) bem como as construções comparativas (cf. (128)) funcionam como ilhas relativamente ao movimento sintático de apenas um elemento (Extração QU-) é consagrada na literatura:

- (127) a. O Paulo é alto e a Ana é alta.
 b. *[O que]_i o Paulo é alto e a Ana é t_i?
 c. A Maria escreveu livros e ela escreveu artigos.
 d. *[Quem]_i a Maria escreveu livros e t_i escreveu artigos?
 e. Netuno é brilhante e Urano é brilhante.
 f. *[O que]_i Netuno é brilhante e Urano é t_i?
- (128) a. O Paulo é mais alto do que a Ana é alta.
 b. *[Do que quem]_i o Paulo é mais alto t_i é alta?
 c. A Maria escreveu menos livros do que ela escreveu artigos.
 d. *[Do que quem]_i a Maria escreveu menos livros t_i escreveu artigos?
 e. Netuno é tão brilhante quanto/como Urano é brilhante.
 f. *[Como quem]_i Netuno é tão brilhante t_i é brilhante?

Apesar disso, também já observado por Ross (1967), esse movimento sintático pode ser realizado para o exterior de uma estrutura coordenada (cf.

(129)) ou de uma construção comparativa (cf. (130)) desde que afete os dois termos coordenados ou comparados. O nome dado na literatura para este movimento simultâneo é Movimento-ATB (*Across-The-Board-(ATB)-movement*), que tem sido encarado como uma forma de fugir ao alcance da REC.

- (129) a. O Paulo é alto e a Ana é alta.
 b. [O que]_{ij} o Paulo é t_i e a Ana é t_j ?
 c. A Maria escreveu livros e ela escreveu artigos.
 d. [Quem]_{ij} t_i escreveu livros e t_j escreveu artigos?
 e. Netuno é brilhante e Urano é brilhante.
 f. [O que]_{ij} Netuno é t_i e Urano é t_j ?
- (130) a. O Paulo é mais alto do que a Ana é alta.
 b. [O que]_{ij} o Paulo é mais t_i do que a Ana é t_j ?
 c. A Maria escreveu menos livros do que ela escreveu artigos.
 d. [Quem]_{ij} t_i escreveu menos livros do que t_j escreveu artigos?
 e. Netuno é tão brilhante quanto Urano é brilhante.
 f. [O que]_{ij} Netuno é tão/tanto t_i quanto Urano é t_j ?

A gramaticalidade de (129) e (130) deriva da forma como operou o movimento, uma vez que o elemento movimentado se encontra associado a duas posições vazias, uma em cada um dos termos coordenados ou comparados. Contudo, o movimento-ATB só é possível se existir paralelismo, ou seja, equivalência categorial e funcional entre os elementos extraídos de cada um dos termos.

De acordo com vários autores (cf. Hankamer 1973, White 1998, entre outros), um dado apontado como problemático para a hipótese de que todas as comparativas têm uma base oracional relaciona-se com o contraste entre (131) e (132):

- (131) a. O Paulo é mais alto do que a Ana.
 b. [Do que quem]_i o Paulo é mais alto t_i ?
 c. A Maria escreveu menos livros do que artigos.
 d. [Do que o quê]_i a Maria escreveu menos livros t_i ?

e. Netuno é tão brilhante quanto/como Urano.

f. [Como quem]_i Netuno é tão brilhante t_i?

(132) a. O Paulo é mais alto do que a Ana é alta.

b. *[Do que quem]_i o Paulo é mais alto t_i é alta?

c. A Maria escreveu menos livros do que ela escreveu artigos.

d. *[Do que quem]_i a Maria escreveu menos livros t_i escreveu artigos?

e. Netuno é tão brilhante quanto/como Urano é brilhante.

f. *[Como quem]_i Netuno é tão brilhante t_i é brilhante?

Em (131), é possível extrair um constituinte para a posição inicial da sentença; em (132), esta extração não é possível devido à existência de verbo explícito no segundo termo da comparação, tornando agramaticais as sentenças (132b), (132d) e (132f).

Este fato constitui um argumento a favor da distinção entre CSs e COs e da *Direct Analysis* (DA), verificando-se que a extração só é possível em CSs e que estas podem não ter a mesma base de derivação das COs, isto é, as CSs seriam geradas na base e não envolveriam construções elípticas derivadas das COs.

Hankamer (1973) apresenta um importante argumento ao efeito da extração. Ele nota que em construções como (133), em que o complemento superficial de *than* em uma CS é interpretado como o sujeito de um predicado “ausente”, este constituinte pode sofrer movimento A-barra.

(133) a. You finally met somebody you're taller than.

b. Which planet is Neptune as bright as?

Quando o complemento de *than* contém material oracional, a extração é impossível, como em (134):

(134) a. *You finally met somebody you're taller than is.

b. *Which planet is Neptune as bright as is?

No entanto, como podemos ver em (135), Corver (1990) demonstra que, em inglês, a possibilidade de extração de um elemento QU- em construções

comparativas parece ser condicionada. Dessa forma, há autores (cf. Hendriks, 1995; Kennedy, 1997; entre outros) que consideram que algumas CSs devem ser analisadas por RA e outras CSs devem ser analisadas por DA.

- (135) a. *[Who]_i is John stronger in Mathematics than t_i?
 b. *[Who]_i is Mary more important to John than t_i?
 c. *[Who]_i was John as tall yesterday as t_i?

3.4 Elipses e movimentos em construções comparativas

Em construções comparativas, materiais linguísticos de diferentes tipos não são lexicalmente expressos. Essas omissões são casos de diferentes tipos de elipse. Hendriks & Hoop (2001) assinalam que, se levarmos em consideração contextos mais amplos do que a sentença isolada, muito mais material pode ser elidido nas construções comparativas, como demonstra (136):

- (136) a. Cláudia comeu mais pêssegos do que Fabiana comeu uvas.
 b. Cláudia comeu mais pêssegos do que Fabiana comeu [-].
 c. Cláudia comeu mais pêssegos do que Fabiana [-].
 d. Cláudia comeu mais pêssegos [-].
 e. Cláudia comeu mais [-].
 f. Mais.

As sentenças de (136a) a (136c) são construções comparativas canônicas, enquanto as sentenças de (136d) a (136f) são consideradas “comparativas discursivas”, já que o elemento comparado é apenas recuperado discursivamente, sendo que (136e) e (136f) podem ser respostas para o proferimento de uma sentença como *Cláudia comeu menos pêssegos do que Fabiana comeu uvas*; *Não, mais* ou *Cláudia comeu mais*.

É corrente na literatura assumir-se que no segundo termo da comparação existe um constituinte de grau/quantidade implícito desencadeado pela presença das palavras de grau/quantidade no primeiro termo comparado. Em Bresnan (1973), uma possível representação dessa análise é a explicitada em (137), em que as expressões [*numa quantidade* *x* >, <, = *y*] instanciam o constituinte de quantidade pressuposto em ambos os termos da comparação.

A esse fenômeno dá-se o nome de Subapagamento Comparativo ou *Comparative Subdeletion (CSD)*, uma vez que está elidido apenas o quantificador implícito no segundo termo da comparação.

(137) a. A Ana é tão [numa quantidade x] simpática quanto é [numa quantidade y] inteligente.

b. O Paulo recitou menos [numa quantidade x] racionalmente do que recitou [numa quantidade y] emocionalmente.

c. A Maria escreveu menos [numa quantidade x] livros do que escreveu [numa quantidade y] artigos.

d. A Luísa falou tanto [numa quantidade x] do Paulo quanto falou [numa quantidade y] do Pedro.

São casos diferentes as sentenças em (138), que envolvem Apagamento Comparativo ou *Comparative Deletion (CD)*, em que um sintagma (nominal, adjetival ou adverbial) não tem realização lexical. Esta classificação baseia-se na presença vs. ausência do predicado que exprime o domínio de quantificação relevante no segundo termo da comparação.

(138) a. A Ana é menos simpática do que a Maria é [-].

b. O Paulo recitou tão emotivamente quanto o Pedro recitou [-].

c. A Maria escreveu tantos livros quanto a Ana escreveu [-].

d. A Luísa falou menos do Paulo do que a Maria falou [-].

A ideia de que Apagamento e Subapagamento Comparativo são elipses diferentes daquelas que já vimos pode ser questionada se forem consideradas construções comparativas como as seguintes:

(139) a. A Ana engordou mais este mês do que engordou o ano passado.

b. A Ana engordou mais este mês do que [-] o ano passado.

Tanto em (139a) quanto em (139b) compara-se a quantidade que a Ana engordou durante um período de tempo com a quantidade que engordou durante outro período de tempo. Em (139a) não temos dúvida de que ocorre Subapagamento Comparativo, pois é apenas o quantificador associado ao verbo que não está expresso. No que respeita (139b), em que há elipse do

verbo, ter-se-á um caso de Apagamento Comparativo, visto que não é só o quantificador que está elidido, mas também o sintagma que identifica o domínio de quantificação.

No entanto, a elipse presente nesta construção também pode ser classificada como Elipse Lacunar, uma vez que é o verbo que está elidido. Assim, neste tipo de construção, parece haver uma sobreposição entre Apagamento Comparativo e esse outro tipo de elipse, o que contraria a ideia de que Apagamento e Subapagamento Comparativo são elipses independentes de outras, perdendo-se, assim, a distinção entre Apagamento Comparativo e elipses mais gerais.

Da mesma maneira, as sentenças em (140) envolvem Subapagamento Comparativo (não é expresso o quantificador no segundo termo da comparação) e Elipse Lacunar (o verbo não é lexicalmente realizado), enquanto as sentenças em (141) envolvem Apagamento Comparativo (há elipse do sintagma *x-simpática* em (141a) e do sintagma *x-livros* em (141b)) e Anáfora do Complemento Nulo (o complemento de um verbo não é lexicalmente expresso):

- (140) a. A Ana é tão simpática quanto [é] inteligente.
 b. A Maria escreveu tanto livros quanto [~~escreveu~~] artigos.
- (141) a. A Ana é menos simpática do que imagina [-].
 b. A Maria escreveu menos *livros* do que *gostaria* [-].

Como podemos perceber, nem sempre é fácil identificar o material elíptico com precisão quando a estrutura interna de uma construção elíptica corresponde a um constituinte complexo. Em (141a), o material elíptico pode corresponder à oração subordinada finita *que ela seja simpática* e, em (141b), à oração subordinada infinitiva *(de) ter escrito livros*.

A possibilidade de omissão do constituinte nominal alvo de comparação é analisada como uma instância da construção do Objeto Nulo em português (cf. (142a)) e inglês (cf. (142b)), por exemplo.

- (142) a. Comprei mais livros do que você comprou [-].

b. I bought more books than you bought [-].

Em vez disso, Donati (1997, p. 158) observa que é exigida a presença de um pronome clítico em italiano (cf. (143)) e francês (cf. (144)).

(143) a. *Ho comprato più libri di quanti hai comprati [-] tu.

b. Ho comprato più libri di quanti *ne* hai comprati tu.

(144) a. *J'ai acheté plus de livres que tu n'as achetés [-].

b. J'ai acheté plus de livres que tu n'*en* as achetés.

Além do Subapagamento e do Apagamento Comparativo, Napoli (1983) destaca cinco tipos de elipses que podem ocorrer em construções comparativas: Elipse do SV (cf. (145a)), Anáfora do Complemento Nulo (cf. (145b)), Elipse Lacunar (cf. (145c)), *Pseudogapping* (cf. (145d)) e *Right Node Raising* - RNR (cf. (145e)).

(145) a. A Maria tinha escrito mais livros do que o João tinha [~~escrito~~
~~livros~~].

b. A Maria escreveu mais livros do que você acha [~~que ela~~
~~escreveu~~].

c. A Maria ama Fellini mais do que o João [~~ama~~] Bertolucci.

d. O João vai mentir à Maria mais rápido do que o Luís vai
[~~mentir~~] à Ana.

e. Eu administro [~~sua vida~~] mais do que controlo sua vida.

Esses fenômenos elípticos não são exclusivos de construções comparativas, pois, como podemos ver em (146), eles também podem ocorrer em outras estruturas.

(146) a. A Maria disse que tinha escrito livros, mas o Luís que tinha
[~~escrito livros~~].

b. A Maria comprou a casa que você achou [~~que ela tinha~~
~~comprado~~].

c. A Maria ama Fellini e o João [~~ama~~] Bertolucci.

d. O João não teria mentido à Maria, mesmo depois que o Luís
tivesse [~~mentido~~] à Ana.

e. Eu administro [~~sua vida~~] embora não controle sua vida.

Como já dissemos anteriormente, em *Elipse Lacunar* ou *Gapping*, o verbo não é lexicalmente realizado. Estabelecendo-se um paralelo entre *Elipse Lacunar* e *Pseudogapping*, podemos dizer que o fenômeno chamado *Pseudogapping* consiste no apagamento parcial do verbo, como podemos ver em (145d) e (146d).

A diferença entre *Elipse do SV* (cf. (145a) e (146a)) e *Pseudogapping* (cf. (145d) e (146d)) é que nesta apenas o verbo é parcialmente elidido, enquanto naquela, além de o verbo ser parcialmente elidido, o seu complemento também é apagado.

Já o fenômeno *Right Node Raising - RNR* - (cf. (145e) e (146e)) significa alçar o nó direito, ou seja, o complemento do verbo não é lexicalmente expresso no primeiro termo da comparação, mas é alçado para a posição de complemento do verbo no segundo termo da comparação.

Como observam vários autores (cf. Napoli, 1983; Quirk et al., 1985; Moltmann, 1992; Hendriks, 1995; Matos & Brito, 2002), o comportamento das construções comparativas em relação à legitimação de vários fenômenos de elipse se assemelha ao das estruturas coordenadas.

Matos & Brito destacam que as construções comparativas (cf. (147)) admitem a *Elipse Lacunar*, que é uma elipse típica de orações coordenadas (cf. (148)) e excluída do domínio da subordinação (cf. (149)).

(147) O João trouxe tantas revistas da livraria quanto [-] livros da biblioteca.

(148) O João trouxe revistas da livraria e [-] livros da biblioteca.

(149) *O João não trouxe muitas revistas da livraria porque [-] livros da biblioteca.

As autoras também argumentam que as construções comparativas comportam-se relativamente à elipse de um modo muito semelhante ao das coordenadas, apresentando paralelismo em relação à *Elipse do SV*

(confrontam-se (150a) e (151a)), à Anáfora do Complemento Nulo (confrontam-se (150b) e (151b)) e à Elipse Lacunar (confrontam-se (150c) e (151c)).

- (150) a. O João ofereceu mais livros à Ana do que o Pedro ofereceu [-].
 b. O João ofereceu mais livros à Ana do que pretendia [-].
 c. O João ofereceu mais livros à Ana do que o Pedro [-] à Maria.
- (151) a. O João ofereceu livros à Ana e o Pedro não ofereceu [-].
 b. O João ofereceu livros à Ana mas ele não pretendia [-].
 c. O João ofereceu livros à Ana e o Pedro [-] à Maria.

Lechner (2004) também estuda as elipses em construções comparativas e apresenta seis fenômenos de elipse, que podem ocorrer tanto em construções comparativas quanto em outras estruturas sintáticas: Elipse Lacunar, Elipse do SV, *Pseudogapping*, Despojamento, Movimento-ATB e *Right Node Raising (RNR)*.

Segundo o autor, há construções comparativas em que opera apenas um tipo de elipse, mas também há construções comparativas em que opera mais de um tipo de elipse. Desse modo, nas seguintes sentenças comparativas ocorre(m): Elipse Lacunar em (152a); Elipse do Sujeito e Elipse Lacunar em (152b); Elipse Lacunar e Despojamento em (152c); Elipse do SV em (152d); *Pseudogapping* em (152e); e RNR em (152f):

- (152) a. A Ana gostou de Berlin mais do que a Maria [gostou] de Dubai.
 b. A Ana gostou de Berlin mais do que [~~a Ana~~] [gostou] de Dubai.
 c. A Ana gostou de Berlin mais do que a Maria [gostou] [~~de Berlin~~].
 d. A Ana tinha gostado de Berlin mais do que a Maria tinha [~~gostado de Berlin~~].
 e. A Ana tinha gostado de Berlin mais do que a Maria tinha [gostado] de Dubai.
 f. Mais pessoas gostaram [~~de lugar~~] do que desgostaram do lugar.

Se as sentenças de (152a) a (152c) são o resultado de Elipse Lacunar, que é um processo conhecido por ser restrito à coordenação, como é que as construções comparativas, que geralmente são tratadas estabelecendo relação

com a subordinação, simulam o comportamento das estruturas coordenadas? Gostaríamos de discutir essa questão no próximo capítulo.

3.5 Síntese do capítulo

Neste capítulo, vimos alguns fenômenos linguísticos que tangem tanto as construções comparativas quanto outras construções da língua. Na primeira parte, discutimos os conceitos de grau, quantidade e intensidade que envolvem, além das construções comparativas, as construções superlativas, consecutivas e proporcionais.

Ao longo da história, a palavra de grau ou quantidade de uma construção comparativa (*mais*, *menos* e *tão/tanto*) já foi chamada de advérbio de quantidade, advérbio de intensidade e advérbio de grau, pois ela se associa a uma palavra que envolve uma propriedade escalar/graduável ou a um SN que indica quantidade. Ao tentar abranger o conceito de grau/intensidade e quantidade, a literatura linguística tem utilizado atualmente o termo quantificador.

Os quantificadores *mais*, *menos* e *tão/tanto* operam sobre graus de predicação e sobre quantidades de objetos e a distinção entre o grau de predicação e a quantidade de indivíduos é construída sintaticamente. O tipo de quantificação exercida bem como a natureza da predicação e dos objetos dependem da posição do quantificador como modificador ou argumento e, neste último caso, do núcleo da categoria sintática em que o quantificador figura como modificador.

Dessa maneira, o que unifica os diferentes casos de construção comparativa é o fato de se definir uma quantidade em função de outra quantidade, tendo em conta que o que se entende por grau é também uma quantidade (mensurável por uma escala digital ou não).

Na segunda parte, vimos os vários fenômenos de elipse que envolvem não só as construções comparativas, mas também outras estruturas. Dentre as estruturas formadas por um período composto, isto é, por mais de uma oração, as estruturas de coordenação são especialmente propiciadoras de elipse. Dessa maneira, os tipos de elipse que ocorrem em estruturas de subordinação

ocorrem também em estruturas de coordenação, mas nem todas as expressões elípticas que surgem em estruturas de coordenação podem ocorrer em estruturas de subordinação.

Matos & Brito argumentam que as construções comparativas comportam-se relativamente à elipse de um modo muito semelhante ao das estruturas coordenadas, apresentando paralelismo em relação à elipse do SV, à anáfora do complemento nulo e à elipse lacunar, que é um tipo de elipse que não ocorre nas estruturas subordinadas.

Além das elipses, vimos também os fenômenos de extração de elemento QU- e de movimento sintático (movimento-ATB em especial), que afetam somente as estruturas coordenadas e as construções comparativas.

Foi importante falar de todos esses fenômenos linguísticos porque, no próximo capítulo, discutiremos as principais análises disponíveis na literatura para as construções comparativas: estruturas subordinadas adverbiais, subordinadas complementos ou adjuntos de Deg, subordinadas relativas e estruturas coordenadas.

4 PRINCIPAIS ANÁLISES DISPONÍVEIS NA LITERATURA PARA AS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS

Na literatura, discute-se principalmente se as construções comparativas são estruturas subordinadas ou coordenadas. A gramática tradicional classifica as orações comparativas como subordinadas adverbiais (cf. Said Ali, 1931; Cunha & Cintra, 1984; Bechara, 1999; entre outros). No quadro dos estudos gerativos, a análise clássica trata-as como subordinadas complementos ou adjuntos do núcleo funcional Degree (cf. Bresnan, 1973; Chomsky, 1977; von Stechow, 1984; Abney, 1987; Larson, 1988; Kennedy, 1997; Lechner, 1999; entre outros); mas, também há estudos que consideram as construções comparativas como uma forma especial de subordinação relativa (cf. Donati, 1997; Marques, 2003; entre outros) e outros que defendem que as construções comparativas, na sua totalidade ou parcialmente, são estruturas coordenadas (cf. Napoli, 1983; Moltmann, 1992; Hendriks, 1995; Matos & Brito, 2002; entre outros).

4.1 Estruturas subordinadas

4.1.1 *Tradição gramatical: subordinadas adverbiais*

Na definição das subordinadas, é usual referir-se que estão integradas na oração matriz e que desempenham nela uma função sintática (sujeito, complemento ou adjunto) e uma função temática (tema, adjunto de fim, de causa, de tempo, etc.):

As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração chamam-se SUBORDINADAS. O período constituído de orações subordinadas e uma oração principal denomina-se composto por subordinação. (CUNHA & CINTRA, 1984, p. 590).

Desde a segunda metade do século XIX¹⁴ que se distinguem três tipos de orações subordinadas na tradição gramatical portuguesa e brasileira (cf.

¹⁴ Anteriormente a esse período, as gramáticas filosóficas (cf. Barbosa, 1822) distinguiram-se “proposições totais” de “proposições parciais”, e “conjunções de nexa” de “conjunções de nexa e ordem”. Curiosamente, nas proposições totais estavam incluídas quer as coordenadas, quer as adverbiais.

Said Ali, 1931; Cunha & Cintra, 1984; Bechara, 1999): as substantivas (ou completivas), as adjetivas (ou relativas) e as adverbiais (ou circunstanciais). Essa distinção baseia-se em critérios de natureza distribucional e funcional, estabelecendo-se um paralelismo entre os três tipos de orações e as funções desempenhadas por substantivos, adjetivos e advérbios.

Said Ali (1931) também privilegia a distribuição sintática das orações, comparando-a à de determinadas classes de palavras: as “orações substantivas” teriam uma distribuição próxima dos substantivos; as “orações adjetivas” teriam uma distribuição semelhante à dos adjetivos; as “orações adverbiais” teriam uma distribuição semelhante à dos advérbios:

As subordinadas são orações substantivas se fazem as vezes de um substantivo, funcionando por exemplo como sujeito ou complemento; chamam-se orações adjetivas se têm o valor de determinante atributivo, e adverbiais se modificam o sentido do verbo como os advérbios. (SAID ALI, 1931, p. 272).

A gramática tradicional brasileira estabelece distinções de natureza semântica dentro do grupo das subordinadas adverbiais, tal como acontece com os complementos circunstanciais, estabelecendo nove subgrupos semânticos de adverbiais: temporais, causais, finais, concessivas, condicionais, consecutivas, comparativas, conformativas e proporcionais.

Não há critérios sintáticos explícitos de forma sistemática nas gramáticas consultadas de modo a permitir estabelecer distinções de natureza sintática no grupo das orações adverbiais. Há apenas a distinção entre adverbiais finitas e não finitas (infinitivas, gerundivas e participiais) e a referência pontual de aspectos relativos à posição ocupada pela adverbial, muitas vezes em capítulos dedicados a “aspectos estilísticos” ou à “colocação das palavras na frase”.

Conforme Alarcos Llorach (1994), na tradição gramatical espanhola é usual estabelecer-se uma distinção que as gramáticas do português ignoram: distingue-se entre “adverbiais próprias” (as que podem ser substituídas por um advérbio) e “adverbiais impróprias” (as que só podem ser substituídas por um grupo preposicional). Assim, enquanto as “adverbiais próprias” incluem as

temporais, as locativas e as orações de modo, as “adverbiais impróprias” incluem as finais, as causais, as condicionais e as concessivas.

Como podemos observar em Alarcos Llorach, essa distinção reflete até certo ponto propriedades semânticas e estruturais da oração adjunta, pois as “adverbiais próprias” funcionam normalmente como adjuntos circunstanciais, as “adverbiais impróprias” causais e finais funcionam como adjuntos circunstanciais ou como adjuntos oracionais e as condicionais e concessivas apenas como adjuntos oracionais.

A arbitrariedade no grupo das orações adverbiais fica clara quando confrontamos a nomenclatura da tradição gramatical portuguesa (muito próxima da francesa e da italiana) com a de outras tradições gramaticais. Veja-se, por exemplo, que só a tradição gramatical brasileira identifica estruturas adverbiais conformativas e proporcionais. As gramáticas espanholas, por sua vez, consideram as locativas e as modais, ausentes na maioria das gramáticas do português. Para além das classificações semânticas usuais, Quirk et al. (1985) consideram outras ausentes na maioria das gramáticas tradicionais: “clauses of time”, “clauses of contingency”, “clauses of place”, “conditional clauses”, “clauses of concession”, “clauses of contrast”, “clauses of exception”, “reason clauses”, “clauses of purpose”, “clauses of result”, “clauses of similarity and comparison”, “clauses of proportion”, “clauses of preference” e “comment clauses”.

Quanto ao critério de classificação das diferentes adverbiais, a base tradicional é o conectivo que as introduz, havendo por vezes remissão a critérios semânticos. Assim, qualquer tentativa de tipologia semântica dessas estruturas parece ter um carácter subjetivo, pois é possível interpretar a realidade e esquematizá-la sob diferentes perspectivas, o que reflete naturalmente diferentes formas de ver o mundo.

Na tradição gramatical, as subordinadas adverbiais funcionam como um constituinte da oração matriz ou nuclear, isto é, podem ser vistas simplesmente como um “adjunto” de sua “oração principal”. Esse tipo de classificação vem sendo questionado, indicando-se, por meio de diversos testes, que sentenças

desse tipo são mais bem caracterizadas por meio de outras propriedades, especialmente seu modo de articulação com a oração principal e sua forma.

É comum as gramáticas tradicionais caracterizarem as estruturas subordinadas pela função sintática e semântica desempenhada na oração principal e as estruturas coordenadas, pelo contrário, não desempenhando qualquer tipo de função sintática ou semântica na oração dita coordenante.

No entanto, como podemos ver nos exemplos a seguir, algumas relações semânticas encontradas nas subordinadas adverbiais tradicionais (cf. (153)) são muito próximas das que podemos encontrar nas estruturas coordenadas (cf. (154)).

- (153) a. O João veio fazer o exame, embora estivesse doente.
b. Embora tivesse lido o livro, a Maria não viu o filme.

- (154) a. O João estava doente, mas veio fazer o exame.
b. A Maria leu o livro, mas não viu o filme.

Além disso, embora se possa identificar uma função “acessória” ou de argumento “não nuclear” para muitas subordinadas adverbiais (temporais, por exemplo), para a maioria delas, não é tarefa simples identificar se desempenham ou não uma função sintática e semântica na oração principal, e, se desempenham, qual é exatamente essa função.

Bechara (1999) distingue as orações comparativas (e consecutivas) das restantes estruturas de subordinação adverbial pelo fato de não poderem ser antepostas, por estarem mais encaixadas na estrutura da frase e por envolverem estruturas quantificacionais.

O autor classifica-as em subordinadas adverbiais do 2º grupo porque apresentam semelhanças com as orações adjetivas ou relativas, dependendo de um antecedente de natureza quantificadora e só desempenhando uma função gramatical na matriz juntamente com o seu antecedente:

As subordinadas adverbiais do 2º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só

mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. (BECHARA, 1999, p. 473).

A atribuição de um estatuto diferente a essas estruturas constitui uma posição inovadora na tradição gramatical portuguesa e brasileira.

4.1.2 *Subordinadas complementos ou adjuntos de Deg*

No quadro dos estudos gerativos, a análise clássica considera as comparativas como construções de grau que são subordinadas complementos ou adjuntos da categoria funcional Deg (cf. Bresnan, 1973; Chomsky, 1977; von Stechow, 1984; Abney, 1987; Larson, 1988; Kennedy, 1997; Lechner, 1999; entre outros).

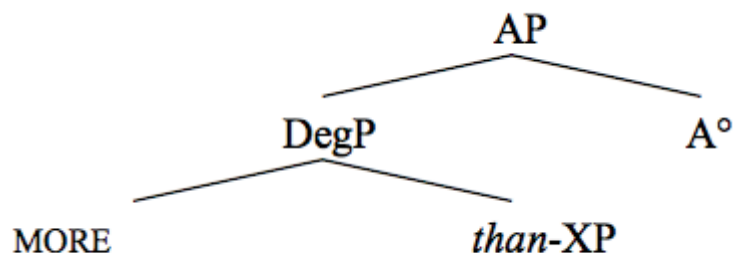
Vários autores consideram o fato de as construções comparativas terem características típicas de estruturas de coordenação e outras de estruturas de subordinação. Uma possibilidade de conciliar esse fato consiste em assumir que o sintagma comparativo é gerado dentro de um sintagma adjetival, adverbial, nominal ou verbal, deslocando-se, por extraposição, para uma posição de adjunção à oração matriz. Este movimento permitiria obter uma estrutura semelhante à que é observada em construções de coordenação, o que explica a proximidade entre os dois tipos de construção.

Como propõem os trabalhos de Bresnan (1973), Chomsky (1977), entre outros, as construções comparativas de desigualdade em inglês podem ser geradas dentro de um sintagma adjetival, adverbial, nominal ou verbal, deslocando-se, por extraposição, para uma posição de adjunção à oração matriz. Segundo esses autores, as construções comparativas são analisadas especificamente como *wh*-CPs inseridas em PPs encabeçados por *than*, como indicado em (155b), cuja representação sintática em (155c) encontra-se em Lechner (2017, no prelo).

(155) a. John is taller than Mary is.

b. John is [[-er [than [[\emptyset_{wh}]_i [Mary is t_i]_{TP}]_{CP}]_{PP}]_{DegP} tall-]_{AP}

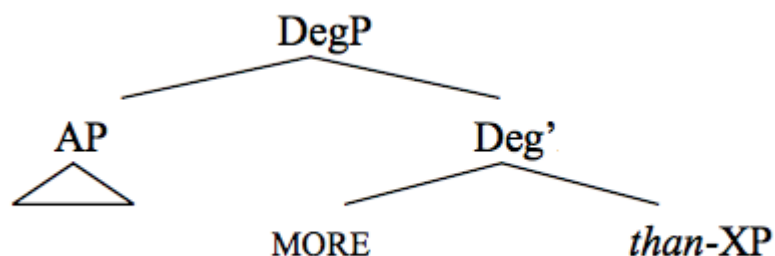
c.



Outros autores (cf. von Stechow, 1984; Abney, 1987; Kennedy, 1997; Lechner, 1999, 2004) também revisitaram essa análise.

Lechner (1999, 2004) defende que o constituinte *than-XP* seja gerado dentro de um sintagma de grau e selecionado pela palavra de grau/quantidade, sendo o sintagma adjetival gerado na posição de especificador do sintagma de grau, como como indicado em (156a), cuja representação sintática em (156b) também se encontra em Lechner (2017, no prelo).

- (156) a. John is [[tall-]_{AP} [-er [than [[-]_i [Mary is [-]_i]_{TP}]_{CP}]_{PP}]_{Deg'}]_{DegP}
 b.



Para dar conta da ordem de palavras que se observa na generalidade das construções comparativas, em que o marcador de grau não é um sufixo, Lechner propõe que a palavra de grau/quantidade se desloca, por extraposição, para uma posição que antecede a palavra graduável ou o SN que indica quantidade, obtendo-se, assim, a ordem das palavras mais comum em construções comparativas.

A ideia de que a sequência *than-XP* é extraposta foi retomada por Lechner (1999) que propõe que esse movimento só se verifica em construções comparativas onde existam elipses exclusivas de estruturas de coordenação, como a elipse lacunar. Segundo o autor, o movimento é motivado para permitir

que o verbo da oração comparativa seja apagado. No entanto, esse apagamento é opcional, como mostra o contraste que se segue, pelo que, de acordo com a sua proposta, a extraposição também o será:

(157) a. O João trouxe tantas revistas da livraria quanto trouxe livros da biblioteca.

b. O João trouxe tantas revistas da livraria quanto [-] livros da biblioteca.

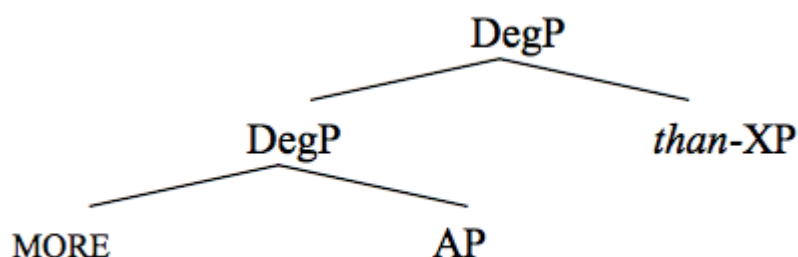
c. O João ofereceu mais livros à Ana do que o Pedro ofereceu livros à Maria.

d. O João ofereceu mais livros à Ana do que o Pedro [-] à Maria.

Kennedy (1997) assume a proposta de Abney (1987) de que há sintagmas de grau e que estes são projeções de um constituinte de grau, que tem por complemento um sintagma adjetival. Ele propõe que o sintagma *than*-XP seja gerado como uma adjunção a Deg, como indicado em (158a), cuja representação sintática em (158b) encontra-se em Lechner (2017, no prelo). Um problema que poderia ser apontado nesta abordagem é que se Deg é a projeção funcional do adjetivo, como explicar a projeção de Deg com nomes?

(158) a. John is [[-er [tall-]_{AP}]_{Deg} than [OP_x Mary is [e_{DegP}]_x]_{TP}]_{CP}]_{DegP}

b.



Apesar de as duas últimas propostas darem conta da ordem das palavras que costuma aparecer nas construções comparativas, em que a palavra de grau/quantidade antecede linearmente a palavra graduável ou o SN que indica quantidade, a vantagem das propostas de Abney (1987) e Kennedy (1997) é que o recurso à extraposição não é necessária, pois a palavra de grau encabeça toda a construção comparativa, e seleciona o predicado graduável, AP, como seu complemento.

Uma análise nestas linhas permitiria atribuir a todas as construções comparativas a mesma estrutura básica, assumindo-se que o sintagma comparativo é selecionado pela palavra de grau/quantidade, essa proposta viria ao encontro das análises que consideram as construções comparativas estruturas de subordinação, e permitiria captar a proximidade entre construções comparativas e estruturas coordenadas.

4.1.3 Subordinadas relativas ou adjetivas

Outro grupo de orações que faz parte das estruturas de subordinação é o das relativas, também chamadas de adjetivas. Como mostram os exemplos abaixo, o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* em (159) também pode ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, é chamada de oração subordinada relativa (ou oração subordinada adjetiva), como demonstra (160).

(159) O aluno *estudioso* vence na vida.

(160) O aluno *que estuda* vence na vida.

Em (160), o pronome relativo *que* introduz a oração relativa *que estuda* e reintroduz o antecedente a que se refere (*o aluno*), transpondo a oração independente *o aluno estuda* a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do SN *o aluno*, tal qual fazia o adjetivo *estudioso* em (159).

Além disso, como a oração *que estuda* é equivalente à *o aluno estuda* e o pronome *que* é o representante de *o aluno*, podemos dizer que o pronome relativo *que* funciona como sujeito da oração subordinada relativa *que estuda*.

Há paralelismo semântico e sintático entre o adjetivo (cf. (161)) e a subordinada relativa (cf. (162)), cujo encaixamento se faz a um nível mais profundo da estrutura e o seu conector desempenha claramente uma função sintática na oração que introduz.

(161) a. [O livro [oferecido]] era excelente.

b. O João encontrou [o livro [perdido]].

(162) a. [O livro [que_i o Pedro me ofereceu t_i]] era excelente.

b. O João encontrou [o livro [que_i eu tinha perdido t_i]].

O paralelismo semântico e sintático entre o adjetivo e a oração relativa é marcado pela posição pós-nominal, pelo valor atributivo e pelo valor de modificador nominal, mas, obviamente, as diferenças entre adjetivos e orações são evidentes, uma vez que as relativas são proposições e contêm propriedades típicas de uma oração (predicação própria, tempo, modo, aspecto).

Também vale a pena notar que as orações subordinadas relativas (cf. (163)) mantêm certa semelhança com as orações subordinadas substantivas (cf. (164)).

(163) a. Assusta-me a notícia que os jornais de hoje trazem.

b. A surpresa que você me fez foi linda.

(164) a. Assusta-me a notícia de que o planeta está aquecendo.

b. É uma surpresa que o filme tenha ganhado o festival.

Em (163), as subordinadas relativas restringem o domínio de referência da expressão nominal antecedente. Desse modo, em (163a), a notícia trazida pelos jornais de hoje, e só essa, é motivo de susto e, em (163b), a surpresa feita por você, e só essa, foi linda. Já a substantiva completiva nominal em (164a) e a substantiva subjetiva em (164b) são argumentos dos nomes, não existindo qualquer posição vazia cujo valor possa ser recuperado pelo SN anterior.

Na análise das construções comparativas como subordinadas relativas, Donati (1997) propõe que as construções comparativas, especialmente em italiano, devem ser analisadas como uma espécie de orações relativas livres. A autora observa as semelhanças entre os dois tipos de orações, em que o elemento-*wh quanto* em construções comparativas (cf. (165)) pode funcionar como uma relativa livre (cf. (166)).

(165) Maria ha fatto più di [quanto]_i mi sarei aspettato che facesse t_i.

“A Maria fez mais d[o que]_i eu esperava que fizesse t_i.”

(166) Maria non ha fatto [quanto]_i mi sarei aspettato che facesse t_i.

“A Maria não fez [o que]_i eu esperava que fizesse t_i.”

Além de que é possível usar uma oração relativa e obter uma construção comparativa alternativa (cf. (167)) à construção comparativa canônica (cf. (168)).

(167) Maria ha mangiato più biscotti di [quelli]_i che ha mangiato t_i Giulia.

“A Maria comeu mais biscoitos do que [aqueles]_i que a Giulia comeu t_i.”

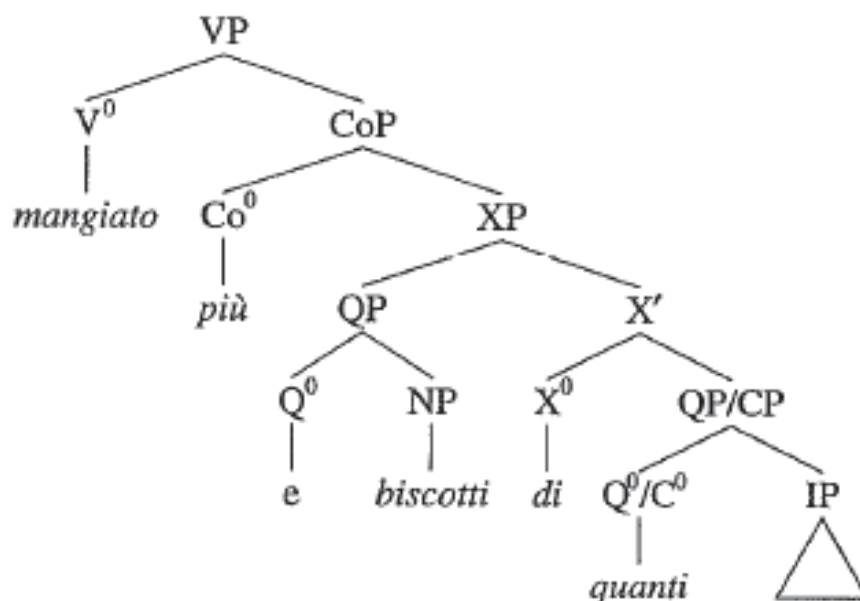
(168) Maria ha mangiato più biscotti di [quanti]_i ne ha mangiati t_i Giulia.

“A Maria comeu mais biscoitos d[o que]_i a Giulia comeu t_i.”

Nesta análise, toda a construção comparativa é selecionada pelo marcador de grau *più/mais*, considerado um predicado de dois lugares, pois seleciona os dois termos da comparação, que são argumentos quantificacionais (QP). A preposição *di* é inserida na estrutura como um elemento que simula uma conjunção, cuja única finalidade é estabelecer a ordem assimétrica exigida pela sintaxe entre os dois argumentos de *più/mais*, como indicado em (169a), cuja representação sintática em (169b) encontra-se em Donati (1997, p. 164):

(169) a. Maria ha [[mangiato]_V [[più]_{Co} [[[e]_Q [biscotti]_{NP}]_{QP} [[di]_X [[quanti]_i]_{Q/C} [ne ha mangiati t_i Giulia]_{IP}]_{QP/CP}]_{X'}]_{XP}]_{CoP}]_{VP}

b.



O “argumento externo” de *più/mais* é o quantificador “e”, que é inserido principalmente por motivos interpretativos, já que, em construções comparativas como (161), há a comparação de duas quantidades. Em relação à posição que *più/mais* ocupa na estrutura, Donati assinala que, de fato, o marcador de grau tem um papel central na comparação, sendo o elemento que estabelece a relação entre os dois termos e parecendo ser o núcleo da comparação. Ainda segundo a autora, a centralidade de *mais* não é clara na análise padrão, em que é gerada como um especificador simples do primeiro termo da comparação.

Além disso, nesta análise, não há necessidade de uma regra de extraposição, uma vez que a ordem linear mais comum das palavras na construção comparativa corresponde ao local onde é gerada. E o comportamento de ilha relativamente à extração de apenas um elemento comparado é facilmente explicado, uma vez que deriva da estrutura nominal complexa das comparativas como sendo uma oração de tipo relativa.

Em PE, Marques (2013) considera as construções comparativas como uma forma especial de subordinação relativa. Segundo o autor, as comparativas se aproximam de orações subordinadas relativas pela relação que estabelecem com um antecedente, de natureza escalar/graduável/mensurável.

Segundo o autor, *o que* e *quanto* são pronomes relativos sem antecedente expreso e estão associados a uma variável de grau que ocorre na oração subordinada. Como indicado em (170), $[x]$ representa a variável de grau e os índices idênticos “i” nessa variável e nas formas *o que* e *quanto* representam a associação que existe entre esses elementos:

- (170) a. [O preço do diesel subiu [mais d[o que]_i o preço da gasolina desceu $[x]_i$]_{SGrau}]_F.
 b. [O preço do diesel subiu [tanto [quanto]_i o preço da gasolina desceu $[x]_i$]_{SGrau}]_F.

Marques defende que a estrutura interna dos sintagmas *o que o preço da gasolina desceu* e *quanto o preço da gasolina desceu* é idêntica à estrutura

de sintagmas como o que ocorre sublinhado em quem assinou o documento não está mais aqui. A diferença é que o sintagma *quem assinou o documento* identifica uma pessoa, enquanto os sintagmas *o que o preço da gasolina desceu* e *quanto o preço da gasolina desceu* identificam um grau, no caso, o grau de descida do preço da gasolina.

De acordo com o autor, as sequências *mais do que o preço da gasolina desceu* e *tanto quanto o preço da gasolina desceu* são sintagmas de grau, que podem ser substituídos, sem perda de gramaticalidade, por outros sintagmas de grau:

- (171) a. [O preço do diesel subiu [quanto]_{SGrau}]_F?
 b. [O preço do diesel subiu [muito]_{SGrau}]_F.
 c. [O preço do diesel subiu [10%]_{SGrau}]_F.

Segundo essa análise, cada um dos dois termos da comparação é um sintagma de grau (ou de quantidade) associado a uma palavra graduável (ou um SN que indica quantidade), que identifica uma escala (ou um domínio de quantificação), sendo que o grau/quantidade do segundo termo da comparação serve de referência para identificar o grau/quantidade do primeiro termo da comparação.

Se a escala/domínio de quantificação for a mesma nos dois sintagmas, ela será expressa apenas no primeiro termo da comparação. Apesar disso, a escala/domínio de quantificação do segundo termo da comparação e seu respectivo grau/quantidade podem ser recuperados, como mostra (172).

- (172) a. [O preço do diesel subiu [menos do que o preço da gasolina (~~subiu~~)]_{SGrau}]_F.
 b. [O preço do diesel subiu [tanto quanto o preço da gasolina (~~subiu~~)]_{SGrau}]_F.

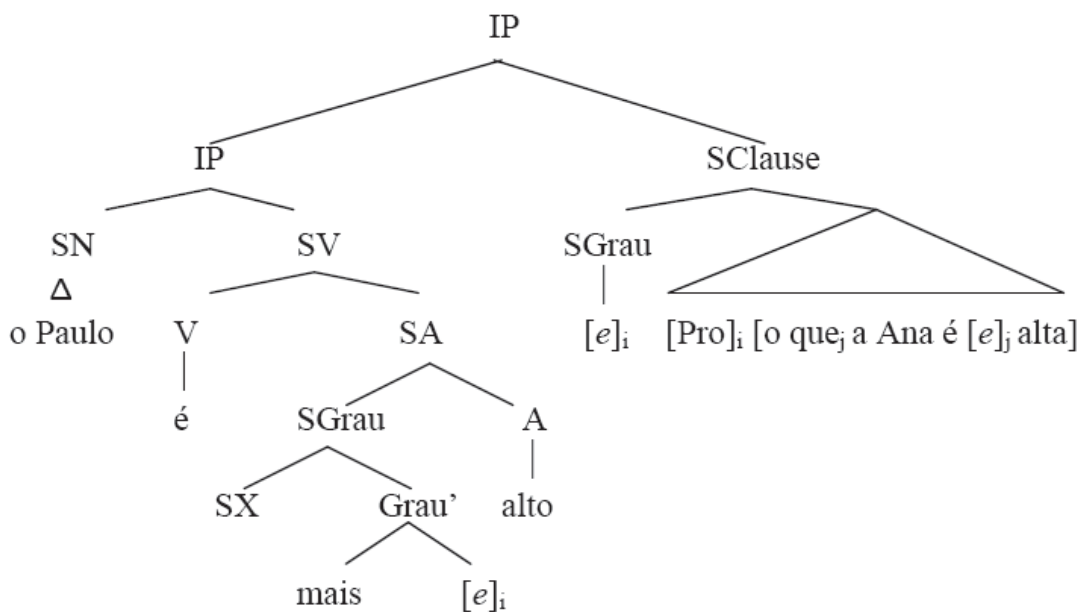
Sendo assim, a escala/domínio de quantificação é identificada, em (173a), pela forma adjetival *alto*, em (173b), pela forma adverbial *bem*, em (173c), pela forma verbal *subiu* e, em (173d), pela forma nominal *presentes*, e, por ser a mesma nos dois sintagmas, não é expressa no segundo termo da comparação.

- (173) a. O novo edifício vai ser mais *alto* do que o anterior.
 b. O Pedro canta tão *bem* quanto o Paulo.
 c. O preço do diesel *subiu* tanto quanto o preço da gasolina.
 d. O Pedro ganhou menos *presentes* do que o Paulo.

De acordo com essa análise, as sequências *mais/menos do que* e *tão/tanto quanto* formam um constituinte, um sintagma de grau, que ocupa a posição de especificador do adjetivo, tal como outros constituintes de grau, como *muito*. O núcleo do sintagma de grau é *mais*, *menos* ou *tão/tanto*, que tem por complemento um sintagma de grau relativizado, como indicado em (174a), cuja representação sintática em (174b) encontra-se em Marques (2003, p. 93):

- (174) a. [[[O Paulo]_{SN} [[é]_V [[[SX] [[mais] [e]_i]_{Grau'}]_{SGrau} [alto]_A]_{SA}]_{SV}]_{IP} [[[e]_i]_{SGrau} [Pro]_i [[o que]_j a Ana é [e]_j alta]_{SClause}]_{IP}

b.



Embora não adote a mesma análise de Lechner (1999), Marques (2003) assume, como esse autor e vários outros, que as construções comparativas são basicamente estruturas de subordinação, apesar de a estrutura aparente se assemelhar a estruturas de coordenação.

4.2 Estruturas coordenadas

Apesar de a tradição gramatical considerar as construções comparativas como estruturas de subordinação, desde a década de 80, vários autores (cf. Napoli, 1983; Quirk et al., 1985; Moltmann, 1992; Hendriks, 1995; Matos & Brito, 2002) argumentam que o comportamento das comparativas se assemelha ao das coordenadas, partilhando muitas propriedades, relativamente à legitimação de vários fenômenos de elipse que são característicos de estruturas de coordenação, mas que também são comuns às comparativas.

Em relação às coordenadas em geral, assume-se que ambos os termos coordenados pertencem à mesma natureza categorial e desempenham a mesma função sintática e a mesma função semântica:

A COORDENAÇÃO caracteriza-se por combinar constituintes do mesmo nível categorial - núcleos ou constituintes plenamente expandidos, i. e., sintagmas ou frases - que desempenham as mesmas funções sintáticas e semânticas. A expressão linguística resultante é uma unidade complexa que exhibe as mesmas funções dos termos iniciais. (MATOS, 2003, p. 551).

Em (175a) são coordenados sintagmas preposicionais e em (175b) são coordenados sintagmas nominais: ⁽¹⁵⁾

- (175) a. Podes levar a criança tanto *ao restaurante* quanto *ao cinema*.
b. *O Pedro* e *a Ana* vieram visitar-nos.

Como mostram (176) e (177), a aparente intercomunicabilidade dos termos coordenados consiste em não considerar os conectores coordenativos como parte integrante dos termos coordenados e em considerar apenas os casos em que os termos são semanticamente simétricos e formalmente independentes um do outro, sendo irrelevante qual deles ocupa a posição de coordenante e de coordenado.

- (176) a. [O João vai ao cinema], mas [a Maria vai ao concerto].

¹⁵ Em muitos casos, utilizamos exemplos de Matos (2003) e Matos & Brito (2003), que, apesar de se referirem a sentenças do PE, são bons exemplos no PB.

b. [A Maria vai ao concerto], mas [o João vai ao cinema].

(177) a. Ele levou a criança não só [ao restaurante] como [ao cinema].

b. Ele levou a criança não só [ao cinema] como [ao restaurante].

Quando os termos coordenados não são semanticamente simétricos (cf. (178)) nem formalmente independentes um do outro (cf. (179) e (180)), essas manipulações não são possíveis, porque produzem resultados pragmaticamente anômalos (cf. (178b)) ou porque determinam construções malformadas (cf. (179b) e (180b)), na interpretação em que *Eles* e *a Ana* e *o Pedro* são co-referentes.

(178) a. [Senti uma vertigem] e [desmaiei].

b. #[Desmaiei] e [senti uma vertigem].

(179) a. [O João vai ao cinema], mas [a Maria não].

b. #[A Maria não], mas [o João vai ao cinema].

(180) a. [[A Ana e o Pedro]_i foram para a Bahia], mas [eles_i não estão de férias].

b. #[Eles_i não estão de férias], mas [[a Ana e o Pedro]_i foram para a Bahia].

Em (179b), o membro coordenante tem de estar numa posição estrutural que preceda e permita fixar o conteúdo do constituinte elíptico. Já em (180b) a impossibilidade de o pronome sujeito no primeiro membro coordenado ser interpretado como co-referente do sujeito coordenado da oração coordenante pode ser explicada como uma infração a um dos princípios gerais que guiam o estabelecimento da referência e co-referência das expressões nominais.

Nem sempre é fácil estabelecer a distinção entre subordinação e coordenação. De acordo com Matos (2003), são casos-fronteira as chamadas coordenações assimétricas, que estabelecem nexos entre os membros coordenados que, do ponto de vista semântico, se aproximam da relação entre subordinante e subordinada. Abaixo, as orações em (181) são equivalentes às explicitadas em (182).

(181) a. Não comes a sopa e não te levo ao cinema!

b. Está um dia quente, mas a criança sente frio.

(182) a. Se não comeres a sopa, não te levo ao cinema!

b. Embora esteja um dia quente, a criança sente frio.

Apesar do valor semântico de subordinação, as orações em (181) comportam-se formalmente como coordenadas, pois nenhum dos seus membros exhibe a mobilidade característica das estruturas subordinadas correspondentes, como podemos ver o contraste entre (183) e (184):

(183) a. *E não te levo ao cinema, não comes a sopa!

b. *Mas a criança sente frio, está um dia quente.

(184) a. Não te levo ao cinema se não comeres a sopa!

b. A criança sente frio, embora esteja um dia quente.

Segundo Matos (2003), a coordenação é estabelecida pela presença de conjunções - palavras morfologicamente não flexionáveis - cuja função é explicar o nexo entre os termos coordenados.

As conjunções podem ocorrer isoladamente (*e, nem, ou, mas*) ou podem requerer a presença de um correlato no primeiro membro da coordenação. No primeiro caso, as estruturas de coordenação mobilizam uma conjunção simples; no segundo caso, como podemos ver em (185), as locuções conjuncionais (*não só... mas também, tanto... quanto, ora... ora*) são chamadas de conjunções correlativas e assumem uma forma descontínua.

(185) a. Ele leu *não só* artigos *mas também* duas teses.

b. *Tanto* o Paulo, *quanto* a Maria, *quanto* o Pedro vão sair de férias.

c. Ela lê *ora* romances, *ora* contos, *ora* poesias.

Como demonstram as sentenças em (186), é fixa a relação entre o primeiro elemento constitutivo correlativo e os seguintes:

(186) a. **Tanto* o Paulo, *mas também* a Maria vão sair de férias.

b. *Ela lê *ou* romances, *ora* contos.

Dessa maneira, é possível assumir que o núcleo das expressões correlativas se encontra na conjunção, que ocorre entre os termos coordenados, e que os constituintes adverbiais ou conjuncionais iniciais surgem associados ao primeiro termo da coordenação e marcam o começo da estrutura coordenada.

Nesta análise, as construções comparativas são estruturas de coordenação e *do que* e *quanto* são conjunções (palavras morfológicamente não flexionáveis) que requerem a presença de um correlato (uma palavra que indica grau ou quantidade) no primeiro termo da comparação. As locuções conjuncionais *mais/menos... do que* e *tão/tanto... quanto* são chamadas de conjunções correlativas comparativas.

Sendo assim, o primeiro elemento constitutivo (*mais, menos* ou *tão/tanto*) ocorre no primeiro termo da comparação e o segundo elemento constitutivo (*do que* ou *quanto*) é o que, de fato, estabelece a comparação entre os dois termos comparados, sendo que *mais/menos* determina a presença de *do que* e *tão/tanto* seleciona *quanto*.

Em inglês, Napoli (1983) e Hendriks (1995) propõem a existência de dois morfemas *than*, um que será uma conjunção, outro que será uma preposição, estando cada construção comparativa associada a um único indicador sintagmático. Assumem, portanto, que nem todas as construções comparativas têm a mesma estrutura, sendo algumas estruturas de coordenação e outras estruturas de subordinação.

Em português, Matos & Brito (2002) alegam que, na expressão comparativa *do que, de* não é uma preposição nem é independente de *o que*, como demonstram os exemplos em (187) e (188).

(187) a. Ela é mais alta do que isso.

b. *Ela é mais alta disso.

(188) a. Ele comprou mais livros do que os que nós compramos.

b. #Ele comprou mais livros dos que nós compramos.

De maneira semelhante, *do que* e *quanto* não podem corresponder a preposições, porque não são capazes de atribuir caso (cf. (189)), diferentemente de *than* em inglês (cf. (190a)) e de *di* em italiano (cf. (190b)).

(189) a. *Ela é mais alta do que mim.

b. *Ela é tão alta quanto mim.

(190) a. She is taller than me.

b. Lei è più alta di me.

As autoras argumentam a favor da coordenação e apresentam propriedades estruturais e distribucionais das comparativas que põem em questão a sua inclusão como construção de subordinação:

i) As construções comparativas (cf. (191)), tal qual as coordenadas (cf. (192)), divergem das subordinadas adverbiais (cf. (193)) quanto à mobilidade:

(191) a. O Luís é mais estudioso do que o João é trabalhador.

b. *Do que o João é trabalhador, o Luís é mais estudioso.

(192) a. A Maria foi trabalhar, mas estava cansada.

b. *Mas estava cansada, a Maria foi trabalhar.

(193) a. O Luís é simpático quando o tratam bem.

b. Quando o tratam bem, o Luís é simpático.

ii) As comparativas (cf. (194)) tal como as coordenadas (cf. (195)) produzem resultados agramaticais face à clivagem, diferente das subordinadas adverbiais (cf. (196)).

(194) a. O Pedro comprou tantos livros na livraria quanto a Maria emprestou na biblioteca.

b. *Foi quanto a Maria emprestou na biblioteca que o Pedro comprou tantos livros na livraria.

(195) a. O Pedro comprou livros na livraria e a Maria emprestou na biblioteca.

b. *Foi e a Maria emprestou na biblioteca que o Pedro comprou livros na livraria.

(196) a. O Pedro comprou livros na livraria porque não podia emprestar na biblioteca.

b. Foi porque não podia emprestar na biblioteca que o Pedro comprou livros na livraria.

iii) O pronome *isso* pode coexistir com o conector comparativo *do que* (cf. (197b)), mas não apenas com a preposição *de* (cf. (197c)). Diferentemente, *isso* não pode co-ocorrer com os conectores subordinativos adverbiais (cf. (198b)), mas somente com a preposição (cf. (198c)).

(197) a. Ela é mais alta do que a mãe.

b. Ela é mais alta *do que isso*.

c. *Ela é mais alta *disso*.

(198) a. Ela trabalha para que os problemas se resolvam.

b. *Ela trabalha para *que isso*.

c. Ela trabalha para *isso*.

iv) Os conectores de comparação (cf. (199)) como as conjunções coordenativas (cf. (200)) podem associar constituintes oracionais ou sintagmáticos. Esta propriedade distingue-os dos complementadores de subordinação, que introduzem obrigatoriamente orações (cf. (201)).

(199) O Pedro comprou mais *revistas* do que *livros*.

(200) O Pedro comprou *revistas* e *livros*.

(201) *O Pedro comprou *revistas* embora *livros*.

v) Tanto as estruturas comparativas (cf. (202)) como as coordenadas (cf. (203)) admitem a Elipse Lacunar, que é um tipo de elipse característico da coordenação e que não é permitido na subordinação (cf. (204)).

(202) O João trouxe tanto revistas da livraria quanto [-] livros da biblioteca.

(203) O João trouxe revistas da livraria e [-] livros da biblioteca.

(204) *O João não trouxe muitas revistas da livraria porque [-] livros da biblioteca.

vi) As comparativas e as coordenadas apresentam paralelismo relativamente à Elipse do SV (cf. (205a) e (206a)), à Anáfora do Complemento Nulo (cf. (205b) e (206b)) e à Elipse Lacunar (cf. (205c) e (206c)).

(205) a. O João ofereceu mais livros à Ana do que o Pedro ofereceu [-].
b. O João ofereceu mais livros à Ana do que pretendia [-].
c. O João ofereceu mais livros à Ana do que o Pedro [-] à Maria.

(206) a. O João ofereceu livros à Ana mas o Pedro não ofereceu [-].
b. O João ofereceu livros à Ana mas ele não pretendia [-].
c. O João ofereceu livros à Ana e o Pedro [-] à Maria.

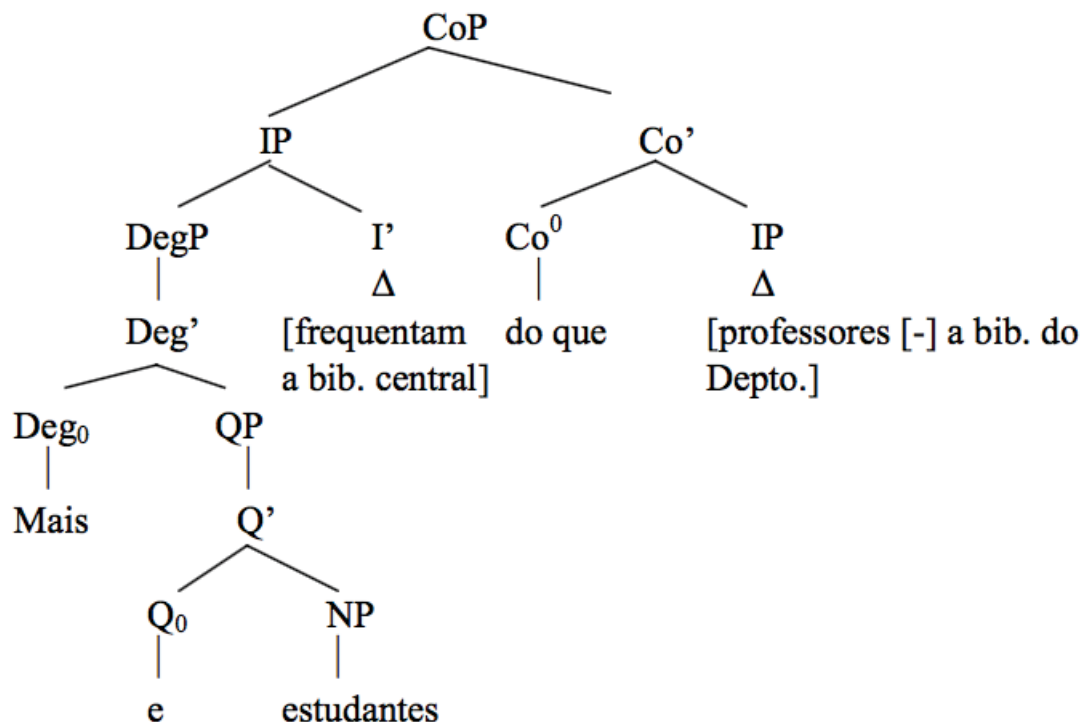
vii) Tanto as orações comparativas (cf. (207)) quanto as coordenadas (cf. (208)) são ilhas à extração por movimento de apenas um elemento.

(207) a. O Luís é mais estudioso do que o João é trabalhador.
b. *[Quem]_i é que o Luís é mais estudioso do que t_i é trabalhador?
c. *[O que]_i é que o Luís é mais estudioso do que o João é t_i?

(208) a. O Luís é estudioso e o João é trabalhador.
b. *[Quem]_i é que o Luís é estudioso e t_i é trabalhador?
c. *[O que]_i é que o Luís é estudioso e o João é t_i?

Matos & Brito (2002) assumem, portanto, que todas as construções comparativas têm a mesma estrutura – a de coordenação e, por isso, são construções bipartidas, sendo *do que* e *quanto* uma conjunção que liga duas orações, como indicado em (209a), cuja representação sintática em (209b) encontra-se em Marques (2003, p. 70).

(209) a. [[[[[Mais]_{Deg}[[e]_Q [estudantes]_{NP}]_{QP}]_{DegP} frequentam a biblioteca central]_{IP} [[do que]_{Co} [professores [-] a biblioteca do Depto.]_{IP}]_{Co'}]_{CoP}
b.



4.3 Síntese do capítulo

Este capítulo procurou abranger as propostas mais relevantes e significativas disponíveis na literatura para os estudos das construções comparativas canônicas.

A tradição gramatical classifica as construções comparativas como orações subordinadas adverbiais, sendo que as estruturas subordinadas seriam caracterizadas pela função sintática e semântica desempenhada na oração principal, e as estruturas coordenadas, pelo contrário, não desempenhariam qualquer tipo de função sintática ou semântica na oração coordenante.

No entanto, como vimos, algumas relações semânticas encontradas nas subordinadas adverbiais tradicionais são muito próximas das que podemos encontrar nas estruturas coordenadas. Além disso, embora se possa identificar uma função “acessória” ou de argumento “não nuclear” para muitas subordinadas adverbiais, para a maioria delas, não é tarefa simples identificar se desempenham ou não uma função sintática e semântica na oração principal, e, se desempenham, qual é exatamente essa função.

A falta de critérios e a distinção sob vários aspectos das restantes subordinadas adverbiais levaram muitos estudiosos gerativistas a questionarem a identificação das construções comparativas pertencendo a este conjunto de estruturas, justificando outros tipos de análises para essas construções.

Assim, no quadro gerativista, discute-se se as construções comparativas possuem características e comportamentos que as aproximam de subordinadas complementos ou adjuntos de Deg, de subordinadas relativas ou de estruturas coordenadas.

A análise clássica é a que considera as construções comparativas como subordinadas complementos ou adjuntos de Deg (cf. Bresnan, 1973; Chomsky, 1977; von Stechow, 1984; Abney, 1987; Larson, 1988; Kennedy, 1997; Lechner, 1999; entre outros). Segundo esses autores, as construções comparativas são analisadas especificamente como *wh*-CPs inseridas em PPs encabeçados por *than*.

Para conciliar o fato de que algumas construções comparativas têm características típicas de estruturas de coordenação e outras de estruturas de subordinação, vários autores assumem que o sintagma comparativo é gerado dentro de um sintagma adjetival, adverbial, nominal ou verbal, deslocando-se, por extraposição, para uma posição de adjunção à oração matriz. Este movimento permite obter uma estrutura semelhante à que é observada em construções de coordenação, o que explica a proximidade entre os dois tipos de construção.

De acordo com Marques (2003), apesar de a estrutura superficial se assemelhar a estruturas de coordenação, as construções comparativas em português são uma forma especial de subordinação relativa. Segundo o autor, as comparativas se aproximam de orações relativas pela relação que estabelecem com um antecedente, de natureza escalar/graduável/mensurável.

Nesta análise, *o que* e *quanto* são pronomes relativos sem antecedente expresso e estão associados a uma variável de grau que ocorre na oração subordinada. As sequências *mais/menos do que* e *tão/tanto quanto* formam um

constituente, um sintagma de grau, que ocupa a posição de especificador do adjetivo. O núcleo do sintagma de grau é *mais*, *menos* ou *tão/tanto*, que tem por complemento um sintagma de grau relativizado.

Já Matos & Brito (2002) argumentam a favor da coordenação e apresentam propriedades estruturais e distribucionais das comparativas que colocam em questão a sua inclusão como construção de subordinação. As autoras assumem que todas as construções comparativas têm a mesma estrutura – de coordenação – e que *do que* e *quanto* são conjunções que ligam os dois termos da comparação.

Sendo assim, o primeiro elemento constitutivo (*mais*, *menos* ou *tão/tanto*) ocorre no primeiro termo da comparação e o segundo elemento constitutivo (*do que* ou *quanto*) é o que, de fato, estabelece a comparação entre os dois termos comparados, sendo que *mais/menos* é correlativo a *do que* e *tão/tanto* é correlativo a *quanto*.

Em suma, o intuito deste capítulo foi buscar compreender as principais análises disponíveis na literatura para as construções comparativas, os aspectos sintáticos mais relevantes dessas orações, quais estruturas sintáticas podem ocupar e quais papéis os seus conectores podem desempenhar, para, talvez, num segundo momento, se pensar em propostas mais adequadas de classificação para as mesmas.

5 ANÁLISE DOS ASPECTOS SINTÁTICOS DAS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS NO PB

Na primeira parte deste capítulo, aplicaremos testes sintáticos às orações subordinadas adverbiais típicas (aqui estamos considerando prototípicas as orações subordinadas adverbiais que parecem ter uma função sintático-semântica mais evidente, como, por exemplo, as subordinadas adverbiais causais e temporais) e às coordenadas típicas (aqui estamos considerando prototípicas as orações coordenadas aditivas/copulativas e alternativas/disjuntivas), para tentarmos identificar as propriedades sintáticas dessas estruturas face a critérios que procuram distinguir estruturas de subordinação vs. estruturas de coordenação.

Na segunda parte, aplicaremos esses testes às comparativas, para tentarmos identificar as propriedades sintáticas dessas construções em relação aos critérios que procuram distinguir estruturas de subordinação vs. estruturas de coordenação.

Na terceira parte, confrontaremos as propriedades sintáticas das construções comparativas com as análises discutidas no capítulo anterior: subordinadas adverbiais, subordinadas complementos ou adjuntos de Deg, subordinadas relativas e estruturas coordenadas.

Dessa forma, analisaremos prevalentemente quais estruturas sintáticas as construções comparativas podem ocupar no PB e quais tipos de relações seus conectores podem estabelecer.

5.1 Subordinação vs. coordenação

Definir subordinação e coordenação não é uma tarefa fácil. As estruturas que se incluem tanto num grupo como no outro não têm comportamentos uniformes e a dificuldade em estabelecer critérios entre a coordenação e a subordinação decorre do fato de serem poucas as propriedades formais que distingam o grupo das estruturas coordenadas e o conjunto das estruturas subordinadas.

Só para ilustrar, as adverbiais mantêm em comum com as coordenadas o fato de constituírem proposições fechadas ou totais, não funcionando como modificador de um argumento nuclear, o que leva a comportamentos sintáticos semelhantes e dificulta o estabelecimento de uma fronteira nítida entre coordenação e subordinação.

É comum as gramáticas tradicionais caracterizarem as estruturas subordinadas pela função sintática (e semântica) desempenhada na oração principal e as estruturas coordenadas, pelo contrário, não desempenhando qualquer tipo de função sintática ou semântica na oração coordenante. No entanto, a função desempenhada pelas subordinadas adverbiais nem sempre é clara. Embora se possa identificar uma função “acessória” ou de argumento “não nuclear” para muitas adverbiais (temporais, por exemplo), para a maioria dessas estruturas, a função desempenhada não é evidente.

Muitas relações semânticas (causa, tempo, condição ou concessão), que podem ser expressas por subordinação (cf. (210)), mas também podem ser inferidas por sentenças sintaticamente independentes, sem que haja marcação explícita da conexão, através de processos de coesão semântica e de conexões discursivas, (cf. (211)).

- (210) a. Como está bom tempo, o Pedro quer dar uma volta.
b. Quando o professor entrou na sala, os alunos sentaram-se.

- (211) a. Está bom tempo. O Pedro quer dar uma volta.
b. O professor entrou na sala. Os alunos sentaram-se.

Em (211a), na ausência de qualquer conector, infere-se uma relação de causalidade entre as duas frases. Essa relação só está explicitamente marcada em (210a). Por sua vez, em (211b) infere-se que o evento descrito na primeira frase é temporalmente anterior ao evento descrito na segunda frase. A relação temporal entre as duas proposições só está explicitamente marcada em (210b).

Além disso, como podemos ver nos exemplos a seguir, algumas relações semânticas encontradas nas adverbiais típicas (cf. (212)) são muito próximas das que podemos encontrar nas estruturas coordenadas (cf. (213)).

(212) a. Porque o pneu do carro furou, o João chegou atrasado à reunião.

b. Embora o João quisesse vir à reunião, não chegou a tempo.

(213) a. O pneu do carro furou e o João chegou atrasado à reunião.

b. O João queria vir à reunião, mas não chegou a tempo.

Dada a proximidade existente entre estruturas de subordinação adverbial e de coordenação, é importante tentar encontrar propriedades sintáticas que caracterizem e distingam estruturas coordenadas vs. estruturas subordinadas, procurando identificar objetivamente cada uma dessas estruturas.

Em Quirk et al. (1985, p. 927), são apresentadas seis propriedades sintáticas que caracterizam tipicamente as conjunções de coordenação: i) imobilidade na posição inicial da oração que introduzem; ii) impossibilidade de movimento da oração que introduzem para o início da oração precedente; iii) impossibilidade de serem precedidas de conjunção; iv) possibilidade de ligarem não só orações, mas também predicados e outros constituintes; v) possibilidade de ligarem orações subordinadas; vi) possibilidade de ligarem mais de duas orações, e, nesse caso, todos os conectores exceto o último podem ser omitidos.

Os autores concluem, após aplicação destes critérios, que não existe uma linha demarcadora entre coordenação e subordinação, mas que há antes uma escala coordenativa/subordinativa de um dado conector e da oração introduzida por ele.

Baseada nos testes usados pelos autores, Lobo (2003) propõe critérios sintáticos comuns a várias línguas para tentar identificar estruturas de subordinação vs. estruturas de coordenação: i) (in)existência de estrutura de encaixe/Desempenho (ou não) de função sintático-semântica na oração principal; ii) (im)possibilidade de anteposição; iii) (im)possibilidade de haver extração de constituintes; iv) (im)possibilidade de a estrutura ser coordenada (ou (im)possibilidade de a conjunção ocorrer contiguamente a uma conjunção de coordenação previamente identificada); v) (im)possibilidade de o conector

ligar mais do que dois constituintes; vi) (im)possibilidade de o conector ligar constituintes não oracionais.

Nesta seção, buscaremos aplicar os testes (ii) a (vi) de Lobo às sentenças em (214) e (215), para tentarmos identificar respectivamente o comportamento sintático das subordinadas adverbiais típicas (cf. (214)) e das coordenadas típicas (cf. (215)) face à essas propriedades que procuram distinguir estruturas de subordinação vs. estruturas de coordenação. Como discutido acima, o critério (i) é de difícil verificação na distinção entre subordinadas adverbiais e coordenadas, por isso, não o utilizaremos.

(214) a. O João chegou atrasado à reunião porque o pneu do carro furou.

b. Os alunos sentaram-se quando o professor entrou na sala.

(215) a. O Pedro comprou revistas e a Maria emprestou livros.

b. O Pedro quer dar uma volta ou a Maria quer ficar em casa.

Além dos critérios propostos por Lobo, acrescentaremos ainda os seguintes testes sintáticos de (im)possibilidade de clivagem, de (im)possibilidade de o conector introduzir uma oração infinitiva e de (im)possibilidade de ocorrência de elipse lacunar, que, como visto no capítulo 2, é típica de estruturas coordenadas, mas excluída do domínio da subordinação. Ao longo dos testes, vamos nos referir às particularidades e à forma como cada uma das estruturas se comporta relativamente às diferentes propriedades sintáticas consideradas.

Dessa forma, passaremos a aplicar às sentenças em (214) e (215) os seguintes testes sintáticos: i) (im)possibilidade de clivagem; ii) (im)possibilidade de anteposição; iii) (im)possibilidade de haver extração de constituintes; iv) (im)possibilidade de a estrutura ser coordenada (ou (im)possibilidade de a conjunção ocorrer contiguamente a uma conjunção de coordenação previamente identificada); v) (im)possibilidade de o conector ligar mais do que dois constituintes; vi) (im)possibilidade de o conector ligar constituintes não oracionais; vii) (im)possibilidade de o conector introduzir uma oração infinitiva; viii) (im)possibilidade de ocorrência de elipse lacunar.

i) (Im)possibilidade de clivagem

(216) a. O João chegou atrasado à reunião porque o pneu do carro furou.

a'. Foi porque o pneu do carro furou que o João chegou atrasado à reunião.

b. Os alunos sentaram-se quando o professor entrou na sala.

b'. Foi quando o professor entrou na sala que os alunos sentaram-se.

(217) a. O Pedro comprou revistas e a Maria emprestou livros.

a'. *Foi e a Maria emprestou livros que o Pedro comprou revistas.

b. O Pedro quer dar uma volta ou a Maria quer ficar em casa.

b'. *É ou a Maria quer ficar em casa que o Pedro quer dar uma volta.

Verificamos que apenas as subordinadas adverbiais típicas permitem a operação de clivagem.

ii) (Im)possibilidade de anteposição

(218) a. O João chegou atrasado à reunião porque o pneu do carro furou.

a'. Porque o pneu do carro furou, o João chegou atrasado à reunião.

b. Os alunos sentaram-se quando o professor entrou na sala.

b'. Quando o professor entrou na sala, os alunos sentaram-se.

(219) a. O Pedro comprou revistas e a Maria emprestou livros.

a'. *E a Maria emprestou livros, o Pedro comprou revistas.

b. O Pedro quer dar uma volta ou a Maria quer ficar em casa.

b'. *Ou a Maria quer ficar em casa, o Pedro quer dar uma volta.

Verificamos que apenas as subordinadas adverbiais típicas permitem a operação de anteposição.

iii) (Im)possibilidade de haver extração de constituintes

(220) a. O João chegou atrasado à reunião porque o pneu do carro furou.

a'. [Quem]_i é que t_i chegou atrasado à reunião porque o pneu do carro furou?

b. Os alunos sentaram-se quando o professor entrou na sala.

b'. [Quem]_i é que t_i se sentou quando o professor entrou na sala?

(221) a. O Pedro comprou revistas e a Maria emprestou livros.

a'. *[O que]_i é que o Pedro comprou t_i e a Maria emprestou livros?

b. O Pedro quer dar uma volta ou a Maria quer ficar em casa.

b'. *[Quem]_i é que t_i quer dar uma volta ou a Maria quer ficar em casa?

Constatamos que as estruturas coordenadas rejeitam a extração de apenas um dos seus constituintes. Somente as subordinadas adverbiais permitem essa operação sintática. No entanto, vale à pena mencionar que as subordinadas adverbiais aceitam a extração de apenas um dos seus constituintes se este elemento extraído for da oração principal.

iv) (Im)possibilidade de a estrutura ser coordenada (ou (im)possibilidade de o conector ocorrer contiguamente a uma conjunção de coordenação previamente identificada)

(222) a. O João chegou atrasado à reunião porque o pneu do carro furou.

a'. O João chegou atrasado à reunião [porque o pneu do carro furou] ou [porque saiu tarde de casa].

b. Os alunos sentaram-se quando o professor entrou na sala.

b'. Os alunos sentaram-se [quando o professor entrou na sala] ou [quando o sinal tocou].

(223) a. O Pedro comprou revistas e a Maria emprestou livros.

a'. *O Pedro comprou revistas [e a Maria emprestou livros] ou [e o João distribuiu panfletos].

b. O Pedro quer dar uma volta ou a Maria quer ficar em casa.

b'. *O Pedro quer dar uma volta [ou a Maria quer ficar em casa] e [ou o João quer comer fora].

Ao aplicarmos este teste, verificamos que as subordinadas adverbiais admitem ser coordenadas e o conector pode ocorrer contiguamente a uma conjunção de coordenação. Já as estruturas coordenadas prototípicas, ao contrário, não podem ser coordenadas.

A aplicação deste teste exclui os conectores conclusivos (*portanto, por conseguinte, por isso*) e os conectores adversativos (*porém, todavia, contudo*) do conjunto das conjunções coordenadas, pois, além de estes conectores não apresentarem uma propriedade típica das conjunções, que é a posição fixa no início da oração (cf. (224)), eles podem co-ocorrer com conjunções de coordenação (cf.(225)).

- (224) a. Estava muito frio; portanto, o João decidiu ficar em casa.
 a'. Estava muito frio; o João, portanto, decidiu ficar em casa.
 b. O Francisco é muito tímido; porém, ele gosta muito de dançar.
 b'. O Francisco é muito tímido; ele, porém, gosta muito de dançar.
- (225) a. Estava muito frio e, portanto, o João decidiu ficar em casa.
 b. O Francisco é muito tímido e, porém, gosta muito de dançar.

O teste da possibilidade de a estrutura ser coordenada, juntamente com o critério da posição fixa do conector no início da oração, é igualmente interessante para distinguir conectores de coordenação conjuncionais de outros conectores de natureza adverbial, que alguns chamam “advérbios conectivos” (cf. Quirk et al., 1985).

Sendo assim, podemos dizer que este critério só não se aplica às estruturas coordenadas estritamente prototípicas, ou seja, às orações coordenadas copulativas e disjuntivas, mas, é possível até mesmo com estruturas coordenadas que envolvem conectores conclusivos e explicativos.

v) (Im)possibilidade de o conector ligar mais do que dois constituintes

(226) a. O João chegou atrasado à reunião porque o pneu do carro furou.

a'. O João chegou atrasado à reunião, *(porque) o pneu do carro furou, porque saiu tarde de casa.

b. Os alunos sentaram-se quando o professor entrou na sala.

b'. Os alunos sentaram-se, *(quando) o professor entrou na sala, quando o sinal tocou.

(227) a. O Pedro comprou revistas e a Maria emprestou livros.

a'. O Pedro comprou revistas, (e) a Maria emprestou livros e o João distribuiu panfletos.

b. O Pedro quer dar uma volta ou a Maria quer ficar em casa.

b'. O Pedro quer dar uma volta, (ou) a Maria quer ficar em casa ou o João quer comer fora.

Este critério, por outro lado, é típico das conjunções coordenativas copulativas e disjuntivas, que podem ligar mais do que dois constituintes e que podem ser omitidas com exceção daquela que liga o último membro coordenado. Nas demais construções, pelo contrário, o conector da primeira oração encaixada nunca pode ser omitido.

Lobo observa que esta propriedade geralmente não é partilhada pelas conjunções coordenativas adversativas:

(228) a. O pneu do carro furou, mas o João não chegou atrasado à reunião.

a'. *O pneu do carro furou, (mas) o João não chegou atrasado à reunião, mas perdeu a parte mais importante dela.

Dessa forma, podemos dizer que a possibilidade de haver conexão de mais do que dois constituintes não é uma propriedade que distingue a classe das estruturas coordenadas, já que as adversativas podem obter resultados agramaticais neste teste.

vi) (Im)possibilidade de o conector ligar constituintes não oracionais

(229) a. O João chegou atrasado à reunião porque estava cansado.

- a'. *O João chegou atrasado à reunião porque cansado.
- b. O Pedro comprou revistas embora quisesse ter comprado livros.

b'. *O Pedro comprou revistas embora livros.

- (230) a. O Pedro comprou revistas e livros.
 b. A Maria quer ficar em casa ou no trabalho.
 c. O João chegou atrasado à reunião e cansado.
 d. O Pedro não comprou revistas, mas livros.

A propriedade de o conector poder ligar constituintes não oracionais é esperada em estruturas de coordenação, que, em geral, podem ligar constituintes de outras categorias sintáticas (DPs, APs, PPs ou AdvS). Por definição, os conectores das estruturas de subordinação são caracterizados por introduzir orações, ligando apenas constituintes oracionais.

vii) (Im)possibilidade de o conector introduzir uma oração infinitiva

- (231) a. Algumas crianças admitiram que viam televisão sempre que estudavam.

a'. *Algumas crianças admitiram ver televisão sempre que estudar.

b. Eles disseram que gostam da matéria porque gostam do professor.

b'. *Eles disseram gostar da matéria porque gostar do professor.

- (232) a. Algumas crianças admitiram que viam televisão e que não estudavam.

a'. Algumas crianças admitiram ver televisão e não estudar.

b. Eles disseram que gostam da matéria, mas que não gostam do professor.

b'. Eles disseram gostar da matéria, mas não gostar do professor.

Diferente do que acontece com os conectores adverbiais em que figura a forma *que*, os quais determinam necessariamente a presença de uma oração finita (cf. (231)), os conectores coordenativos podem determinar a presença de uma oração infinitiva (cf. (232)).

viii) (Im)possibilidade de ocorrência de elipse lacunar

(233) a. O João ofereceu livros à Ana porque o Pedro ofereceu revistas à Maria.

a'. *O João ofereceu livros à Ana porque o Pedro [-] revistas à Maria.

b. O João não trouxe muitas revistas da livraria porque trouxe livros da biblioteca.

b'. *O João não trouxe muitas revistas da livraria porque [-] livros da biblioteca.

(234) a. O João ofereceu livros à Ana e o Pedro ofereceu revistas à Maria.

a'. O João ofereceu livros à Ana e o Pedro [-] revistas à Maria.

b. O João não trouxe revistas da livraria, mas trouxe livros da biblioteca.

b'. O João não trouxe revistas da livraria, mas [-] livros da biblioteca.

Como podemos verificar, apenas as estruturas coordenadas admitem a elipse lacunar, que é um tipo de elipse característico da coordenação e excluído do domínio da subordinação.

Em suma, as propriedades acima analisadas, quando tomadas na globalidade, permitem distinguir, por um lado, um conjunto de estruturas subordinadas adverbiais, e, por outro, um conjunto de estruturas coordenadas.

5.2 Construções comparativas

Nesta seção, buscaremos aplicar os testes sintáticos da seção anterior às construções comparativas de desigualdade em (235) e às construções comparativas de igualdade em (236), para tentarmos identificar o comportamento sintático dessas estruturas face às propriedades que procuram distinguir estruturas de subordinação vs. estruturas de coordenação. Utilizaremos principalmente construções comparativas que não apresentam nenhum tipo de elipse no segundo termo da comparação, como (235) e (236),

para evitar a interferência que essas elipses possam provocar na compreensão dos resultados dos testes.

- (235) a. O Luís é mais estudioso do que o João é trabalhador.
 b. O Pedro comprou menos revistas na livraria do que a Maria emprestou livros na biblioteca.
- (236) a. O Luís é tão estudioso quanto o João é trabalhador.
 b. O Pedro comprou tanto revistas na livraria quanto a Maria emprestou livros na biblioteca.

Como visto na seção anterior, Quirk et al. (1985) e Lobo (2003) discutem critérios sintáticos para tentar identificar estruturas de subordinação vs. estruturas de coordenação. Dessa maneira, esta seção ou este capítulo se justifica porque esses testes ainda não foram aplicados especificamente às construções comparativas no português. E é isto o que passaremos a fazer a partir de agora.

i) (Im)possibilidade de clivagem

- (237) a. O Luís é mais estudioso do que o João é trabalhador.
 a'. *É do que o João é trabalhador que o Luís é mais estudioso.
 b. O Pedro comprou menos revistas na livraria do que a Maria emprestou livros na biblioteca.
 b'. *Foi do que a Maria emprestou livros na biblioteca que o Pedro comprou menos revistas na livraria.
- (238) a. O Luís é tão estudioso quanto o João é trabalhador.
 a'. *É quanto o João é trabalhador que o Luís é tão estudioso.
 b. O Pedro comprou tanto revistas na livraria quanto a Maria emprestou livros na biblioteca.
 b'. *Foi quanto a Maria emprestou livros na biblioteca que o Pedro comprou tanto revistas na livraria.

Verificamos que as construções comparativas não permitem a operação de clivagem, aproximando-se, assim, das estruturas coordenadas.

ii) (Im)possibilidade de anteposição

- (239) a. O Luís é mais estudioso do que o João é trabalhador.
 a'. *Do que o João é trabalhador, o Luís é mais estudioso.
 b. O Pedro comprou menos revistas na livraria do que a Maria emprestou livros na biblioteca.
 b'. *Do que a Maria emprestou livros na biblioteca, o Pedro comprou menos revistas na livraria.
- (240) a. O Luís é tão estudioso quanto o João é trabalhador.
 a'. *Quanto o João é trabalhador, o Luís é tão estudioso.
 b. O Pedro comprou tanto revistas na livraria quanto a Maria emprestou livros na biblioteca.
 b'. *Quanto a Maria emprestou livros na biblioteca, o Pedro comprou tanto revistas na livraria.

Verificamos que as construções comparativas não permitem a operação de anteposição. Esta propriedade, como a anterior, aproxima as comparativas das estruturas coordenadas.

iii) (Im)possibilidade de haver extração de constituintes

- (241) a. O Luís é mais estudioso do que o João é trabalhador.
 a'. *[Quem]_i é que t_i é mais estudioso do que o João é trabalhador?
 b. O Pedro comprou menos revistas na livraria do que a Maria emprestou livros na biblioteca.
 b'. *[O que]_i é que o Pedro comprou menos t_i na livraria do que a Maria emprestou livros na biblioteca?
- (242) a. O Luís é tão estudioso quanto o João é trabalhador.
 a'. *[Quem]_i é que t_i é tão estudioso quanto o João é trabalhador?
 b. O Pedro comprou tanto revistas na livraria quanto a Maria emprestou livros na biblioteca.
 b'. *[O que]_i é que o Pedro comprou tanto t_i na livraria quanto a Maria emprestou livros na biblioteca?

Constatamos que as construções comparativas rejeitam a extração a partir de apenas um dos seus constituintes. Essa propriedade também aproxima as comparativas das estruturas coordenadas.

iv) (Im)possibilidade de a estrutura ser coordenada (ou (im)possibilidade de o conector ocorrer contiguamente a uma conjunção de coordenação previamente identificada)

(243) a. O Luís é mais estudioso do que o João é trabalhador.

a'. O Luís é mais estudioso [do que o João é trabalhador] ou [do que o Pedro é simpático].

b. O Pedro comprou menos revistas na livraria do que a Maria emprestou livros na biblioteca.

b'. O Pedro comprou menos revistas na livraria [do que a Maria emprestou livros na biblioteca] e [do que o João distribuiu panfletos na rua].

(244) a. O Luís é tão estudioso quanto o João é trabalhador.

a'. O Luís é tão estudioso [quanto o João é trabalhador] ou [quanto o Pedro é simpático].

b. O Pedro comprou tanto revistas na livraria quanto a Maria emprestou livros na biblioteca.

b'. O Pedro comprou tanto revistas na livraria [quanto a Maria emprestou livros na biblioteca] e [quanto o João distribuiu panfletos na rua].

Verificamos que as construções comparativas admitem ser coordenadas e o conector pode ocorrer contiguamente a uma conjunção de coordenação, propriedade que aproxima essas construções das estruturas de subordinação. Apesar disso, como vimos na seção anterior, este critério também é possível com estruturas coordenadas que envolvem conectores conclusivos e explicativos, só não podendo ser aplicado às estruturas coordenadas estritamente prototípicas (copulativas e disjuntivas).

v) (Im)possibilidade de o conector ligar mais do que dois constituintes

(245) a. O Luís é mais estudioso do que o João é trabalhador.

a'. O Luís é mais estudioso *(do que) o João é trabalhador do que o Pedro é simpático.

b. O Pedro comprou menos revistas na livraria do que a Maria emprestou livros na biblioteca.

b'. O Pedro comprou menos revistas na livraria *(do que) a Maria emprestou livros na biblioteca do que o João distribuiu panfletos na rua.

(246) a. O Luís é tão estudioso quanto o João é trabalhador.

a'. O Luís é tão estudioso *(quanto) o João é trabalhador quanto o Pedro é simpático.

b. O Pedro comprou tanto revistas na livraria quanto a Maria emprestou livros na biblioteca.

b'. O Pedro comprou tanto revistas na livraria *(quanto) a Maria emprestou livros na biblioteca quanto o João distribuiu panfletos na rua.

Os conectores comparativos não podem ligar mais do que dois constituintes e o conector da primeira oração encaixada nunca pode ser omitido. Esse comportamento se assemelha ao comportamento das orações subordinadas. No entanto, como vimos na seção anterior, a possibilidade de haver conexão de mais do que dois constituintes não é uma propriedade que distingue a classe das estruturas coordenadas, já que as adversativas podem obter resultados agramaticais neste teste.

vi) (Im)possibilidade de o conector ligar constituintes não oracionais

(247) a. O Luís é mais estudioso do que é trabalhador.

a'. O Luís é mais estudioso do que trabalhador.

b. O Pedro comprou menos revistas do que comprou livros.

b'. O Pedro comprou menos revistas do que livros.

(248) a. O Luís é tão estudioso quanto é trabalhador.

a'. O Luís é tão estudioso quanto trabalhador.

b. O Pedro comprou tanto revistas quanto comprou livros.

b'. O Pedro comprou tanto revistas quanto livros.

As construções comparativas em princípio parecem aceitar a propriedade de o conector ligar constituintes não oracionais. No entanto, os resultados deste teste devem ser relativizados pelo fato de as construções comparativas apresentarem elipses.

vii) (Im)possibilidade de o conector introduzir uma oração infinitiva

(249) a. Algumas crianças admitiram que viam mais televisão do que estudavam.

a'. Algumas crianças admitiram ver mais televisão do que estudar.

b. Eles disseram que gostam menos da matéria do que gostam do professor.

b'. Eles disseram gostar menos da matéria do que gostar do professor.

(250) a. Algumas crianças admitiram que tanto viam televisão quanto estudavam.

a'. Algumas crianças admitiram tanto ver televisão quanto estudar.

b. Eles disseram que gostam tanto da matéria quanto gostam do professor.

b'. Eles disseram gostar tanto da matéria quanto gostar do professor.

Verificamos que os conectores comparativos podem determinar a presença de uma oração infinitiva. Esse comportamento se assemelha ao comportamento das orações coordenadas.

viii) (Im)possibilidade de ocorrência de elipse lacunar

(251) a. O João ofereceu mais livros à Ana do que o Pedro ofereceu revistas à Maria.

a'. O João ofereceu mais livros à Ana do que o Pedro [-] revistas à Maria.

b. O João trouxe menos revistas da livraria do que trouxe livros da biblioteca.

b'. O João trouxe menos revistas da livraria do que [-] livros da biblioteca.

- (252) a. O Luís é tão estudioso quanto o João é trabalhador.
 a'. O Luís é tão estudioso quanto o João [-] trabalhador.
 b. O Pedro comprou tanto revistas quanto a Maria comprou livros.
 b'. O Pedro comprou tanto revistas quanto a Maria [-] livros.

Como discutido no capítulo 2, vários autores (cf. Matos & Brito, 2002; Lechner, 2004) observaram que o comportamento das construções comparativas em relação à legitimação de vários fenômenos de elipse se assemelha ao das estruturas coordenadas. Matos & Brito destacam que as construções comparativas admitem a elipse lacunar, que é típica de orações coordenadas, não sendo encontrada em domínio de subordinação.

Em suma, em relação às propriedades acima analisadas, constatamos que as construções comparativas aproximam-se das estruturas de subordinação em apenas dois aspectos: possibilidade de a estrutura ser coordenada e impossibilidade de o conector ligar mais do que dois constituintes. Apesar disso, constatamos também que estas duas propriedades não se aplicam de maneira homogênea dentro da classe das estruturas coordenadas, pois, a possibilidade de a estrutura ser coordenada só não se aplica às estruturas coordenadas estritamente prototípicas (copulativas e disjuntivas), mas pode ser aplicada às estruturas coordenadas que envolvem conectores conclusivos e explicativos, e a impossibilidade de o conector ligar mais do que dois constituintes também não distingue a classe das estruturas coordenadas, pois, apesar de ser comum a coordenadas copulativas e disjuntivas, não é partilhada pelas adversativas.

Já com as estruturas de coordenação, as construções comparativas compartilham a grande maioria das propriedades: impossibilidade de clivagem, impossibilidade de anteposição, impossibilidade de haver extração de constituintes, possibilidade de o conector ligar constituintes não oracionais, possibilidade de o conector introduzir uma oração infinitiva e possibilidade de ocorrência de elipse lacunar.

Na tabela abaixo, há um resumo dos resultados dos testes aplicados nas seções 4.1 e 4.2, que buscam identificar o comportamento sintático das subordinadas adverbiais típicas (causais e temporais), das coordenadas típicas

(aditivas e alternativas) e das construções comparativas (de desigualdade e de igualdade) face às seguintes propriedades sintáticas: i) (im)possibilidade de clivagem; ii) (im)possibilidade de anteposição; iii) (im)possibilidade de haver extração de constituintes; iv) (im)possibilidade de a estrutura ser coordenada (ou (im)possibilidade de a conjunção ocorrer contiguamente a uma conjunção de coordenação previamente identificada); v) (im)possibilidade de o conector ligar mais do que dois constituintes; vi) (im)possibilidade de o conector ligar constituintes não oracionais; vii) (im)possibilidade de o conector introduzir uma oração infinitiva; viii) (im)possibilidade de ocorrência de elipse lacunar.

TABELA 1 – RESULTADOS DOS TESTES DAS SEÇÕES 4.1 E 4.2

Testes	Subordinadas adverbiais causais e temporais	Estruturas coordenadas	Construções comparativas
I	X		
II	X		
III	X		
IV	X		X
V		X	
VI		X	X
VII		X	X
VIII		X	X

FONTE: DINIZ (2018).

NOTA: 1) O teste IV exclui os conectores conclusivos e os conectores adversativos do conjunto das conjunções coordenadas, pois, além de estes conectores não apresentarem uma propriedade típica das conjunções, que é a posição fixa no início da oração, eles podem co-ocorrer com conjunções de coordenação. 2) O teste V também não é partilhado pelas conjunções coordenativas adversativas.

Retomaremos a seguir as análises apresentadas no capítulo 3 e buscaremos avaliá-las à luz dessas propriedades.

5.3 Análises das construções comparativas

5.3.1 Comparativas como subordinadas adverbiais

Na tradição gramatical, as subordinadas adverbiais são definidas pela função sintática e semântica desempenhada na oração principal, ou seja, funcionam como um constituinte da oração matriz ou nuclear e podem ser vistas simplesmente como um “adjunto” de sua “oração principal”.

No entanto, embora se possa identificar uma função “acessória” ou de argumento “não nuclear” para muitas subordinadas adverbiais (temporais, por exemplo), para a maioria delas, não é tarefa simples identificar se desempenham ou não uma função sintática e semântica na oração principal, e, se desempenham, qual é exatamente essa função.

Na análise das construções comparativas como subordinadas adverbiais, as orações comparativas desempenhariam a função sintática de advérbios na oração principal, correspondendo a adjuntos adverbiais. No entanto, as comparativas não se comportam como tal, pois, como bem notam Matos & Brito (2003), enquanto as subordinadas adverbiais podem figurar em interrogativas com a forma *SV fazer o quê* (cf. (253)), as comparativas não podem (cf. (254)).

(253) O Pedro comprou livros na livraria porque não podia emprestar livros na biblioteca.

A: O que é que o Pedro fez porque não podia emprestar livros na biblioteca?

B: Comprou livros na livraria.

(254) O Pedro comprou mais livros na livraria do que emprestou livros na biblioteca.

A: *O que é que o Pedro fez do que emprestou livros na biblioteca?

B: Comprou mais livros na livraria.

Como discutido na seção anterior, as construções comparativas não compartilham com as subordinadas adverbiais a maioria das propriedades examinadas. Enquanto as subordinadas adverbiais típicas admitem a clivagem, a anteposição e a extração de constituintes, as construções comparativas rejeitam-nas. Por outro lado, as subordinadas adverbiais não permitem ligar

constituintes não oracionais, introduzir uma oração infinitiva e a ocorrência de elipse lacunar, já as comparativas sim.

Além disso, de acordo com Matos & Brito (2002), ainda é possível mencionar algumas outras propriedades que podem ser observadas em orações adverbiais que não são compartilhadas com as comparativas.

Como uma primeira consequência da inclusão das comparativas no conjunto das subordinadas adverbiais, espera-se que os conectores comparativos tenham uma distribuição semelhante a dos conectores subordinativos.

Contudo, os conectores adverbiais que introduzem orações finitas não podem co-ocorrer com o pronome *isso* (cf. (255)), diferente do que acontece com os conectores de comparação (cf. (256)).

- (255) a. Ela trabalha para que os problemas se resolvam.
- b. *Ela trabalha para que isso.

- (256) a. Ela é mais alta do que a mãe é.
- b. Ela é mais alta do que isso.

Outra diferença diz respeito ao complemento selecionado pelos conectores. Os conectores subordinativos não podem selecionar por complemento relativas livres (cf. (257)), mas os conectores de comparação podem (cf. (258)).

- (257) *Os críticos elogiaram a obra sempre que quem a criou.

- (258) Os críticos elogiaram mais a obra do que quem a criou.

Em suma, constatamos que as construções comparativas, em relação às propriedades acima analisadas, não se comportam da mesma forma que as subordinadas adverbiais, pois apresentam muitas propriedades sintáticas que as diferenciam, aproximando-se apenas em dois aspectos: possibilidade de serem coordenadas e impossibilidade de o conector ligar mais do que dois constituintes, sendo que esta última propriedade não distingue a classe das

estruturas coordenadas, pois, apesar de ser comum a coordenadas copulativas e disjuntivas, não é partilhada pelas adversativas.

Ademais, as construções comparativas se distinguem das restantes estruturas adverbiais por serem estruturas que envolvem um quantificador ou um advérbio de grau, justificando que lhes seja dado um lugar autônomo na gramática.

Esse breve panorama dos aspectos sintáticos das orações subordinadas adverbiais e das construções comparativas serve para ilustrar a insuficiência da classificação tradicional, sobretudo no que diz respeito às propriedades sintáticas das construções comparativas e das construções de subordinação adverbial de uma maneira geral.

5.3.2 *Comparativas como subordinadas complementos ou adjuntos de Deg*

Como visto no capítulo 3, no âmbito dos estudos gerativos, há várias propostas disponíveis na literatura que tratam as construções comparativas como estruturas subordinadas complementos ou adjuntos da categoria funcional Deg.

Em Bresnan (1973), o marcador de grau seleciona o constituinte *than*-XP como seu argumento, e o DegP inteiro é o especificador de um predicado graduável, como indicado em (155c) e também em (259).

(259) [[Deg *than*-XP]_{DegP} A]_{AP}

Apesar de esta proposta ter a vantagem de estabelecer uma conexão direta entre o marcador de grau e o constituinte *than*-XP, este precede o adjetivo, e a ordem das palavras mais comum em construções comparativas não é obtida (cf. (260a)). Assim, para evitar a descontinuidade entre a palavra de grau e o adjetivo, a extraposição é obrigatória e deve mover o constituinte *than*-XP para uma posição pós predicado graduável, para se obter a ordem descrita em (260b).

(260) a. Luis is [[[more]_{Deg} [than John is]]_{DegP} [studious]_A]_{AP}
 b. Luis is more studious than John is.

Lechner (1999) propõe uma representação diferente, em que o constituinte *than*-XP é o complemento de Deg, e o predicado graduável é o especificador de DegP, conforme representação em (156b) e também em (261).

(261) [AP [Deg *than*-XP]_{Deg'}]_{DegP}

De acordo com esta proposta, o exemplo anterior é representado em (262a). Esta análise tem, por um lado, a vantagem de estabelecer uma conexão direta entre o marcador de grau e o constituinte *than*-XP, mas, por outro, para dar conta da ordem de palavras que se observa na generalidade das construções comparativas, em que o marcador de grau não é um sufixo, o marcador de grau deve se deslocar por extraposição para uma posição que antecede o predicado graduável, como em (262b).

(262) a. Luis is [studious [more [than [[-]_i [John is [-]_i]_{TP}]_{CP}]_{PP}]_{DEG'}]_{DEGP}
 b. Luis is more studious than John is.

Contudo, como enfatizado por vários autores (cf. Donati 1997, Matos & Brito 2002), a extraposição é problemática no atual quadro minimalista, que pressupõe que o deslocamento deve ser acionado por razões interpretativas discursivas ou morfossintáticas, e não apenas para se obter a ordem de superfície dos constituintes.

Aparentemente, as propostas de Abney (1987) e de Kennedy (1997) superaram esse problema, pois o marcador de grau encabeça toda a construção comparativa, e seleciona o predicado graduável, AP, como seu complemento. Na abordagem de Abney, o constituinte *than*-XP também é um complemento de Deg (cf. (263)), enquanto, na análise de Kennedy, ele é concebido como um modificador (cf. (264) e (158b)).

(263) [Deg AP *than*-XP]_{DegP}

(264) [[Deg AP]_{DegP} *than*-XP]_{DegP}

A desvantagem desta abordagem é que não há uma conexão direta entre o marcador de grau e o constituinte *than*-XP. Assim, de acordo com a proposta de Kennedy, a sentença anterior é indicada em (265).

(265) Luis is [[more [studious]_{AP}]_{DegP} [than [Op_x [John is [e_{DegP}]_x]_{TP}]_{CP}]_{PP}]_{DegP}

Além disso, Matos & Brito (2002) e Grosu & Horvath (2006) notam que a extraposição ainda é necessária para lidar com sentenças nas quais os constituintes que não pertencem ao DegP intervêm entre o predicado graduável e o constituinte *than*-XP, como em (266a) e (267a). No entanto, nesses exemplos, a suposta fonte para as sentenças com extraposição são inaceitáveis, conforme (266b) e (267b).

(266) a. Mais estudantes frequentam a biblioteca central do que professores a biblioteca do Departamento. (Matos & Brito, 2002)

b. *[Mais estudantes [do que professores [-] a biblioteca do Departamento]] frequentam a biblioteca central.

(267) a. John is a cleverer man than Bill is. (Grosu & Horvath, 2006)

b. *John is a [cleverer than Bill is] man.

Para evitar a extraposição, Bhatt & Pancheva (2004) propõem uma análise alternativa. Os autores assumem que o DegP é originalmente constituído apenas pelo marcador de grau, e que o predicado graduável seleciona o DegP como seu especificador, como indicado em (268).

(268) [[Deg]_{DegP} A]_{AP}

Então, o marcador de grau se alça encobertamente para uma posição de escopo à direita, adjungindo-se à direita da projeção máxima que contém o predicado graduável, deixando uma cópia na sua posição de base, que será a cópia pronunciada, devido a restrições morfológicas. Em seguida, há a fusão tardia (*late merge*) da oração comparativa (*wh*-CP complemento de P) como complemento do marcador de grau não pronunciado, como demonstra (269).

(269) [[[Deg A]_{AP}]_{XP}] [~~Deg~~ *than*-XP]_{DegP}]_{XP}

No entanto, como apontam Matos & Brito (2008), que não assumem que a oração comparativa é um *wh*-CP complemento de P ⁽¹⁶⁾, esta proposta apresenta dois grandes problemas. O primeiro diz respeito à fusão tardia da oração comparativa, uma operação que só se aplica a *wh*-CPs atuando como adjuntos ou complementos de Deg, de acordo com Bhatt & Pancheva (2004).

Outro problema apontado pelas autoras é que esta análise é inconsistente com o comportamento de outras orações em português encabeçadas pela forma *que* como um complementizador. Diferente das construções comparativas em (270a) e (271a), as sentenças com orações encabeçadas pelo complementizador *que* não aceitam orações infinitivas, como em (270b), nem elipse lacunar, como em (271b).

(270) a. Eles preferem mais PRO descansar do que PRO ganhar o concurso.

b. Eles preferem que você descanse / *que você descansar.

(271) a. Ela come mais bolos do que eu [-] chocolates.

b. *Eu como chocolates e acho que ela [-] bolos.

5.3.3 Comparativas como subordinadas relativas

Como visto no capítulo 3, Marques (2013) propõe a análise das construções comparativas em português como estruturas relativas, segundo a qual o *que* (do conector comparativo *do que*) e *quanto* são pronomes relativos sem antecedente expresso e estão associados a uma variável de grau [x] que ocorre na oração subordinada, como demonstra (272).

(272) a. [O preço do diesel subiu [mais do *que*_i o preço da gasolina desceu [x]_i]_{SGrau}]_F.

b. [O preço do diesel subiu [tanto *quanto*_i o preço da gasolina desceu [x]_i]_{SGrau}]_F.

¹⁶ Na próxima seção será discutida a natureza do conector comparativo *do que*. Veremos que ele não pode ser analisado como uma preposição seguida de um elemento-*wh*.

À primeira vista, *do que* poderia ser analisado como uma preposição mais um constituinte relativo (elemento-*wh*). De fato, como podemos ver em (273), há orações relativas que podem se iniciar por essa forma.

- (273) a. Falei do que me lembrava naquele momento.
b. Frango assado, gosto do que é vendido no açougue.

Contudo, Matos & Brito (2008) apresentam evidências de que *de* não é uma preposição nem é independente do elemento *o que*, como *o* é em espanhol (cf. (274a)) e em italiano (cf. (274b)).

- (274) a. Juan compró más periódicos [de [[los que]_{wh} compró Maria]_{CP}]_{PP} (Brucart, 2003 apud Matos & Brito, 2008, p. 309)
b. Paolo ha mangiato più biscotti [di [[quanti]_{wh} ne ha mangiati t_i Maria]_{CP}]_{PP} (Donati, 1997)

Em português, a não autonomia de *de* no conector comparativo *do que* é corroborada pelo fato de não ser capaz de atribuir caso nem poder introduzir construção comparativa (cf. (275a)). Contrariamente, *than* em inglês (cf. (275b)) e *di* em italiano (cf. (275c)) podem atribuir caso e introduzir uma comparação, funcionando como uma preposição.

- (275) a. *Ela é mais alta de mim.
b. She is taller than me.
c. Lei è più alta di me.

As autoras também demonstram que o comportamento do elemento *o que* é diferente em construções comparativas (cf. (276)) e em orações relativas (cf. (277)), sendo que nestas últimas ele pode ocorrer tanto de forma livre, como em (277a), quanto de forma encabeçada, como em (277b).

- (276) Os críticos elogiaram mais o quadro [do que o artista].

- (277) a. Ele admira [o que é belo].
b. Ele ouviu [tudo o [que você disse]].

De acordo com Brito (1988), em orações relativas, *o que* é estruturalmente ambíguo. Em relativas livres (cf. (277a)), *o que* é analisado

como um único elemento-*wh* formado pelo artigo definido *o* mais o pronome relativo *que*. Em relativas encabeçadas (cf. (277b)), a forma *o* é interpretada como equivalente ao pronome demonstrativo “aquilo” e funciona como o antecedente de uma oração relativa encabeçada pelo complementizador *que*.

Segundo Brito, em relativas livres, a forma *o* de *o que* assume o gênero e o número do seu referente (cf. (278)). O mesmo não acontece em relativas encabeçadas (cf. (279)) e em construções comparativas (cf. (280)).

(278) a. Castanhas assadas, gosto das *que* se vendem na rua.

b. Os *que* nos amam querem-nos sempre bem.

(279) a. Gosto de tudo *o que* se vende na rua.

b. Essa criança lê tudo *o que* os amigos lhe dão.

(280) a. Gosto mais das castanhas assadas *que* se vendem na rua do *que* das *que* se fazem em casa.

b. Querem-nos sempre bem mais os *que* nos amam do *que* os *que* nos admiram.

Como demonstra a inaceitabilidade de (281), em contraposição com (280), *o* no conector comparativo *do que* não está sujeito à variação de gênero e número:

(281) a. *Gosto mais das castanhas assadas *que* se vendem na rua das *que* se fazem em casa.

b. *Querem-nos sempre bem mais os *que* nos amam dos *que* nos admiram.

Como vimos, apesar de *o* em *o que* ser invariável tanto em relativas encabeçadas (cf. (279)) quanto em construções comparativas (cf. (280)), naquelas, ele funciona como um genérico, antecedendo uma oração relativa encabeçada pelo complementizador *que*; já, em construções comparativas, ele até poderia tomar a forma de seu referente (cf. (281)), mas não o faz.

Em contraste com a sentença comparativa canônica em (282a), a sentença em (282b) não tem uma leitura de oração comparativa e é interpretada apenas como uma construção partitiva.

- (282) a. Ele comprou mais jornais do que nós compramos.
 b. #Ele comprou mais jornais dos que nós compramos.

De acordo com Matos & Brito (2008), outra propriedade que distingue o *que* em orações relativas e em orações comparativas diz respeito à sua distribuição. Enquanto o conector de comparação pode co-ocorrer com um elemento-*wh* (cf. (283)), dois elementos-*wh* não podem co-ocorrer dentro de uma oração relativa (cf. (284)).

- (283) a. Ela é mais alta [do que] [o que] a mãe é.
 b. Os críticos elogiaram menos o quadro [do que] [quem] o pintou.
- (284) a. *Os críticos elogiaram [o que] [quem] pintou.
 b. *Os críticos elogiaram [os que] [quem] pintou.

Os exemplos em (283) mostram que o conector de comparação *do que* não integra um constituinte relativo, mas pode co-ocorrer com ele. Dessa maneira, não se pode dizer que uma construção comparativa em português detém o estatuto de uma oração relativa. O que se pode dizer é que há construções comparativas que podem incluir uma oração relativa no segundo termo da comparação. Contudo, nas construções comparativas canônicas – as quais nos detivemos durante todo o trabalho – não há qualquer estrutura de relativização.

Na análise das construções comparativas como subordinadas relativas, o fato de *mais/menos do que* e *tanto quanto* pertencerem a um mesmo constituinte parece ser uma vantagem, pois é estabelecida uma conexão direta entre o marcador de grau e o conector comparativo. Assim, Marques (2003, p. 84) argumenta a favor das estruturas em (285).

- (285) a. Ele é inteligente, mais do que tu pensas.
 b. Na opinião dele, tanto quanto controlar os salários, é importante aumentar a produtividade.

Matos & Brito (2003) chamam essas construções de pseudocomparativas corretivas, pois, além de serem facilmente deslocáveis, não ocupam a posição de qualquer argumento do verbo, mas funcionam como

adjunto ou modificador do verbo. Além disso, não envolvem comparação de graus ou quantidades, já que os elementos constitutivos da comparação incidem apenas sobre o segundo termo da comparação.

Diferente do que acontece nas construções comparativas canônicas (cf. (286)), nas pseudocomparativas corretivas o constituinte introduzido pela palavra de grau/quantidade é facilmente deslocável (cf. (287)).

- (286) a. *Mais inteligente do que tu pensas, ele é.
 b. *Tanto aumentar a produtividade quanto controlar os salários, é importante.

- (287) a. Mais do que tu pensas, ele é inteligente.
 b. Tanto quanto controlar os salários, é importante aumentar a produtividade.

Como passaremos a expor, Souza (2010) também destaca alguns problemas potenciais dessa proposta. O autor mostra que a oração *ele é inteligente* em (288a) não é gerada a partir de (288b) por deslocamento. O autor nota que as sentenças (288a) e (288b) possuem propriedades semânticas distintas e que (288b) não acarreta que *ele é inteligente*, enquanto (288a) e (288c) acarretam.

- (288) a. Ele é inteligente, mais do que tu pensas.
 b. Ele é mais inteligente do que tu pensas, mas não é inteligente.
 c. #Ele é inteligente, mais do que tu pensas, mas ele não é inteligente.

Outro problema levantado por Souza é o fato de a análise não dar conta de explicar a correlação entre os elementos constitutivos da comparação, já que categorias co-indexadas não garantem a seleção apropriada dos conectores oracionais. Segundo o autor, sentenças agramaticais como em (289) poderiam ser geradas, pois a seleção lexical é uma relação local e só é checada através da relação núcleo-complemento (cf. Doetjes, 1997).

- (289) a. *João é mais alto tanto Pedro.
 b. *João é tão alto que Pedro.

Além disso, assumindo que as sentenças (290b) e (290d) são geradas respectivamente a partir das sentenças (290a) e (290c), o autor aponta que essa proposta torna impossível o deslocamento em (290b) e a extração em (290d).

- (290) a. Até o João é mais alto do que o Pedro.
 b. Mais alto do que o Pedro, até o João é.
 c. O João é mais alto do que o Pedro.
 d. [Mais alto do que quem]_i que o João é t_i?

Em suma, na análise das orações comparativas como subordinadas relativas, as construções comparativas estariam associadas às estruturas de relativização. No entanto, os dados empíricos demonstram que as construções comparativas no PB não possuem o mesmo comportamento das subordinadas relativas, pois, apesar de se poder incluir uma oração relativa no segundo termo de algumas comparativas, em outras – nas construções comparativas canônicas – não há qualquer estrutura de relativização.

Os dados apresentados nesta seção mostram que não há evidência para analisar o *que* (do conector comparativo *do que*) e *quanto* como pronomes relativos nem o conector comparativo *do que* como constituído por uma preposição mais um elemento-*wh*. Nas construções comparativas em português, *do que* se comporta como uma forma “fossilizada”, na qual nenhuma segmentação parece ser justificada em termos sincrônicos. Já em italiano, no conector comparativo *di quanto*, *di* é independente e parece ser uma preposição e *quanto* é o especificador do segundo argumento quantificacional.

5.3.4 Comparativas como estruturas coordenadas

Nesta análise, as construções comparativas são estruturas de coordenação e *do que* e *quanto* são conjunções (palavras morfológicamente não flexionáveis) que requerem a presença de um correlato (uma palavra que indica grau ou quantidade) no primeiro termo da comparação. Assim, *mais/menos... do que* e *tão/tanto... quanto* são conjunções correlativas

comparativas, em que *mais/menos* determina a presença de *do que* e *tão/tanto* seleciona *quanto*

O primeiro elemento constitutivo da comparação (*mais, menos* ou *tão/tanto*) surge associado ao primeiro termo da comparação e marca o começo da estrutura correlativa; já o segundo elemento constitutivo da comparação (*do que* ou *quanto*) é o núcleo da construção comparativa e ocorre entre os termos comparados, estabelecendo, de fato, a comparação.

Em inglês, Napoli (1983) e Hendriks (1995) propõem a existência de dois morfemas *than*, um que será uma conjunção, outro que será uma preposição, estando cada construção comparativa associada a um único indicador sintagmático. Assumem, portanto, que nem todas as construções comparativas têm a mesma estrutura, sendo algumas estruturas de coordenação e outras estruturas de subordinação.

Em português, Matos & Brito (2002) alegam que não há evidências de que *de* seja uma preposição independente de *o que* no conector comparativo *do que*, em contraste com *di* em italiano e *than* em inglês. A não autonomia de *de* no conector comparativo *do que* é corroborada pelo fato de não ser capaz de atribuir caso nem poder introduzir uma CS (cf. (291a)), diferente do que acontece em inglês (cf. (291b)) e em italiano (cf. (291c)).

- (291) a. *Ela é mais alta de mim.
 b. She is taller than me.
 c. Lei è più alta di me.

Um aspecto distribucional está relacionado ao pronome *isso*, que pode coexistir com o conector comparativo *do que* (cf. (292b)), mas não apenas com a preposição *de* (cf. (292c)). Diferentemente, *isso* não pode co-ocorrer com os conectores subordinativos adverbiais (cf. (293b)), mas somente com a preposição (cf. (293c)).

- (292) a. Ela é mais alta do que a mãe.
 b. Ela é mais alta *do que* *isso*.
 c. *Ela é mais alta *disso*.

- (293) a. Ela trabalha para que os problemas se resolvam.
 b. *Ela trabalha para *que isso*.
 c. Ela trabalha para *isso*.

Dessa maneira, Matos & Brito assumem que os conectores comparativos *do que* e *quanto* são conjunções e que todas as construções comparativas em português são estruturas de coordenação.

Em relação às propriedades analisadas na seção 4.2, vimos que as construções comparativas comportam-se de uma maneira muito semelhante com as estruturas de coordenação, das quais se aproximam em muitos aspectos e compartilham a maioria das propriedades: impossibilidade de clivagem, impossibilidade de anteposição, impossibilidade de haver extração de constituintes, possibilidade de o conector ligar constituintes não oracionais, possibilidade de o conector introduzir uma oração infinitiva e possibilidade de ocorrência de elipse lacunar.

Especialmente em relação aos fenômenos de elipse, o comportamento das construções comparativas se assemelha muito ao das coordenadas, apresentando paralelismo em relação à elipse do SV (confrontam-se (294a) e (295a)), à anáfora do complemento nulo (confrontam-se (294b) e (295b)) e à elipse lacunar (confrontam-se (294c) e (295c)).

- (294) a. O João ofereceu mais livros à Ana do que o Pedro ofereceu [-].
 b. O João ofereceu mais livros à Ana do que pretendia [-].
 c. O João ofereceu mais livros à Ana do que o Pedro [-] à Maria.
- (295) a. O João ofereceu livros à Ana e o Pedro não ofereceu [-].
 b. O João ofereceu livros à Ana mas ele não pretendia [-].
 c. O João ofereceu livros à Ana e o Pedro [-] à Maria.

Vimos também que tanto as COs (cf. (296)) quanto as estruturas coordenadas (cf. (297)) são ilhas à extração por movimento de apenas um constituinte, pois apresentam os efeitos da REC (Restrição da Estrutura Coordenada):

- (296) a. O Paulo é mais alto do que a Ana é alta.

- b. *[Do que quem]_i o Paulo é mais alto t_i é alta?
 - c. A Maria escreveu menos livros do que ela escreveu artigos.
 - d. *[Do que quem]_i a Maria escreveu menos livros t_i escreveu artigos?
 - e. Netuno é tão brilhante quanto/como Urano é brilhante.
 - f. *[Como quem]_i Netuno é tão brilhante t_i é brilhante?
- (297) a. O Paulo é alto e a Ana é alta.
- b. *[O que]_i o Paulo é alto e a Ana é t_i?
 - c. A Maria escreveu livros e ela escreveu artigos.
 - d. *[Quem]_i a Maria escreveu livros e t_i escreveu artigos?
 - e. Netuno é brilhante e Urano é brilhante.
 - f. *[O que]_i Netuno é brilhante e Urano é t_i?

No entanto, esse movimento sintático pode ser realizado para o exterior de uma construção comparativa ou de uma estrutura coordenada, desde que afete os dois termos comparados (cf. (298)) ou coordenados (cf. (299)) – movimento-ATB:

- (298) a. O Paulo é mais alto do que a Ana é alta.
- b. [O que]_{ij} o Paulo é mais t_i do que a Ana é t_j?
 - c. A Maria escreveu menos livros do que ela escreveu artigos.
 - d. [Quem]_{ij} t_i escreveu menos livros do que t_j escreveu artigos?
 - e. Netuno é tão brilhante quanto Urano é brilhante.
 - f. [O que]_{ij} Netuno é tão/tanto t_i quanto Urano é t_j?
- (299) a. O Paulo é alto e a Ana é alta.
- b. [O que]_{ij} o Paulo é t_i e a Ana é t_j?
 - c. A Maria escreveu livros e ela escreveu artigos.
 - d. [Quem]_{ij} t_i escreveu livros e t_j escreveu artigos?
 - e. Netuno é brilhante e Urano é brilhante.
 - f. [O que]_{ij} Netuno é t_i e Urano é t_j?

A gramaticalidade de (298) e (299) deriva da forma como operou o movimento, uma vez que o elemento extraído se encontra associado a duas posições vazias, uma em cada um dos termos comparados ou coordenados.

Contudo, o movimento-ATB só é possível se existir paralelismo, ou seja, equivalência categorial e funcional entre os elementos extraídos de cada um dos termos.

Apesar de admitir que a elipse lacunar é um fenômeno proibido de ocorrer em contextos de subordinação, Souza (2010) argumenta que essa evidência não é decisiva, pois as subordinadas adverbiais não são uma classe homogênea e algumas podem admitir a elipse lacunar, como é o caso de (300). No entanto, esse exemplo é bastante marginal; além de sua relativa aceitabilidade, quando se explicita o sujeito da oração subordinada, a elipse lacunar não é possível, como em (301).

(300) O João apresentou a Maria pra mim antes que ~~apresentou~~ a Cláudia pra você.

(301) *Talvez o João apresente a Maria pra mim antes que o Pedro ~~apresente~~ a Cláudia pra você.

Ainda segundo o autor, as comparativas canônicas no PB não apresentam efeitos da REC, pois há a possibilidade de extração de um elemento QU- a partir da oração matriz, como demonstra (302b).

- (302) a. O João é mais alto do que o Pedro (é alto).
b. [O que]_i que o João é mais _{t_i} do que o Pedro (é _{t_i})?

No entanto, o mesmo fenômeno pode ocorrer em contextos de coordenação, como podemos ver em (303b) e (303d), o que nos leva a suspeitar que o fenômeno de extração observado em (302) não envolve apenas a extração do elemento QU- da oração matriz.

- (303) a. O João é alto e o Pedro também é (alto).
b. [O que]_i que o João é _{t_i} e o Pedro também é (_{t_i})?
c. O João é alto mas o Pedro não é (alto).
d. [O que]_i que o João é _{t_i} mas o Pedro não é (_{t_i})?

Na mesma linha de raciocínio, Souza aponta o fato de as orações comparativas permitirem a formação de uma pergunta QU- a partir do sujeito da matriz (cf. (304b)), mas as orações coordenadas não (cf. (305b)).

- (304) a. O João é mais alto do que o Pedro (é alto).
 b. [Quem]_i que t_i é mais alto do que o Pedro (é alto)?

- (305) a. O João comeu bolo e o Pedro bebeu refrigerante.
 b. *[Quem]_i que t_i comeu bolo e o Pedro bebeu refrigerante?

Contudo, como podemos verificar, se a oração comparativa tiver as suas posições saturadas com argumentos que não sofram elipse, como (306a), esse fenômeno também não será permitido (cf. (306b)). Além disso, se a oração coordenada for do tipo (307a), a formação de uma pergunta QU- a partir do sujeito da matriz será perfeitamente permitida (cf. (307b)).

- (306) a. O Luís é mais estudioso do que o João é trabalhador.
 b. *[Quem]_i que t_i é mais estudioso do que o João é trabalhador?

- (307) a. O Luís chegou e o João saiu.
 b. [Quem]_i que t_i chegou e o João saiu?

Souza ainda apresenta outros dados que indicariam que uma construção comparativa possui um comportamento não previsto em uma análise em termos de coordenação, como a possibilidade de extração em (308b) e a possibilidade de deslocamento em (308c). Esses casos são semelhantes aos discutidos em (304) e (305), no sentido de que a extração e o deslocamento não são possíveis em estruturas comparativas com todos os argumentos explicitados, como em (309). Além disso, quando se consideram comparativas de igualdade, como em (310), essas operações não parecem ser aceitáveis.

- (308) a. O João é mais alto do que o Pedro.
 b. [Do que quem]_i que o João é mais alto t_i?
 c. Do que o Pedro, o João é mais alto.
- (309) a. O Luís é mais estudioso do que o João é trabalhador.
 b. *[Quem]_i que t_i é mais estudioso do que o João é trabalhador?
 c. *Do que o João é trabalhador, o Luís é mais estudioso.
- (310) a. O João é tão alto quanto o Pedro.
 b. ??[Quanto quem]_i que o João é tão alto t_i?

c. *Quanto o Pedro, o João é tão alto.

Assim, acreditamos que as questões levantadas por Souza (2010) não fornecem evidências suficientes para rejeitar a análise de coordenação para as estruturas comparativas.

Ao contrário, constatamos que as construções comparativas compartilham com as estruturas coordenadas a grande maioria das propriedades: impossibilidade de clivagem, impossibilidade de anteposição, impossibilidade de haver extração de constituintes, possibilidade de o conector ligar constituintes não oracionais, possibilidade de o conector introduzir uma oração infinitiva e possibilidade de ocorrência de elipse lacunar.

Relativamente aos vários fenômenos de elipse, as construções comparativas também se comportam de um modo muito semelhante ao das coordenadas, apresentando paralelismo em relação à elipse do SV, à anáfora do complemento nulo e à elipse lacunar.

Vimos que tanto as COs quanto as estruturas coordenadas são ilhas à extração por movimento de apenas um constituinte, apresentando os efeitos da REC, porém, essa extração é permitida desde que seja realizada simultaneamente (movimento-ATB), afetando os dois termos comparados ou coordenados.

Acreditamos, portanto, que a análise das construções comparativas em português como estruturas coordenadas seja a mais apropriada para dar conta da grande maioria das propriedades morfossintáticas dessas construções, contribuindo para a clarificação das estruturas sintáticas que elas podem ocupar e para a investigação dos tipos de relações que os seus conectores podem estabelecer.

Corroboram esta análise a invariabilidade da conjunção *do que* e as evidências apresentadas por Matos & Brito (2008) de que o conector comparativo *do que* se comporta como uma forma “fossilizada”, na qual nenhuma segmentação parece ser justificada em termos sincrônicos. As autoras demonstram que *de* no conector comparativo *do que de* não é uma

preposição, não é autônomo nem é independente do elemento *o que* (cf. (311a)), como *o* é em espanhol (cf. (311b)) e em italiano (cf. (311c)).

(311) a. #Ele comprou mais livros d(e) os que nós compramos. (Matos & Brito, 2008, p. 310)

b. Juan compró más periódicos de los que compró Maria. (Brucart, 2003 apud Matos & Brito, 2008, p. 309)

c. Paolo ha mangiato più biscotti di quanti_i ne ha mangiati t_i Maria. (Donati, 1997, p. 151)

As autoras também demonstram que o comportamento do elemento *o que* é diferente em construções comparativas e em orações relativas. Como podemos ver, em (312), o conector comparativo *do que* não integra um constituinte relativo, mas pode co-ocorrer com ele, já em (313), verificamos que dois elementos-*wh* não podem co-ocorrer dentro de uma oração relativa.

(312) a. Ela é mais alta [do que] [o que] a mãe é.

b. Os críticos elogiaram menos o quadro [do que] [quem] o pintou.

(313) a. *Os críticos elogiaram [o que] [quem] pintou.

b. *Os críticos elogiaram [os que] [quem] pintou.

Dessa maneira, não se pode dizer que, em português, uma construção comparativa de desigualdade detém o estatuto de uma oração relativa. O que se pode dizer é que algumas construções comparativas podem incluir uma oração relativa no segundo termo da comparação. Contudo, nas construções comparativas canônicas de desigualdade no PB não há qualquer estrutura de relativização.

Constatamos também que as evidências levantadas por Souza (2010) não são suficientes para rejeitar a análise de coordenação para as estruturas comparativas, pois, como vimos, tanto as construções comparativas quanto as estruturas coordenadas podem envolver a extração de um elemento QU- dentro da oração matriz e permitem a formação de uma pergunta QU- a partir do sujeito da matriz, o que nos leva a suspeitar que, nesses casos, o fenômeno de extração não envolve apenas a extração do elemento QU- da oração matriz.

O autor ainda apresenta dados de extração e de deslocamento que não seriam permitidos em uma análise de construção comparativa como estrutura coordenada. No entanto, demonstramos que esses não são possíveis em comparativas com todos os argumentos explicitados. Além disso, essas operações não são aceitas em comparativas de igualdade.

5.4 Síntese do capítulo

Na primeira parte deste capítulo, foram aplicados testes sintáticos às orações subordinadas adverbiais típicas, às subordinadas relativas e às coordenadas típicas, para tentarmos identificar o comportamento dessas estruturas face aos critérios que procuram distinguir estruturas de subordinação vs. estruturas de coordenação. Constatamos que há propriedades que permitem distinguir, por um lado, um conjunto de estruturas subordinadas adverbiais, e, por outro, um conjunto de estruturas coordenadas.

Na segunda parte, os mesmos testes foram aplicados às comparativas, para tentarmos identificar o comportamento sintático dessas construções em relação às propriedades que permitem distinguir as estruturas subordinadas adverbiais e as estruturas coordenadas.

Na terceira parte, confrontamos as propriedades sintáticas das construções comparativas com análises propostas no capítulo 3 para as construções comparativas: subordinadas adverbiais, subordinadas complementos ou adjuntos de Deg, subordinadas relativas e estruturas coordenadas.

Constatamos que as construções comparativas compartilham com as subordinadas adverbiais apenas a possibilidade de a estrutura ser coordenada e a impossibilidade de o conector ligar mais do que dois constituintes.

Verificamos que a maioria das propostas se concentra na análise das construções comparativas como subordinadas complementos ou adjuntos de Deg e que o grande problema dessas propostas é tentar dar conta da ordem das palavras que mais aparece nas construções comparativas e, ao mesmo tempo, tentar estabelecer uma conexão direta entre o marcador de grau e o constituinte *than*-XP, evitando a extraposição deste constituinte.

Como enfatizado por vários autores (cf. Donati, 1997; Matos & Brito, 2002), a extraposição é problemática no atual quadro minimalista, que pressupõe que o deslocamento deve ser acionado por razões interpretativas discursivas ou morfossintáticas, e não apenas para se obter a ordem de superfície dos constituintes.

Para evitar a extraposição, Bhatt & Pancheva (2004) propõem que o DegP é originalmente constituído apenas pelo marcador de graus, e que o predicado graduável seleciona o DegP como seu especificador. Então, o marcador de grau se expande encobertamente para a posição de escopo à direita da projeção máxima que contém o predicado graduável, e deixa uma cópia na posição base. Em seguida, há a fusão tardia do predicado de grau como complemento do marcador de grau.

No entanto, como apontam Matos & Brito (2008), esta proposta apresenta dois grandes problemas. O primeiro diz respeito à fusão tardia do predicado de grau, que não se aplica a complementos que possuem a forma *wh*-CP, mas a *wh*-CPs atuando como adjuntos. Outro problema é que esta análise é inconsistente com o comportamento de outras orações em português encabeçadas pela forma *que* como um complementizador, as quais não aceitam orações infinitivas nem elipse lacunar.

Em relação à análise das construções comparativas como estruturas relativas, vimos que, apesar de se poder incluir uma oração relativa no segundo termo de algumas comparativas, em outras não há qualquer estrutura de relativização. Sendo assim, não podemos dizer que as construções comparativas detêm o estatuto de uma oração relativa, pois elas não se reduzem a estruturas de relativização nem se comportam da mesma forma que as orações relativas.

Ao contrário, relativamente às propriedades das estruturas coordenadas, as construções comparativas comportam-se de uma maneira muito semelhante e se aproximam em muitos aspectos, compartilhando a maioria das propriedades: impossibilidade de clivagem, impossibilidade de anteposição, impossibilidade de haver extração de constituintes, possibilidade de o conector

ligar constituintes não oracionais, possibilidade de o conector introduzir uma oração infinitiva e possibilidade de ocorrência de elipse lacunar.

Em relação aos vários fenômenos de elipse, as construções comparativas também se comportam de um modo muito semelhante ao das coordenadas, apresentando paralelismo em relação à elipse do SV, à anáfora do complemento nulo e à elipse lacunar, que é um tipo de elipse característico da coordenação e excluído do domínio da subordinação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como referência o quadro teórico da teoria de princípios e parâmetros, este trabalho teve como principal objetivo contribuir para o conhecimento do comportamento sintático das construções comparativas do português, fornecendo descrições e análises que permitam identificar uma estrutura comparativa canônica.

Além de buscar reunir importantes trabalhos na área de estudo das construções comparativas, este estudo procurou discutir e analisar aspectos sintáticos que ajudem a identificar uma estrutura de natureza comparativa, principalmente quais estruturas sintáticas podem ocupar e qual papel os seus conectores podem desempenhar.

Primeiramente, procuramos definir o objeto de estudo, delimitando o que se entende por “construção comparativa”. Dessa maneira, discutiremos sobre os elementos constitutivos da comparação em PB, a correlação e a hipótese da unidade semântico-sintática entre os elementos constitutivos, as classes de palavras que podem se associar ao primeiro elemento constitutivo da comparação, a natureza categorial dos termos comparados e a distinção entre comparativas oracionais e comparativas sintagmáticas.

Em seguida, para podermos situar melhor as construções comparativas canônicas, procuramos identificar outros tipos de comparações e construções aparentadas, as quais não são veiculadas pelos elementos constitutivos prototípicos da comparação nem envolvem a ordenação de graus ou quantidades entre os dois termos comparados.

Concluimos que as construções comparativas canônicas no PB podem ser definidas como aquelas construções que sempre envolvem a comparação de graus ou quantidades entre os dois termos comparados e sempre apresentam dois elementos constitutivos da comparação que são correlativos, isto é, *mais/menos* é correlativo a *do que* e *tão/tanto* é correlativo a *quanto*. Por isso, elas também podem ser chamadas de comparativas correlativas.

No segundo capítulo, apresentamos alguns fenômenos linguísticos que envolvem tanto as construções comparativas quanto outras estruturas da

língua. Descrevemos os conceitos de grau/quantidade/quantificação, os vários tipos de elipses, as extrações e os movimentos sintáticos.

Constatamos que o que unifica os diferentes casos de construção comparativa é o fato de se definir uma quantidade em função de outra quantidade, tendo em conta que o que se entende por grau é também uma quantidade (mensurável por uma escala digital ou não).

Discorremos sobre os vários fenômenos de elipse que abrangem não só as construções comparativas mas também outras estruturas, como as estruturas de coordenação, que são especialmente propiciadoras de elipse. Dessa maneira, há elipses que podem ocorrer em estruturas de subordinação e também em estruturas de coordenação, mas nem todas as expressões elípticas que surgem em estruturas de coordenação podem ocorrer em estruturas de subordinação.

Relativamente aos vários fenômenos de elipse, as construções comparativas se comportam de um modo muito semelhante ao das coordenadas, apresentando paralelismo em relação à elipse do SV, à anáfora do complemento nulo e à elipse lacunar, que é um tipo de elipse característico da coordenação e excluído do domínio da subordinação.

Além das elipses, vimos também os fenômenos de extração de um único elemento QU- e de extração simultânea (movimento-ATB), que afetam somente as estruturas coordenadas e as construções comparativas.

No capítulo 3, apontamos as principais análises disponíveis na literatura para as construções comparativas e constatamos que as análises propostas apresentam diferenças sintáticas cruciais. Segundo a gramática tradicional, as construções comparativas são orações subordinadas adverbiais; no quadro dos estudos gerativos, são tratadas como subordinadas complementos ou adjuntos de Deg, como subordinadas relativas e como estruturas de coordenação.

Procuramos descrever as principais propostas para as construções comparativas no PB relativamente ao comportamento sintático dessas orações,

quais estruturas sintáticas elas podem ocupar e quais tipos de relações seus conectores podem estabelecer.

Vimos que as gramáticas tradicionais caracterizam as estruturas subordinadas pela função sintática e semântica desempenhada na oração principal e as estruturas coordenadas, pelo contrário, não desempenhando qualquer tipo de função sintática ou semântica na oração dita coordenante.

No entanto, verificamos que não é tarefa simples identificar se uma oração desempenha ou não uma função sintático-semântica em outra oração, e, quando desempenha, qual é exatamente essa função, pois algumas relações encontradas nas subordinadas adverbiais tradicionais são muito próximas das que podemos encontrar nas estruturas coordenadas.

De uma maneira geral, esse panorama serviu para ilustrar a insuficiência da classificação tradicional em relação às propriedades sintáticas que distinguem o domínio de subordinação e o domínio de coordenação e, sobretudo, no que diz respeito às propriedades sintáticas das construções comparativas.

No último capítulo, num primeiro momento, buscamos identificar as propriedades sintáticas das subordinadas adverbiais e das estruturas coordenadas através da aplicação de alguns testes. Constatamos que, quando tomadas na globalidade, essas propriedades permitem distinguir, por um lado, um conjunto de estruturas subordinadas adverbiais, e, por outro, um conjunto de estruturas coordenadas.

Em seguida, aplicamos os mesmos testes às comparativas para identificarmos os aspectos sintáticos dessas construções. Buscamos analisar como as construções comparativas se comportam relativamente às propriedades que diferenciam estruturas de subordinação e estruturas de coordenação.

Por fim, buscamos confrontar as propriedades sintáticas das construções comparativas com as análises de subordinação adverbial, de subordinação complemento ou adjunto de Deg, de subordinação relativa e de coordenação. Procuramos analisar o comportamento sintático das construções

comparativas, apontando semelhanças e diferenças com o comportamento sintático das outras construções.

Constatamos que as construções comparativas não se comportam da mesma forma que as subordinadas adverbiais, pois apresentam muitas propriedades sintáticas que as diferenciam. Enquanto as subordinadas adverbiais típicas admitem a clivagem, a anteposição e a extração de constituintes, as construções comparativas rejeitam-nas. Por outro lado, as subordinadas adverbiais não permitem ligar constituintes não oracionais, introduzir uma oração infinitiva e a ocorrência de elipse lacunar, já as comparativas sim.

Verificamos que a maioria das propostas se concentra na análise das construções comparativas como subordinadas complementos ou adjuntos de Deg e que o grande problema dessas propostas é tentar dar conta da ordem das palavras que mais aparece nas construções comparativas e, ao mesmo tempo, tentar estabelecer uma conexão direta entre o marcador de grau e o constituinte *than*-XP, evitando a extraposição deste constituinte.

Dessa forma, Bhatt & Pancheva (2004) propõem que o marcador de grau se expande encobertamente para a posição de escopo à direita da projeção máxima que contém o predicado graduável. Em seguida, há a fusão tardia do predicado de grau como complemento do marcador de grau.

No entanto, Matos & Brito (2008) apontam que a fusão tardia do predicado de grau não se aplica a complementos que possuem a forma *wh*-CP, mas a *wh*-CPs atuando como adjuntos. Além disso, essa proposta é inconsistente com o comportamento de outras orações em português encabeçadas pela forma *que* como um complementizador, as quais não aceitam orações infinitivas nem elipse lacunar.

Na análise das orações comparativas como subordinadas relativas, as construções comparativas estariam associadas às estruturas de relativização. No entanto, os dados empíricos demonstram que as construções comparativas no PB não possuem o mesmo comportamento das subordinadas relativas, pois, apesar de se poder incluir uma oração relativa no segundo termo de

algumas comparativas, em outras – nas construções comparativas canônicas – não há qualquer estrutura de relativização.

Os dados apresentados mostram que não há evidência para analisar o *que* (do conector comparativo *do que*) e *quanto* como pronomes relativos nem o conector comparativo *do que* como constituído por uma preposição mais um elemento-*wh*. Nas construções comparativas em português, *do que* se comporta como uma forma “fossilizada”, na qual nenhuma segmentação parece ser justificada em termos sincrônicos. Já em italiano, no conector comparativo *di quanto*, *di* é independente e parece ser uma preposição e *quanto* é o especificador do segundo argumento quantificacional.

Por sua vez, as construções comparativas comportam-se de uma maneira muito semelhante com as estruturas de coordenação, das quais se aproximam em muitos aspectos e compartilham a grande maioria das propriedades: impossibilidade de clivagem, impossibilidade de anteposição, impossibilidade de haver extração de constituintes, possibilidade de o conector ligar constituintes não oracionais, possibilidade de o conector introduzir uma oração infinitiva e possibilidade de ocorrência de elipse lacunar.

O comportamento das construções comparativas se assemelha muito ao das coordenadas especialmente em relação aos fenômenos de elipse, apresentando paralelismo em relação à elipse do SV, à anáfora do complemento nulo e à elipse lacunar.

Também vimos que as COs bem como as estruturas coordenadas são ilhas à extração por movimento de apenas um constituinte, apresentando os efeitos da REC, mas que, se a extração afetar os dois termos comparados ou coordenados simultaneamente, o movimento-ATB é permitido.

No entanto, as construções comparativas se distinguem das demais estruturas analisadas porque envolvem a noção de grau/quantidade, isto é, são selecionadas por um quantificador ou por um advérbio de grau. A relação de dependência entre a palavra de grau e o conector comparativo foi o principal motivo invocado pela tradição gramatical para considerar que as construções comparativas são uma instância de subordinação.

Nas análises das construções comparativas como estruturas de subordinação, na expressão comparativa *do que*, temos uma preposição seguida por uma forma de *wh*, sendo *de* independente de *o que*. Segundo Marques (2003), *o que* e *quanto* são pronomes relativos sem antecedente exposto e estão associados a uma variável de grau que ocorre na oração subordinada.

Em inglês, Napoli (1983) e Hendriks (1995) propõem a existência de dois morfemas *than*, um que será uma conjunção, outro que será uma preposição, estando cada construção comparativa associada a um único indicador sintagmático. Assumem, portanto, que nem todas as construções comparativas têm a mesma estrutura, sendo algumas estruturas de coordenação e outras estruturas de subordinação.

Matos & Brito (2002) alegam que, em português, não há evidências de que *de* seja uma preposição independente de *o que* no conector comparativo *do que*, em contraste com *di* em italiano e *than* em inglês. Nesta análise, todas as construções comparativas são estruturas de coordenação e *do que* e *quanto* são conjunções (palavras morfologicamente não flexionáveis) que requerem a presença de um correlato (uma palavra que indica grau ou quantidade) no primeiro termo da comparação. Sendo assim, o primeiro elemento constitutivo (*mais*, *menos* ou *tão/tanto*) ocorre no primeiro termo da comparação e o segundo elemento constitutivo (*do que* ou *quanto*) é o que, de fato, estabelece a comparação entre os dois termos comparados, sendo que *mais/menos* é correlato de *do que* e *tão/tanto* é correlato de *quanto*.

REFERÊNCIAS

- ABNEY, S. *The English noun phrase in its sentential aspect*. Doctoral Dissertation, Massachusetts Institute of Technology, 1987.
- ALARCOS LLORACH, E. *Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. (Trabalho original publicado em 1994).
- BARBOSA, J. S. *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem*. 5. ed. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1871. (Trabalho original publicado em 1822).
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. ampl. e atual. Rio de Janeiro: Ed. Lucarna, 1999. (Trabalho original publicado em 1961).
- BHATT, R.; PANCHEVA, R. Late merger of degree clauses. *Linguistic Inquiry*, v. 35, p. 1-45, 2004.
- BRESNAN, J. The syntax of the comparative clause construction in English. *Linguistic Inquiry*, v. 4, n. 3, p. 275-343, 1973.
- BRITO, A. M. *A sintaxe das orações relativas em português*. Tese de Doutorado, Universidade do Porto, 1988.
- BRUCART, J. M. *La elisión sintáctica en español*. Bellaterra: Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, 1987.
- _____. Adición, sustracción y comparación; un análisis composicional de las construcciones aditivo-sustractivas del español. In: MIRET, F. (Ed.). *Actas del XXII Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románica*. Tübingen: Max Niemeyer, 2003. p. 11-60.
- CARNIE, A. *Syntax: A Generative Introduction*. 2. ed. Malden: Blackwell Publishing, 2006.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1965.
- _____. On Wh-Movement. In: CULICOVER, P. W.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (Ed.). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977. p. 71-132.
- _____. A Minimalist Program for Linguistic Theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Ed.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1993.
- _____. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.
- _____. *Beyond Explanatory Adequacy*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- _____. Issues in adverbial syntax. *Lingua*, v. 114, p. 683-710, 2004.

_____. The semantic classification of adjectives. A view from syntax. *Studies in Chinese Linguistics*, v. 35, n. 1, p. 3-32, 2014.

COLAÇO, M. Coordenação e movimento sintático: os dados do Português Europeu. *Letras de Hoje*, v. 41, n. 1, p. 75-97, 2006.

CORVER, N. *The syntax of left branch extractions*. Doctoral Dissertation, Katholieke Universiteit Brabant, 1990.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DOETJES, J. *Quantifiers and Selection*. Doctoral Dissertation, University of Leiden, 1997.

DONATI, C. Comparative clauses as free relatives: a raising analysis. *Probus*, v. 9, p. 145-166, 1997.

GROSU, A.; HORVATH, J. Reply to Bhatt and Pancheva's "Late merger of degree clauses": The irrelevance of (non)conservativity. *Linguistic Inquiry*, v. 37, p. 457-483, 2006.

GUIMARÃES, M. R. *Dos Intensificadores como Quantificadores: os âmbitos de expressão da quantificação no português do Brasil*. Tese de Doutorado, UFPR, 2007.

HANKAMER, J. Why there are two than's in English. In: CORUM, C.; SMITHSTARK, T. C.; WEISER, A. (Ed.). *Papers from the 9th regional meeting of the Chicago Linguistics Society*. Chicago: Chicago Linguistics Society, 1973. v. III, p. 179-191.

HEIM, I. *Notes on comparatives and related matters*. University of Texas, 1985. Manuscrito.

HENDRIKS, P. *Comparatives and Categorical Grammar*. Doctoral Dissertation, University of Groningen, 1995.

HENDRIKS, P.; HOOP, H. Optimality Theoretic Semantics. *Linguistics and Philosophy*, v. 1, p. 1-32, 2001.

KENNEDY, C. *Projecting the adjective: the syntax and semantics of gradability and comparison*. Doctoral Dissertation, University of Santa Cruz, 1997.

LARSON, R. Scope and Comparatives. *Linguistics and Philosophy*, v. 11, n. 1, p. 1-26, 1988.

LECHNER, W. *Comparatives and DP-structure*. Doctoral Dissertation, University of Massachusetts, 1999.

_____. *Ellipsis in Comparatives*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2004.

_____. Comparative Deletion. In: van CRAENENBROECK, J.; TEMMERMAN, T. (Ed.). *The Oxford Handbook of Ellipsis*. Oxford: Oxford University, 2017. No prelo.

LOPES, O. L. F. *Gramática simbólica do português*. 2. ed. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, 1972.

LOBO, M. *Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português*. Tese de Doutorado, Universidade Nova de Lisboa, 2003.

MARQUES, R. *Para uma semântica das construções comparativas em português*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, 2003.

_____. Construções de grau. In: RAPOSO, E. P. et al. *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. II, p. 2139-2173.

MATOS, G. *Construções de elipse do predicado em português: SV nulo e despojamento*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, 1992.

_____. Estruturas de coordenação. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 549-592.

_____. Elipse. In: RAPOSO, E. P. et al. *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. II, p. 2351-2386.

MATOS, G.; BRITO, A. M. On the syntax of canonical comparative constructions in European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 1, p. 41-81, 2002.

_____. Construções de graduação e comparação. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 729-766.

_____. Comparative clauses and cross linguistic variation: a syntactic approach. *Empirical Issues in Syntax and Semantics*, v. 7, p. 307-329, 2008.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. V. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

MOLTMANN, F. *Coordination and comparatives*. PhD Dissertation, Massachusetts Institute of Technology, 1992.

NAPOLI, D. Comparative Ellipsis: a phrase structure analysis. *Linguistic Inquiry*, v. 14, n. 4, p. 675-694, 1983.

NEVES, M. H. de M.; BRAGA, M. L.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. As construções hipotáticas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2008. v. II, p. 937-1015.

PERES, J. A. Sobre conexões proposicionais em português. In: BRITO, A. M.; OLIVEIRA, F.; LIMA, I. P.; MARTELO, R. M. (Org.). *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, 1997. p. 775-787.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. *A comprehensive grammar of the English language*. Londres: Longman, 1985.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

ROSS, J. R. *Constraints on variables in syntax*. Doctoral Dissertation, Massachusetts Institute of Technology, 1967.

SAID ALI, M. S. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971. (Trabalho original publicado em 1931).

SAPIR, E. Grading: a study in semantics. *Philosophy of Science*, v. 11, p. 93-116, 1944.

SOUZA, L. M. *A semântica da comparação: alguns problemas levantados pelas comparativas com predicados verbais*. Dissertação de Mestrado, UFSC, 2006.

_____. *Comparativas Quantificacionais no Português Brasileiro: sintaxe e semântica*. Tese de Doutorado, UFSC, 2010.

SOUZA, L. M.; PIRES DE OLIVEIRA, R. Aspectos da semântica da comparação metalinguística. In: CELSUL, 8, 2008, Porto Alegre. *Anais do CELSUL 2008*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 1-9.

von STECHOW, A. Comparing Semantic Theories of Comparison. *Journal of Semantics*, v. 3, p. 1-77, 1984.

WHITE, J. Syntax-LF mapping and the internal structure of comparatives. *UCL Working Papers in Linguistics*, v. 10, p. 489-508, 1998.